



5 CURVA DA RO PORTO

PIRACICABA

LIV. 4453

Estudos Regionais Paulistas

ALUÍSIO DE ALMEIDA
JAHYRA B. ARRUDA — JAIR T. VEIGA
NÉLIO F. ARRUDA — OSWALDO CAMBIAGHI

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

Estudos Regionais Paulistas

História da Instrução em Sorocaba (1660 — 1956)

Aluísio de Almeida

Alma de um Povo

Jahyra Boucault Arruda

Tragédia no Sítio da Serra

Jair Toledo Veiga

O Chimango Melchior de Mello Castanho

Nélio Ferraz de Arruda

A Presença Alemã no Brasil

Oswaldo Cambiaghi

PIRACICABA

1989

© COPYRIGHT

todos os direitos reservados ao autor

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Almeida, Aluísio de, 1904-1981.

História de instrução em Sorocaba

Aluísio de Almeida. - Piracicaba, SP : Shekinah, 1989.

Acima do título: Instituto Geográfico e Histórico
de Piracicaba.

1. Educação - Brasil - Sorocaba (SP) - História
- I. Título

89-2459

CDD-370.981612

Índices para catálogo sistemático:

1. Sorocaba : Educação : História 370.981612
2. Sorocaba : Instrução : História 370.981.612

Apresentação

Pela segunda vez, em seus 22 anos de existência, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba oferece ao leitor especializado, aos estudantes de História e aos interessados nas coisas do viver paulista, uma antologia de trabalhos dos seus sócios. Em 1972, publicou a Revista de Estudos Piracicabanos de grande significado para a História de Piracicaba. Agora, com os "Estudos Regionais Paulistas", o nosso sodalício transcende o regionalismo piracicabano e busca uma participação mais plena e objetiva na Cultura de São Paulo.

Não estamos preocupados com definições teóricas ou implicações conceituais. Apenas oferecemos o que existe de bom em nossos arquivos, respeitando as premissas dos seus autores, a sua metodologia de trabalho e o estilo individual, seja do médico, da poetisa, do serventuário cartorial, do professor ou do pesquisador sorocabano. Todos oferecem a sua ótica particular das coisas do mundo, a sua visão de História, construindo os fatos históricos numa vasta e bela trama da Cultura Paulista.

Há dois anos, iniciávamos o nosso mandato na Presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Durante o primeiro ano (1988), lutamos por conseguir um espaço condigno e organizado, próprio para a comunicação da nossa produção cultural. Mesmo assim, colaboramos com a publicação do livro do Prof. Lino Vitti, "Alma Desnuda", oferecendo-lhe papel para a impressão. No presente ano (1989), já organizados numa nova sistemática de trabalho, instalados condignamente no edifício do antigo Forum (rua do Rosário, 781, 2.º piso), podemos oferecer maior contribuição à Cultura Piracicabana, nas mais diversas frentes de trabalho intelectual.

Ao concluir o nosso segundo mandato presidencial entregamos ao público leitor três obras editadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba: —"Piracicaba: 2 Estudos"; —"A Síntese Urbana"; —"Estudos Regionais Paulistas". Com a execução deste projeto editorialista julgamos encerradas as nossas responsabilidades no presente exercício. Levamos a

consciência do dever cumprido e a convicção de que a produção cultural de um Instituto Histórico e Geográfico deve manifestar-se em três níveis: pesquisa, promoção de cursos e publicação de obras.

Piracicaba, 16 de dezembro de 1989

Marly Therezinha Germano Percin
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Aluísio de Almeida — História da Instrução em Sorocaba (1660 — 1956)

Poucas vezes, ao longo dos seus vinte e dois anos de existência, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba teve a satisfação de oferecer à Cultura Paulista o trabalho de um escritor consagrado pela inteligência brasileira e respeitado no estrangeiro. Pensar, que a "História da Instrução em Sorocaba" (1660 — 1956), permaneceu 33 anos guardada no arquivo das obras inéditas de Aluísio de Almeida! Finalmente veio à luz, contando com a autorização da herdeira, da. Maria Aparecida Castanho Alberti, irmã do Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, e pelas mãos do piracicabano Waldemar Iglésias Fernandes, que não mede esforços nem sacrifícios para editar as obras daquele que foi o maior escritor caipira de S. Paulo.

Se um marciano me perguntasse: — Afinal, quem é Aluísio de Almeida? — Eu diria sinceramente: — É o grande escritor do Vale Médio do Tietê; o maior de todos os representantes da cultura caipira. Aquele que em sua vida terrena era um frágil, enfermigo e humilde sacerdote denominado Monsenhor Luiz Castanho de Almeida. Verdadeiramente amigo, sincero e devotado a duas cidades irmãs, Sorocaba e Piracicaba. Aquele que nasceu na pequenina Guareí (SP) em 1904 e faleceu em Sorocaba em 28/02/1981. Em síntese: um Mestre da Cultura Paulista!

O grande caipira, Mons. Luiz Castanho de Almeida é o mesmo Aluísio de Almeida, nome citado em todas as bibliografias de Ciências Humanas da atualidade. É o autor de obras-primas como *Vida e Morte do Tropeiro* (S. Paulo, Liv. Martins Editora, 1971) e *Vida Quotidiana da Capitania de S. Paulo* (S. Paulo, Ed. Pannartz, 1975), além de outras 22 obras de grande valor. Agora o I.H.G.P. tem a satisfação e o orgulho de publicar um trabalho daquele que foi durante muitos anos o seu ilustre sócio correspondente.

Com esta publicação, nós, os piracicabanos, aqui ao pé do Salto, homenageamos o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, bem como todos os sorocabanos e fazemos do Grande Caipira o pendor de uma sólida aliança em proveito de futuras realizações culturais.

Marly Therezinha Germano Perecin

CAPÍTULO I

Primórdios de Sorocaba

1: ÍNDIOS

A palavra Sorocaba, que é o resumo de bossorocaba, quer dizer lugar de bossorocas, rasgão da terra, terra que esborôa.

Sendo assim, foi a terra que deu nome ao rio e não vice-versa.

Tribus do grupo tupi-guarani transitavam por estes campos ao tempo da descoberta do Brasil, comunicando-se, reciprocamente, o litoral atlântico e o centro da América do Sul, por um caminho chamado Peabiru.

Propriamente na região houve tabas esparsas que duravam pouco, tendo-se descoberto ultimamente as igaçabas de um cemitério indígena no Ipanema. Aqui os carijós do Sul, tupiniquins do litoral e tupis do Tietê com os guaranis do oeste, todos do grupo da língua geral talvez com intrusão dos goianás — limitavam-se mutuamente e movimentadamente.

Da língua geral que eles falavam chegaram até nossos dias além do topônimo Sorocaba, os seguintes principais: Araçoiaba, lugar onde o sol se põe; Ipanema, água ruim; Sarapu ou Sarapuí, rio que tem peixe sarapu; Boituva, abundância de cobras; Itinga, água branca; Ipatinga, lagoa branca; Itavuvu, pedra chata grande; Itapeva, pedra chata; Acangüera, lugar da caveira; Itupararanga, cachoeira; Votorantim, cachoeira branca; Cuibá, lugar de cuias; Caguassu, mato grosso; Nhon-Nhon, campo largo; Nhumirim, campo pequeno; Cajuru, boca do mato; Inhoaíba, campo ruim; Itabacaí, ribeiro que salta nas pedras; Taquarivaí, rio de taquaral; Pirapora, peixe pula; Itanguá, água da terra vermelha; Supiriri, rio dos couros; Juru-pará, rio estreito; Indaiatuba, muito indaiá. Possivelmente alguns desses topônimos já foram postos pelos bilingües bandeirantes que, todavia, denominaram portuguêsmente: Mato Dentro, Campo Largo, Terra Vermelha, Campina, Boa Vista, Cerrado, Lageado, Cachoeira, Rio Baixo, Rio Acima, Morros.

E estes mesmos, em parte, são a pura tradução do tupi.

Uma vez denominado Sorocaba em meio do seu curso, as nascentes no Paranapiacaba e a foz no Tietê teriam a mesma designação.

2: POVOAMENTO PELOS BRANCOS

Tudo começou no Morro de Araçoiaba, a três quilômetros do ribeiro Ipanema, no seu tributário, riacho das Furnas, donde até o fim do século passado se retirava o minério de ferro à flor da terra. Cerca de dez anos antes de terminar o século 16, aí fundou Afonso Sardinha, natural de Santos, e filho de um homônimo português, um primitivo engenho e forja para a fundição do ferro. Provavelmente em 1589 descobriu também ouro, aí e nas imediações, em pequena quantidade.

Em 1599-1600 Dom Francisco de Souza, Governador Geral do Brasil, foi pessoalmente ao Araçoiaba, sonhando com minas de ouro, e fundou uma vila sob a proteção de Nossa Senhora do Monte Serrat. Certamente havia rancho de sapé para alguns brancos e os muitos índios cristãos para o trabalho.

O pelourinho, coluna de alvenaria ou madeira tendo ao cimo obrigatoriamente a espada (transformada em cutelo ou faca) da Justiça, era o símbolo da vila. E vila era como as atuais cidades que só têm Câmara Municipal e não são sedes de Comarca.

Na realidade, esse pelourinho com tudo o que ele significava serviu para Sorocaba, como veremos e, se não foi o mesmo concretamente que se transferiu, o simbolismo vinha dele. Isto é, a ficção jurídica.

Na realidade, Dom Francisco de Souza não lavrou decreto criando a vila, nomeando os primeiros vereadores e determinando-lhe os limites.

Também não foi criada paróquia.

Era um arraial de mineradores, que logo se transportaram para o Itavuvu, no campo, pois que as matas do Araçoiaba não se apropriavam economicamente e, quanto à saúde, a uma pequena comunidade isolada. Não encontrando ouro, o ferro não sustentaria os moradores. Espalharam-se. Já desde 1601 Francisco Rodrigues recebeu de Dom Francisco de Souza uma sesmaria de uma légua em quadra, rio Sarapuí abaixo, além do morro do Araçoiaba, desde a tapera de Ibapoara, topônimo hoje desconhecido mas que corresponde a terras da confluência do Sorocaba e do Sarapuí.

Seguindo a sua vocação, digamos horizontal, os bandeirantes haviam ultrapassado a passagem de Sorocaba.

Creio que o caminho seguido por eles desde Afonso Sardinha descia da serra do Piragibu seguindo o vale do afluente do Sorocaba, passando o rio no Itavuvu. O primitivo caminho de São Paulo para o porto do Araritaquaba (Porto Feliz) deixava o Tietê em Parnaíba e subia a serra até o

Apotribu. Daí procurava os campos do Pirapitinguí, onde se bifurcava para Itu e Ipanema¹.

Desde as terras de Francisco Rodrigues até o Campo Largo houve outro povoador: Braz Esteves Leme ou Braz Teves, que chegou nos meados do século XVII e construiu uma capelinha à Nossa Senhora da Conceição, na barra do Sarapuí no Sorocaba.

Já a esse tempo, desde 1628 (mapa da viagem de Dom Luiz Céspedes Xeria ao Paraguai), assinalavam-se moradores rio Sorocaba acima, aliás com o nome de rio Sarapuí.

Parnaíba, de fazenda dos Fernandes Povoadores, tornou-se uma vila (1624) e centro de bandeirismo. Domingos Fernandes afazendou-se em Nossa Senhora da Candelária de Itu (1610).

3: DE SÃO FELIPE A SOROCABA

Dom Felipe de Souza, voltando a S. Paulo em direitura de Madrid, já agora feito Governador das Capitâneas e das Minas do Sul, aprovou a mudança do povoado para Itavuvu, chamando-o São Felipe em honra do Rei da Espanha e Portugal. Com a sua morte em 1611, tudo se paralisou. Não havia mineração. E para plantar mandioca e cereais ainda havia terras mais perto de S. Paulo.

São Felipe também não prosperou. Além disso, lugar sujeito à malária, como se viu até cerca de 1940.

O seu pelourinho fazia triste figura.

Na paragem de Sorocaba,² termo que em documento conhecido só aparece em 1660, mas que foi transmitido oralmente e até modificado pela pronúncia, desde muito antes, André Fernandes que tirou em sesmaria esses verdadeiros principados, dava terras de amor em graça, pois de graça as recebera.

Nem mesmo a grande sesmaria de Baltazar Fernandes parece ter sido requerida diretamente. De fato, em 1634, André, Baltazar e Domingos se reúnem para o inventário de sua progenitora em Parnaíba e entram em composição amigável. Eram unidos. Desde que o sossegado Domingos ficou em Itu e André tinha que ficar em Parnaíba, na casa materna, Baltazar, encantado com estes sítios, escolhera Sorocaba. Por aqui passava freqüentemente. Ainda em 1637, ele e o irmão André, sofreram uma derrota no seu ataque às Missões do Uruguai. Os índios rareavam.

¹ Os pousos marcados pelo governo em 1777 ainda preferem esta rota para soldados em marcha. Apotribu, Mato Dentro, Piragibu, Itavuvu — (Revista do Instituto Histórico de S. Paulo.)

² Não quer dizer lugar de parada, mas região

Sexagenário, Baltazar dedica-se à lavoura em Parnaíba. Grande plantador de trigo, tem um moinho. Em data não sabida, por volta de 1650, estabeleceu-se no Apotribu, a meio caminho de Sorocaba, sua filha Potência de Abreu, casada com Manuel Bicudo Bezarano. Seguindo o Piragibu abaixo, 1641, havia ele dado como dote de casamento à filha Suzana, as terras do Taquarivaí, não longe da atual Aparecida. Parece que, antes de mudarem-se, ele e seus parentes estabeleceram currais de gado, e que ainda no sul do Estado se chamam "retiros", longe da sede da fazenda. Várias vezes vereador em Parnaíba, ainda em 1652, Baltazar representa a sua Vila em S. Vicente, na reunião para a volta dos Jesuítas a S. Paulo.

Em 1654, Baltazar se transferiu definitivamente para Sorocaba, segundo Azevedo Marques e o Livro do Tombo desta Paróquia combinados. De fato o vigário Pedro Domingues Paes, escrevendo naquele livro em 1747, ainda ouviu os velhos darem a data aproximada da fundação: "pelos anos de corenta e seis". Os antigos não pensavam senão nos primeiros povoadores em geral, e já os havia esparsos. Possivelmente os peões (índios administrados) já haviam fundado um estabelecimento de criação de gado. Contemporaneamente se fundava Curitiba, e, quarenta anos depois, já havia um caminho unindo as duas povoações pelo Itararé, e feito a pata de gado².

Também é possível que, em 1646 Baltazar obtivesse a sesmaria de Sorocaba por doação ou compra, e tal documento com razão se conservava entre os herdeiros. Em 1848 cuidava ele em Parnaíba do inventário da filha Isabel.

4: O FUNDADOR ÚNICO, BALTAZAR FERNANDES

Além dos filhos, genros, parentes, amigos de Baltazar que transmigraram da Parnaíba em 1654, houve pois, moradores de outras procedências. Ele porém, é o fundador de quem os outros, mesmo filhos e genros, não passam de ajudantes. Porque na família patriarcal o chefe é absoluto. Além disso, oficialmente é Baltazar quem procura o governador em São Paulo e obtém, a 3 de março de 1661, a provisão para mudança do pelourinho e a nomeação da primeira Câmara. E em 20 de abril de 1660 havia garantido a estabilidade do povoado, fundando um mosteiro beneditino. Baltazar Fernandes era filho de Manuel Fernandes Ramos, português, e de Suzana Dias, paulistana, bisneta de Tibiriçá. Teria nascido no Ibirapuera e acompanhado a família a Parnaíba. Mesmo que aí nascesse, antes de 1624,

² Sesmaria de S. Bento do Sarapuí "no caminho de Curitiba" em 1693

tinha de ser paulistano. Não há assentamento de batismo. Um cálculo aproximado dá o ano de 1580 para o natal do homem que fundou Sorocaba. Octogenário.

A primeira esposa, Maria de Zúñega era de Assunção do Paraguai. Como se haveria realizado tal casamento cerca de 1600? Os de Assunção haviam fundado a Vila Rica de Guaira, perto das Sete Quedas. Como a primeira filha aí nasceu e não houve mais, é de crer que logo faleceu a primeira esposa, podendo ele passar às segundas núpcias com dona Isabel de Proença, paulista. Os genros "castelhanos" somente se mudaram para Parnaíba, onde se casaram, depois de 1630.

Os filhos foram crescendo e casando-se na vila da Parnaíba, onde Baltazar teve, além da lavoura, um engenho de ferro seqüestrado em 1643.

Vivia dona Isabel de Proença ao tempo da mudança, morrendo antes de 1661, porque seu inventário ainda foi processado em Parnaíba.

Em 1653 fora elevada a freguesia a capela de Domingos Fernandes em Itu. André já era protetor da capela de Santo Antônio em Parnaíba. Baltazar quis limitá-los, começando em 1654 a construção da capela de Nossa Senhora da Ponte.

A casa grande, que lá está em ruínas no Lageado é, possivelmente, a mesma ou em parte a mesma, porém, com certeza no mesmo local da primeira casa de Baltazar e de Sorocaba.

Entre a capela e a casa ficava uma Santa Cruz, centro de oração para os parentes e os administrados. Com estes índios que Azevedo Marques diz serem 400, fundaram-se os alicerces de Sorocaba.

5: OS GENROS DE UM FILHO

André de Zúñega, casado com Cecília de Abreu, foi certamente quem mais ajudou o Fundador, morando em sua casa. Bartolomeu de Zúñega e André de Zúñega, foram os que mais auxiliaram. Dom Diogo do Rego e Mendonça, casado com Mariana de Proença, também "castelhano", ou da Espanha, ou do Paraguai, morava pouco mais ou menos, na Vila Progresso e Santa Rosália, ou na barra do Supiriri (Estação Sorocabana).

Manuel Bicudo Bezarano ficou longe, no Apotribu.

Gabriel Ponce de Leon, casado com Maria de Torales, são velhos.

Manuel Fernandes de Abreu, o único filho que veio, retornou em 1667 para a atual rua Barão do Rio Branco, após ter morado em Itu.

6: A CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PONTE E O MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Em 21 de Abril de 1660, estava pronta a capela de Nossa Senhora da Ponte. Baltazar Fernandes rumou para o Apotribu e na casa de seu genro

Bejarano se encontrou com os monges beneditinos de Parnaíba, frei Tomé Batista, presidente (prior) e frei Anselmo da Anunciação, e o vigário padre Francisco Fernandes de Oliveira. Aí o tabelião daquela vila, Antônio Rodrigues de Matos, lavrou no Livro de Notas a doação aos beneditinos de Parnaíba, que ele fazia de sua terça (post mortem) e, desde já, de uma capela, uma roça de mandioca, terras, um moço gentio da terra para sacristia, uma moça para a cozinha, um touro, dez vacas, um moinho, uma vinha, doze escravos gentios. Pela sua morte receberiam eles a terça que podia testar em bens móveis e de raiz, já se contando os que ficam mencionados.

Tinham de construir quatro dormitórios, cozinha, despensa e refeitório. De dizer por sua alma uma Missa todos os meses. De cantar uma Missa a Nossa Senhora da Ponte todos os anos.

O documento copiado por Azevedo Marques no Livro de Notas de Parnaíba não menciona a obrigação, para os padres, de darem a aula de latim e canto. Ela aparece na enorme documentação que se seguiu às questões de foro entre a Câmara e o Mosteiro, que aceitou essa obrigação, ainda antes de 1700.

Assinaram como testemunhas o vigário Oliveira, que era sobrinho de Baltazar, o capitão Jacinto Moreira Cabral, Cláudio Furquim e André de Zúñega.

Em 1695, pelo menos, já estava pronto o Mosteiro pois os populares com o vigário e os vereadores aí foram bater, à portaria, a desoras para impedirem que os monges se fossem embora, devido a questões de terras com a Câmara.

Estas questões somente ficaram reguladas com a composição de 1724, que tomou por base a primeira Santa Cruz, partindo daí a rua Capitão José Dias até o cunhal de São Bento e descendo para o caminho para Paranapanema, desde o Convento pela rua atual Arthur Gomes (um pouco antes) e do lado do rio, à rua Santa Cruz. À esquerda desses limites, São Bento, que allás, já concedera toda a rua Padre Luiz a começar da cruz da frente da sua igreja beneditina. A direita ficou pertencendo ao rossio da Câmara que concedeu datas e abriu ruas.

7: SALVADOR CORRÊIA DE SÁ E BENEVIDES (1601 — 1688) — O MUNICÍPIO

Achava-se em São Paulo esse fluminense (esposo de uma senhora argentina), já notado nos feitos militares, por ocasião da expedição à Angola, donde expulsou os holandeses. Era governador local do Rio com jurisdição no sul do Brasil, e estava justamente em São Paulo porque os

seus patrícios cariocas o haviam quase expulsado. Tornou-se amigo dos paulistas, favorecendo-lhes as caçadas aos índios para a alimentação ou braços dos engenhos fluminenses.

Baltazar Fernandes o procurou. Tratava-se de fundar a vila, isto é, o município, na povoação de Sorocaba. Havia o mínimo de 30 casais na redondeza, o mínimo necessário para uma vila o que não quer dizer que eram 30 casas arruadas junto à capela.

Salvador Correia não podia, como pôde Dom Francisco de Souza, criar vilas na capitania de São Vicente e de Santo Amaro, direito que competia aos donatários por seus tenentes. A região de Sorocaba pertencia àquelas léguas de costa do segundo quinhão de Martim Afonso, Capitania que passara a ter como vila capital Itanhaém, desde 1624. Salvador Correia contornou a dificuldade: deu licença para a mudança do pelourinho, símbolo da vida, que Dom Francisco de Souza fizera erigir no Araçoiaba (1600) e já estava em São Felipe desde 1611. E no dia seguinte a esse, que era 3 de março de 1661, nomeou a primeira Câmara, que, após um ano seria sucedida pela Câmara eleita no sistema de pelouros. Salvador Correia pelo menos avistou os campos de Sorocaba e o Araçoiaba e conheceu o rio Sorocaba na foz, quando passou Tietê abaixo para o Paraguaí em 1630.

8: PRIMEIROS VEREADORES

Eis os nomes dos primeiros vereadores: Baltazar Fernandes (juiz presidente), Pascoal Leite Pais, André de Zúñega, Cláudio Furquim e Domingos Garcia (vereador e procurador), o qual deve ter sido Diogo Domingues Garcia. Trata-se de possível engano de quem publicou o manuscrito. O escritor era Francisco Sanches de Aguiar, professor de gramática.

9: SÍNTESE DOS CICLOS ECONÔMICOS

9.1: CICLO DA CAÇA AO ÍNDIO

Os bandeirantes sorocabanos, primeiro de residência depois de nascimento, viajavam para o oeste e o sul o Brasil, em busca de índios para as suas culturas e para venderem fora do município, ao preço de 20 mil réis por peça, como se dizia. Seu itinerário tanto era por via terrestre, descendo pela estrada do Supiriri ou subindo pela do Cerrado, quanto por água, embarcando em canoas sob a ponte e também em Ararituaba, (Porto Feliz). De volta preferiam subir o Paranapanema e um seu afluente até o campo onde avistavam o Araçoiaba.

Os documentos mandados copiar em Sevilha por Affonso de Taunay, mostrando um campo fortificado no atual sul de Mato Grosso, no M'Botetê foram plenamente confirmados pelos assentos de batismos de adultos infieis e sua referênciã ao nome dos respectivos senhores, que encontramos no arquivo paroquial. Isto foi entre 1680/1700, pouco mais ou menos. Escrevendo entre 1709 e 1720, o autor do SANTUÁRIO MARIANO lembra que ituanos e sorocabanos freqüentavam os sertões do Cuiabá.

9.2: CICLO DO OURO

Não alcançaram a descoberta do ouro o primeiro Pascoal Moreira Cabral, André de Zúñega e alguns mais. Foram caçadores de índios, e, desde 1719, passaram ao ciclo do ouro de Cuiabá, o segundo Pascoal Moreira Cabral, fundador daquela cidade em 1719, Miguel Sutil, João Antunes Maciel e seus filhos João, Antônio, Gabriel e Miguel Antunes Maciel. Muitos, como João Antunes Maciel, o Velho, mineravam em Minas antes da guerra dos Emboadas. Outros, como os Domingues e o segundo Gabriel Ponce de Leon procuraram o Distrito diamantino.

A maior expedição povoadora de Sorocaba para o Cuiabá foi a do Capitão-mor Fernão Dias Falcão, parnaibano aqui residente em 1723. Levava até um escravo barbeiro e sangrador, ferro, sal, pólvora e escravos africanos, os quais começaram a aparecer em nosso povoamento com mais abundância depois de 1700.

Muitos voltaram pobres para morrer na terra. Outros, como Antônio Antunes Maciel, que morava no rio Pirapora, trouxeram escravos bororos para a sua cultura, e o coronel Antônio de Almeida Falcão, do Rio Abaixo, ainda voltou a navegar o Tietê e o Paraná, guiando a expedição oficial que em 1753 levou os marcos da Comissão de Limites ao Paraguai.

No alto Paraguai, e, já nas águas amazônicas, salientaram-se os irmãos Artur e Fernão Pais de Barros, cujos assentamentos de batismo ainda existem, fundadores da cidade de Mato Grosso, mas já em expedições de Cuiabá, onde residiam estes filhos e não netos de João Martins Claro.

Nada aparece em Sorocaba do ouro do Cuiabá. Parece que tudo ficava por lá na compra de mantimentos, de escravos e das coisas para a volta. A passagem deste ciclo econômico para o das tropas e das feiras, todavia, aproveitou esses pequenos capitais e principalmente o capital da coragem e do valor.

Dos Maciéis parece que Felipe somente lidou com o ciclo do tropeirismo, sendo seu mais notável representante Bernardo Antunes Rolim de Moura, cuja fazenda de Nossa Senhora do Populo é a mesma "São Francisco".

9.3: CICLO DO TROPEIRISMO

Os primeiros negociantes de animais e seus camaradas, depois peões, começam transportando boiadas e cavalos de Curitiba para São Paulo e o Rio, desde cerca de 1693, quando já havia a estrada para lá. Somente em 1732, Cristovam Pereira de Abreu ligou Curitiba a Laguna e às campanhas do rio da Prata, passando por Sorocaba e caminho de Minas em 1732-1733, com 5000 cabeças de muares e ajudado por tropeiros seus sócios e abridores do caminho. O muar não era criado senão no sul, e foi o motor vivo muito valorizado. Os impostos pagavam-se em Itu e Sorocaba, aos militares que governavam as vilas. Ainda não havia a feira. Esta principiou depois que, em 1750, Gomes Freire de Andrade estabeleceu na ponte o Registro de animais, sendo seu primeiro administrador Luiz Teixeira da Silva. Negociavam-se o ano inteiro e principalmente passavam para São Paulo boiadas e até porcadas, mas nos dois meses da feira, abril e maio, a junho e julho, os negócios eram de tropas de cavalos de Curitiba e Guarapuava e muares do Rio Grande do Sul, ficando a palavra tropeiro reservada aos que lidavam com esse gado, enquanto no Rio Grande eram também tropeiros os boiadeiros. Os gaúchos, os baianos e os mineiros encontravam-se em Sorocaba e daí não passavam, enquanto os sorocabanos iam ao sul buscar tropas e continuavam tangendo-as para o norte havendo os peões que ali residiam e domavam animais para tropa arriada. Ao ciclo do tropeirismo pertencem o do algodão arbóreo, de que se teciam redes e panos grosseiros para exportação, e o artesanato mui variado, ligando-se a objetos de couro e a ourivesaria da prata, depois as peças de ferro dos arreios e até facas, tudo vendável na feira.

Nos meados do século passado, havia em Sorocaba cerca de trinta ourives trabalhando o ano todo para a feira. O número de cavalos e muares, que deixavam na coletoria pouco mais de três mil réis por cabeça, foi subindo de 10 a 100 mil por ano e abaixando a 10 mil, aos anos das últimas feiras, 1897 e 1903.

9.4: CICLO DA PECUÁRIA

Acompanhando o do tropeirismo existiu sempre o ciclo local da pecuária, criação de gado vacum, cavalos e até muar nos campos do município, e de suínos na roça de milho. Na província aumentou o açúcar desde Dom João VI. O de Sorocaba obtinha-se em meia dúzia de grandes engenhos nas terras boas da serra de São Francisco, do Salto, do Cagüaçú, dos Madureira, Aires, Prestes, grandes senhores, e sobrava para a exportação, mas, principalmente a pinga se exportava de dezenas de enge-

nhocas. Também o café chegou a Sorocaba, nos quintais cerca de 1800, e em grandes plantações em meia dúzia de fazendas para os lados de Salto de Pirapora e Campo Largo, cerca de 1825/1830, mas eram apenas algumas manchas de terras apropriadas. Plantou-se o chá da Índia até 1850, para o consumo local.

9.5: CICLO DA INDÚSTRIA — 1852, E DO ALGODÃO HERBÁCEO — 1862

A grande variedade das pequenas indústrias mecanizadas de hoje tem a longa tradição do artesanato, como aconteceu em cidades francesas. Mas a base principal foi o algodão. Manoel Lopes de Oliveira em 1852, mês de agosto, fez subir a lombo de burro pela serra do Mar as primeiras máquinas de fiação e tecelagem que a loura Albion mandou para São Paulo. (Notícia no jornal paulistano "O Ipiranga").

Em 1855 ficou mecanicamente produtos para comércio (seu ofício, dez anos depois, ao Ministro da Agricultura). E teceu pano que não entrou no comércio, parando logo a fábrica por boicotagem ou incompetência dos escravos (Notícia no "O Americano", jornal de Sorocaba, de 1866, redigido por Francisco de Paula Oliveira e Abreu.

Oliveira e Abreu, vizinho de Lopes, 1848 em diante, plantou amoreiras, criou o bicho da seda, inventou em 1852 fusos de máquina manual, fiou a seda, tudo documentadamente, inclusive em publicação sua existente, e também teceu uma "écharpe", segundo a tradição. Fracassou comercialmente, enrolou botões com a sua cara seda e passou para a história dos pioneiros com a alcunha gloriosa de Chico Botão. Em Dezembro de 1862, José Ferreira Braga, filho de Francisco Ferreira Braga, que comerciava com os tropeiros, e Ana Teresa Batista, plantou no Pirapora as primeiras sementes de algodão herbáceo distribuídas pela Inglaterra, e em 1863 e 1864 Manoel Lopes de Oliveira na Chácara Amarela, e Francisco Gonçalves Machado em Santa Rosália, plantaram as sementes vindas da Sociedade Auxiliadora do Rio. Em 65 e 66 eles e Roberto Dias Batista, (este no Salto do Pirapora) estenderam suas lavouras de sete alqueires e mais. Em 66 chegou Maylasky, o Rei do Algodão e maior exportador e comprador, revendedor de máquinas.

Também não foi feliz na sua Fábrica de tecidos, que ficava onde é a estação da Sorocabana, abandonando teares antes de funcionamento e entregando à fundação da Sorocabana (1872-1875). Manoel José da Fonseca fundou em 1881 e inaugurou em 02 de dezembro de 1882, a grande fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte. Em 1890 o Banco União de São Paulo, fundou a fábrica de tecidos e a marmoraria do Votorantim e Ituparanga, usando pela primeira vez a energia hidro-elétrica. Do mesmo ano a Santa Rosália, a vapor; de 1896 a Santa Maria, também a vapor. Os Lichtenfels em 1905 tiram 2000 cavalos de força diretamente do salto do

Sorocaba, acima do Itupararanga. Em 1913 a "São Paulo Electric" inaugura acima desses saltos do Sorocaba e Itupararanga a represa deste nome e no mesmo ano, a Estamparia rouba as águas que correm ao Paranapanema, a usina de Pilar.

9.6: CICLO DA LARANJA E DA CEBOLA

Começou pouco depois de 1900, devendo-se ambos sobretudo à Colônia Espanhola.

9.7: CICLO DAS ESCOLAS

Não se trata, é claro, de um ciclo econômico. Mas influi sobre a economia, formando técnicos como os da Escola Profissional fundada por Júlio Prestes em 1929, e a Escola do Senai, recente, da Estamparia, e mudando a mentalidade, arejando. Decorre financeiramente da indústria, quer diretamente, quer por via do município industrial. Começou em 1928. São Paulo e o Brasil não têm um município, talvez, que tanto goze com a instrução, inclusive a superior que beneficia o Estado e a Nação.

10: SÍNTESE POLÍTICA

Baltazar Fernandes era Capitão, chefe de prestígio local e nacional. Até 1821, as eleições pelos pelouros não davam lugar a partidos, mas a parcialidades localmente. As câmaras municipais escolhiam os capitães-mores nomeados pelo Governador. Na realidade, o povo só podia desejar estar bem com o Governador, delegado do Rio, por meio do Capitão-mor, delegado do Governador e do Rei.

Percebe-se que há facções, porque os cargos rendosos, como os Registro de animais, são cobiçados e ficam em família. Curiosamente, seus detentores, Salvador de Oliveira Leme, o Sarutaiá, Paulino Aires de Aguirre (seu genro), Antônio Francisco de Aguiar (genro de Paulino) e Rafael Tobias de Aguiar (filho de Antônio Francisco), não são das famílias de Capitães-mores, sendo o Sarutaiá apenas de Itapetininga, e Antônio Francisco e Tobias oficiais de segunda linha, para manterem socialmente a igualdade com os capitães-mores.

Nas primeiras eleições democráticas, de 1821, para deputados às Côrtes de Portugal, aparecem nitidamente dois chefes, Tobias e José de Almeida Leme, este, dos capitães-mores, e ambos em 1837 ligam-se respec-

tivamente aos partidos nacionais liberal e conservador. Tobias chegou à revolução em 1842, ajudado pelos Lopes de Oliveira e outros. Conservadores foram os Correia, os Loureiro, os ricos em geral.

Olivério Pilar (da Cruz Alta) e Benedito Pires (da Cutia) fundaram o Partido Republicano, que, em 1873, enviou a Itu seus três representantes, João Lício Gomes e Silva, escrivão, Joaquim Rodrigues da Silveira, sitiante, e Antônio Joaquim Lisboa e Castro, artesão. Quando na manhã de 17 de Novembro de 1889, Olivério Pilar desembarcou na Sorocabana, vindo de São Paulo, com a bandeira das listas, houve pouco povo, geralmente das classes pobres que acompanhou a Câmara para a mudança local do regime, após o discurso de Júlio Ribeiro. Cantavam a Marselhesa, como no Rio e em São Paulo.

Como Ferreira Braga, o chefe liberal, aderisse, mais o conservador Loureiro e o liberal general Mascarenhas Camelo, Olivério e Benedito, "históricos", perderam a direção política, que o segundo recuperou mais tarde. Por sua vez Braga, que era *ameriquista* caiu com Deodoro e Américo, tendo havido um levante popular, como em todo o Estado, antes mesmo da vitória na Capital. O chefe deste levante em Sorocaba firmou-se na massa; era o construtor de Fábrica Votorantim, o ituano Calixto de Paula Sousa. Ele e Álvaro Soares, apoiados por Nogueira Padilha e outros, dirigiram a política até 1900 e 1913, respectivamente. Em 1900, era chefe o vereador recém-formado Luiz Nogueira Martins, que chega a deputado e senador, mas deixa de residir na cidade, enquanto cresce o prestígio de Luiz Pereira de Campos Vergueiro, chegado em 1905 como promotor e eleito deputado em 1911. Vergueiro foi ficando só com a morte de Joaquim Marques Ferreira Braga, o doutor Braguinha, filho do velho Braga, e a saída de Francisco Loureiro em 1911, mais a desistência de Álvaro Soares, prefeito em 1913, homem estimado das massas, mas muito sentido quanto a qualquer artigo de jornal. Luiz Vergueiro, senador estadual, perdeu a direção política com a ascensão de Júlio Prestes à presidência do Estado, em 1926. Apoiados no velho P.R.P., seus sucessores Renato Mascarenhas, João Padilha, João Machado, João Ferreira da Silva, Isaac Pacheco e outros, com esse partido caíram em 30. A famosa Frente Única e a Revolução de 32 uniram esses contendores de novo, continuando a lua de mel na Chapa Única de 1934, mas em que se renovava o P.R.P. com elementos mais jovens, como Afonso Vergueiro e Jorge Betti. Havia acabado para sempre o dualismo: governistas e oposicionistas, pessoas com amizades próprias, como Dona Francisca da Silveira Queiroz, se elegiam vereadores. Assim, a pluralidade de partidos de 1946, fez desmoronar de todo quaisquer prestígios políticos baseados num passado de família ou de mando, ajuntando-se, como elemento principal, a simpatia das massas que muitas vezes depende, como em todo país, da propaganda.

10.1: ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

O município colonial construiu a primeira ponte grande, que já era velha em 1732, e a reformou em 1818. A primeira casa de Câmara (Baltazar Fernandes) e as primeiras prisões e pelourinho (este foi reerguido ainda em 1812).

A segunda Casa da Câmara, com a Cadeia em baixo, estava em construção em 1805, na esquina da rua da Cadeia (Barão do Rio Branco), continuando-se com as casinhas que chegavam até a rua Direita, onde terminavam com a casa do Talho ou Açougue Público, tudo pronto cerca de 1812. Numa só casa de sobrado, o poder legislativo e o judiciário e policial, em seguida o mercado de gêneros da terra e o açougue, tudo vigiado pelo juiz Almotacel, que se elegia cada três meses e cuidava dos pesos e medidas, dos atravessadores, das reses matadas ali na atual "São Paulo Eletric" (escritório) e, principalmente, dos preços. O Juiz Ordinário era eleito anualmente com os vereadores e dava audiência em cartório, presidia aos inventários e até as pequenas causas civis e criminais. Efeituava as prisões o Capitão-mor por si, ou por seus soldados-cidadãos da ordenança, e principalmente, pelos alcaides, verdadeiros policiais da época. As ruas não tinham nenhum serviço público, nas festas os proprietários limpavam e varriam as testadas. Não havia meio fio, mas o arruador determinava a localização das casas. Como em todo o Brasil, a transformação da colônia em Reino Unido, e especialmente em Sorocaba, a presença de gente de fora, por causa do Ipanema, causaram melhoria urbana, começando-se o calçamento das ruas com pedras pela ladeira da ponte, no meio. A rua Direita, assim calçada como se pode ver em Ouro Preto, tinha a sargeta no centro, em vez de ser abaulada. Dom João VI auxiliou a construção (reforma) da matriz e criou o mestre régio. Todos os caminhos eram feitos de mão comum pelos moradores, menos para São Paulo e Itapetininga, por causa das tropas.

No tempo do Império foi maior essa ajuda governamental. Quanto à Província, esta tirava de Sorocaba a sua máxima renda, razão porque, com o prestígio de Tobias, a mesma construiu a ponte de pedra (1841-1855), e muito ajudou na construção da Câmara e Cadeia, inaugurada em 1863. E também ajudou no ensino primário e secundário.

Do tempo do Império são a iluminação a azeite, em 1846, a querosene, em 1863 e à nafta em 1878, voltando-se ao querosene até 1900.

Também os chafarizes de 1886 com respectivo encanamento de ferro; macadame ou pedregulho socado nas ruas, desde 1863; praças arborizadas, mas não jardinadas, meio fio, ruas abauladas, relógio público, desde 1841 e meridiano, desde 1868.

O mercado é de 1884 no local de hoje. Houve matadouros em Santo Antônio desde 1834, na margem do rio (estação Paula Sousa) e na rua Pedro Jacó em 1885.

A província cuidou da estrada geral do sul que atravessava Sorocaba, largando-a em 1875, com a inauguração da Sorocabana. A Câmara fez pontes no Sarapu e no caminho de Porto Feliz. De 1863 é o Cemitério da Saudade.

A administração na primeira República começou os trabalhos de águas e esgotos em 1900, e é um trabalho sem fim, sempre aumentando. A luz elétrica foi inaugurada definitivamente em 1901, por empresa particular. A "S. Paulo Electric" possibilitou o serviço de bondes, desde 1915.

Somente em 1920 é o começo do calçamento com paralelepípedos. A partir de 1913 as estradas de automóveis serviam também para qualquer rodagem, e, em 1923, passa por Sorocaba a estrada só de automóveis São Paulo-Curitiba, asfaltada em 1954. O primeiro e belo jardim público é de 1898, o jardim que depois de 1915 ficou popularmente chamado o dos Bichos. Nesse ano arborizou-se a praça da Matriz e fez-se o coreto grande para os concertos, que já se haviam mudado do jardim para a praça.

O teatro "São Rafael" passou a ser municipal em 1909 e depois de 1935, foi adaptado para Prefeitura Municipal.

As dificuldades da Prefeitura são muito grandes quanto aos serviços públicos, porque o loteamento das chácaras com o nome de vilas não obedeceu a plano urbanístico, formando excrescências ao longe.

10.2: MUNICÍPIO E DESMEMBRAMENTOS

Sorocaba não foi desmembrada de São Paulo em 1599/1600 quando se ergueu o pelourinho no Araçoiaba, como devia ser.

Não houve leis para isso. Os inventários antes de 1661 eram processados em Parnaíba. Dessa data em diante se fixam aos poucos os limites com Itu e Parnaíba (e o sucessor desta, São Roque). Em 1720, o Ouvidor Rafael Pires Pardinho fixou os limites entre Sorocaba e Curitiba pelo rio Itararé. As cumiadas da Paranapiacaba, a serra de Botucatu, o Paranapanema e o Tietê, desde a foz do Sorocaba, eram os vagos limites, donde se foram desmembrado municípios, sendo os penúltimos, em 1857, Campo Largo e Piedade e o último em 1950, Salto de Pirapora.

10.3: COMARCA

Sorocaba pertenceu à Câmara de São Paulo até 1811, quando passou à de Itu. Em 1852 a sede da Fidelíssima Comarca de Itu era Sorocaba. Em

1858 voltou a Itu. Em 30 de Março de 1871 foi definitivamente criada a Comarca de Sorocaba.

11: A SOCIEDADE

11.1: NA COLÔNIA

Clero, nobreza e povo, o tríptico da monarquia lusitana, esteve em plena vigência em Sorocaba até 1824, quando se cumpriu o dever do juramento à Constituição. Ainda dessa vez, aparecem nitidamente as assinaturas dos padres, dos oficiais de milícia e de ordenanças com os vereadores, e o povo, que assina em cruz. Em 7 de Setembro desse ano houve um motim, já agora perfeitamente democrático, pois só assinaram em cruz, mas ainda assim, pelo sistema antigo, o mesmo que elevou Dom João I ao trono, um levante oficializado na Casa da Câmara e a toque de sino. Assim abriram duas ruas em terrenos de pessoas nobres, 7 de Setembro e Constituição, e na demanda que se seguiu nos tribunais, até última instância, o advogado do povo vale-se das velhas Ordenações sobre direitos de aguadas e servidões públicas. Os dois donos de tais terrenos, Américo Aires e Joaquim Ferreira Barbosa, pertenciam à nobreza por serem homens bons (da governança da vila), por não usarem ofícios mecânicos, reservados ao povo, e por serem também ricos. Mas, a maioria da nobreza paulista não constituía a aristocracia do dinheiro. Em 1805 os netos de José de Barros Lima provaram com testemunhas que se tratavam à lei da nobreza, sem exercerem ofícios mecânicos, habilitando-se assim a uma herança.

Naturalmente o sitiante e fazendeiro podia pegar nos instrumentos de trabalho, construir a casa, etc, sem perder o estado. Ninguém gostava de ser apenas vereador, depois que já era homem bom por uma primeira eleição. A não ser os que gostavam de grandeza ou de política local. Mas oficiais das ordenanças todos queriam ser, p. ex., como aconteceu com os seus sucessores da Guarda Nacional (1831), para não serem recrutados, nem presos em prisão comum.

O povo eram pequenos sitiantes e todos os artesãos, peões, camaradas, etc., mas podiam chegar à nobreza, mudando de ofício, subir nas milícias desde soldado raso, casar-se na nobreza, como acontecia com os portugueses recém-vindos.

Os escravos vermelhos e pretos nem eram povo, eram coisares.

Felizmente as classes não eram castas, havia muita compreensão, e o povo fornecia novo sangue à nobreza e ao clero, havendo neste muitos filhos naturais. Na colônia, os escravos, depois simplesmente caboclos livres de raça índia, tinham ascendido à nobreza, em sua descendência, porque, aliás, todos os descendentes de João Ramalho tinham o lado indígena. No Império houve titulares com raça africana. Isto quer dizer que, se

não se houvessem mudado as instituições, existiria com o tempo gente de cor na nobreza de toga e de farda.

Fidalgos propriamente não havia, senão como descendentes de cavaleiros antigos. Nem a alta hierarquia dos raros e valiosos títulos portugueses.

11.2: NO IMPÉRIO

A constituição de 1824 acabou com a nobreza formando em si uma classe, e seus descendentes nem por isso deixaram de seguir antigos costumes, guardando suas genealogias, seus instintos hereditários de mando, cujo recalque vinha à tona nas lutas políticas. Conservaram na cidade os sobradões em cujas lojas podiam negociar como em Portugal, sem desdouro, para a sua classe. Preferiam para genros os calxeiros portugueses que reerguiam suas casas e tinham nos sítios e chácaras as casas grandes com as suas senzalas e capelas. Até 1875, pouco mais ou menos, ano da inauguração da Sorocabana e da morte de um desses, o maior, o bondoso Capitão Chico (Frei Francisco Xavier de Barros).

A nobreza não se sustenta sem dinheiro. Acabava-se a feira em que eles empregavam seus ouros. Café e cana, o terreno não dava. Os Pais de Barros retiram-se para zonas cafeeiras com palacetes em São Paulo; os Lopes de Oliveira, os Camargos Fleury, os Nogueira e tantos outros procuram outras terras. Coincide o auge do Partigo Republicano, que acolhe pequenos funcionários, artesãos, pequenos comerciantes. Quase no mesmo ano Sorocaba recebe estrangeiros em quantidade, já os havendo antes alemães, os quais, e os que acabamos de lembrar, formam as classes médias e a pequena burguesia. Vivia em Sorocaba apenas um titular, o Barão de Mogi-Mirim, na rua das Flores e seu sobrado-palácio era grandioso. Naturais de Sorocaba, residiam fora outros titulares. De 1875 em diante, as classes médias dominam; escravos há poucos, pois o café baldeava toda essa pobre gente. Mas é então também que nasce o proletariado.

11.3: O ABOLICIONISMO EM SOROCABA

Em 1868 escreveram, imprimiram e levaram à cena figurando com atores, o drama "O Soldado Brasileiro", que é um libelo contra os escravocatas. O personagem principal não pôde casar-se com a moça branca e foi recrutado para o Paraguai. No ano seguinte, o sorocabano Dr. Vicente Eufrário da Costa Abreu, abolicionista e republicano, escreveu o drama "Os Mártires da Escravidão", que fazia chorar os espectadores. Em 1870 ao

Em 1870 ao chegarem os voluntários sorocabanos, no banquete que lhes foi oferecido, fundou-se uma "Sociedade Emancipadora" e redimiu-

se uma criança. A tal sociedade parou suas atividades diretas. Mas a propaganda pelos jornais fez que fossem libertados muitos cativos. Júlio Ribeiro no "Sorocabano", desde 1870 e Manoel Januário de Vasconcelos no "Ipanema", desde 1873, e no Diário de Sorocaba, desde 1882, foram grandes abolicionistas. Republicano era sinônimo de abolicionista. Assim Olivério Pilar, Antônio Joaquim Dias, Benedito Antônio Pires, João Clímaco de Camargo Pires e Álvaro Soares (estes muito jovens).

O Clube Palestra era constituído por maioria de abolicionistas, apesar de encontrar-se no seu rol de sócios um conhecido monarquista Antônio Gonzaga de Sá Fleury.

11.4: NA REPÚBLICA

Houve e há alguns ricos, grande classe média e enorme proleteriado. Muita compreensão e grande e verdadeira democracia.

CAPÍTULO II

1: Escolas Primárias

1.1: A ORDEM DE S. BENTÔ E BALTAZAR FERNANDES

Em 1654 chegou Baltazar Fernandes de Parnaíba com seus genros e parentes, à margem esquerda do rio Sorocaba, onde construiu a sua fazenda de cereais, algodão e até mesmo vinha, com cerca de 400 administrados indígenas que havia, pessoalmente, procurado nos sertões do centro da América Meridional. A povoação mais próxima, Itavuvu, estava se desintegrando. Não contente com a primeira santa cruz mui tosca e oratório familiar, principiou a construir em local mais alto a capela de Nossa Senhora da Ponte. Em 21 de Abril de 1660 entregou-a, já pronta, à Ordem de São Bento, com as condições seguintes: os monges construiriam ao lado um convento, fariam anualmente a festa de Nossa Senhora da Ponte em sufrágio por sua alma. Eles abririam uma escola para ensinar latim e cantochão aos meninos de Sorocaba, condição aceita para a composição das questões do terreno com a Câmara, como já dissemos.

1.2: A PEDAGOGIA DO TEMPO

É preciso lembrar que naquela época a única instrução superior era a que conduzia ao sacerdócio. Segundo penso, na aula de latim se incluía o clássico programa de ler, escrever e contar, nos casos em que os alunos não viessem de casa sabendo essas matérias, que mestres particulares ou os próprios pais ensinavam. É possível também que se tivesse em mira fornecer preparatórios a poucos "pretendentes às ordens". Quando não tivessem nessa pretensão eram aproveitáveis, em sua cultura maior que a do ambiente para mestres primários, escrivães, futuros licenciados cirurgiões. É, certamente o Fundador desejava o esplendor ao culto, com Missas cantadas em bom latim. A música polifônica ainda não substituiu o velho cantochão. O Fundador conhecia beneditinos, pelo menos em S. Paulo, e Parnaíba e seu lema: "ORA ET LABORA".

1.3: CONDIÇÕES MATERIAIS PARA A CULTURA

Deu-lhes, por isso, um campo de uma légua em quadra para a criação, incluindo já as 12 vacas e 1 touro, roça de mandioca, vinha, um casal de escravos índios. E principalmente o direito de foro sobre essas terras, a que em 1693 os monges acrescentaram outras tirando uma sesmaria além do rio Sarapuí, no caminho de Curitiba, que já existia.

1.4: OS MONGES CUMPRIRAM A PROMESSA

Quem percorrer os livros de casamentos de Sorocaba desde 1679, nota que as testemunhas assinavam, e bem, os seus nomes. Quem anotar o número de sorocabanos que se ordenaram ou se fizeram monges e frades, concluirá que, embora poucos, a começar do padre Braz de Almeida, neto de Baltazar, foram alunos de uma escola que só podia ser a de São Bento.

O ÚLTIMO MONGE ENSINANTE

Mas esta suposição adquire certeza, quando se lê exatamente o nome do último professor, o monge Vicente Ferreira, que existia ao tempo de Dom João VI. Pedindo a este Príncipe regente uma escola régia, a Câmara de Sorocaba chorava a transferência de Frei Vicente, o último que ensinou os meninos em São Bento.

1.6: CONCLUSÃO

Embora com dois ou três padres, um deles o Presidente, título correspondente ao atual de Prior, a Ordem Beneditina manteve durante século e meio o ensino primário — secundário em Sorocaba. E também muito provável, para não dizer certo, que em 1669, já ensinava gramática, Francisco Sanches de Aguilar, que foi escrivão da 1.^a Câmara e tinha aquela profissão.

1.7: O MESTRE RÉGIO

O saudoso professor João Lourenço Rodrigues deixou-nos em "Um Retrospecto" uma descrição colorida do antigo mestre-régio, nome que o

povo dava ainda, aí por 1870, aos já professores de primeiras letras. Até os primeiros anos da República a letra entrava com sangue, tal como entre os Romanos. A bolos de palmatória, a "Santa Luiza dos cinco olhos".

Após muito pedir, a Câmara obteve um mestre-régio nomeado por Dom João e pago pela Fazenda Real. Era Henrique Mena de Carvalho, português, logo substituído por Gaspar Rodrigues de Macedo, este, sorocabano. Mestre Gaspar foi apresentado pela Câmara com o único título possível: tinha sido pretendente às ordens. Em linguagem moderna, foi seminarista. E a Câmara sempre o elogiou. Inclusive formou um outro mestre, da família Teixeira Sabóia, o qual, seguindo o caminho do sul, ensinou muitas gerações na Lapa e alhures.

1.8: O PRIMEIRO COLÉGIO FEMININO, "NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO", EM 1848

Em 1848, segundo pesquisas de Nelo Garcia Migliorini, dona Guilhermina Clotilde da Cunha e Silva abriu o colégio "Nossa Senhora da Conceição", para meninas, à rua das Flores, com internato e semi-internato, ensinos de música, bordados, leitura e francês.

No mesmo ano chega a Sorocaba, registrando-se no livro de Estrangeiros da Prefeitura, Joaquim da Costa e Silva, português do Porto, professor de piano, casado. Por tradição de família sabe-se que o segundo esposo de dona Guilhermina, também portuguesa, assinava Silva e ensinava piano. A identificação é fácil, pois o colégio fora primeiro fundado em Santos. As mensalidades eram de 4 mil réis para o francês e de 15 mil réis para as outras matérias.

Do primeiro esposo, João José da Cunha, proveio dona Guilhermina Clotilde, a 2.^a, nascida em 1832, e que foi a progenitora do ilustre Dr. Álvaro César da Cunha Soares.

1.9: AS ALUNAS DE "SANTA CLARA"

Aqui é o lugar de acrescentar que desde 1811 havia aulas de primeiras letras, de canto e de pronúncia do latim para as meninas que se destinavam a freiras em "Santa Clara", e se designavam oficialmente como educandas.

1.10: NO TEMPO DO IMPÉRIO

O sistema do mestre-régio passou para o Império. Somente aos poucos se reformou a instrução, mas desde 1825 se introduziu em S. Paulo o

método de Lancaster ou lancasteriano, por influência, em grande parte, do sorocabano Rafael Tobias de Aguiar, então conselheiro do Governo.

1.11: LANCASTER

Esse método durou até o fim do Império. Consistia em dividir o mestre os seus alunos em grupos menores, entregando-os, principalmente para alfabetização, a outros mais adiantados e inteligentes. No meio da algazarra de várias pequenas classes cantando suas lições ao mesmo tempo, o mestre passava as longas horas como um diretor, atendendo a todos, ou como um mestre de alunos escolhidos que ele preparava para o ajudarem: eram os decuriões. A classe, que às vezes atingia 100 alunos, sentava-se em bancões de madeira, cujo encosto servia de mesa. Cantavam em conjunto o catecismo e a taboada.

1.12: MESTRE JACINTO

Ao Gaspar Rodrigues de Macedo, sucedeu na primeira escola masculina Jacinto Heliodoro de Vasconcelos, que em 1839, morava à rua do Rosário, hoje Padre Luiz. Há poucos meses faleceu uma bisneta do mestre Jacinto, a professora Maria Zélia de Campos Maia, que pode simbolizar perfeitamente a geração atual dos professores primários, dos quais foi um expoente pela dedicação, cultura e experiência pedagógica e crenças religiosas. O professor Joaquim Silva conta que seus avós se referiam com saudades ao mestre Jacinto. Ele era paulistano.

1.13: A 2.ª ESCOLA MASCULINA. UM ESCRITOR

Aí por 1850 apareceu a segunda escola masculina, e foi seu ocupante, por muitos anos, um verdadeiro jornalista e escritor de romances e de teatro, Francisco Luiz de Abreu Medeiros. Autor de "Curiosidades Brasileiras" (Editora Laemmert, Rio, 1863) e "A Feira de Sorocaba", deliciosa comédia representada em todo o centro-sul do país.

1.14: A 1.ª ESCOLA FEMININA

Em 1841 aparece a primeira escola feminina. Foi regida por dona Maria Joaquina de Vasconcelos, que fez exames perante a Câmara Municipal. Era situada a escola na rua da Ponte, hoje 15 de Novembro. Até o

Império, não havia escola feminina, mas as fundadoras do Convento de Santa Clara (1811) eram alfabetizadas e correspondiam-se com as nobres damas da Côrte, existindo os documentos.

As escolas de grau primário, pelo fim do tempo do Império, receberam novos aumentos. Além disso, formaram-se na Escola Normal de S. Paulo, os primeiros professores (do novo sistema) naturais de Sorocaba: Joaquim Isidoro de Marins e Escolástica Rosa de Almeida. Aquele era o regente da 4.^a cadeira masculina. Ambos fizeram parte do Grupo Escolar "Antonio Padilha", criado em 1896 e funcionando em prédio particular. Além disso, o Governo Provincial já havia criado escolas masculinas pelos bairros. No Jundiacanga, já em Campo Largo, foi mestre o futuro governador Pedro de Toledo.

1.15: PADRES MESTRES

Como em todo o Brasil, o Governo nomeava professores os padres que a isso se prestavam. Na cidade, à rua de São Bento, funcionou a escola de padre Antônio Augusto Lessa, que ainda usava a palmatória, e fazia orelhas de burro, de papelão, botando-as na cabeça de alunos e estes à porta da rua. Em 1886 alunos do padre Lessa, dos quais vive Francisco Pacheco, deram lição perante Pedro II, que visitou a escola e mandou o mestre abrandar aqueles castigos. Na Aparecida era professor o padre Joaquim Gonçalves Pacheco.

1.16: O ENSINO PRIMÁRIO DESDE 1890

Durante estes anos da República o número de escolas isoladas e grupos escolares foi crescendo, até atingir o estado atual, como se vê pelas estatísticas. Vale a pena lembrar que o segundo grupo foi o "Senador Vergueiro", dirigido pelo sorocabano Joaquim Silva que, aposentando-se, dedicou-se a confecção de livros didáticos de História, para o curso ginásial e colegial, muito apreciados em todo o país.

Além disso, em pedagogia e literatura infantil, tornaram-se notáveis os sorocabanos Antônio Firmino de Proença, Luiz Gonzaga Fleury, Renato Sêneca Fleury, e no ensino primário e secundário Luiz do Amaral Wagner, José do Amaral Wagner, Armando Rizzo, Fernando Rios, etc.

2. COLÉGIOS PARTICULARES

2.1: ESCOLA AMERICANA

Com várias classes e adotando um extenso programa que começa pelo jardim de infância, são beneméritos também do ensino primários muitos colégios.

Em 1890, num sobradão do Largo do Rosário, funcionava o colégio de dona Ana Whit que ensinava também inglês. Dentre suas alunas lembre-me de dona Maria Durski de Oliveira.

2.2: NO TEMPO PRESBITERIANO

Aí por 1880 também na residência do ministro presbiteriano Antônio Pedro de Cerqueira Leite, sua primeira esposa abriu aulas para meninas incluindo música. Houve outros pequenos colégios, simples externatos, quase todos de grau primário.

Acerca de vocábulo colégio, digamos logo que incluía o sentido de escola paga e uma diferenciação social, mesmo em grau primário. Conforme ainda, o quase sorocabano Prof. João Lourenço, quando após as primeiras reformas, de 1890 em diante, a construção pública primária de S. Paulo sobrepujou o ensino particular, as famílias aristocráticas de S. Paulo, ainda julgando ser a escola pública a escola de plebe, tiveram de adaptar-se. Ainda bem!

2.3: SEXO MASCULINO

De 1873 em diante houve vários colégios masculinos particulares em Sorocaba, equivalentes aos femininos acima referidos. Um advogado, um professor, um padre (o baiano padre Barroso, cunhado de Vicente Eufrásio, chegavam, abriam o seu colégio, lutavam e iam-se embora. Sempre deixando a boa semente no campo das feiras e das indústrias. Um deles recebeu sete alunos de Tietê. Era o do Prof. Raimundo Vasconcelos, cuja última residência fora Petrópolis. Tiremos o chapéu (se o usarmos) a esses heróis e Aventureiros do Bem! Não era com o nome de colégio mas de aula particular, à rua Nova, que funcionou como ajuda de custo para o jornalismo e tribuna de sua democracia, a escolinha de Júlio Ribeiro.

2.4: TAMBÉM MAÇONARIA E O CÉLEBRE LAGEADO

Julgo que foi a Loja Perserverança III a que abriu a primeira escola noturna gratuita, nível primário. Não cabe, porém, nesta pequena lista o

famoso colégio do Lageado. Porque ele estava numa fazenda do município de Campo Largo. Todavia o maior contingente de alunos e alunas (havia uma seção feminina) foi de Sorocaba, principalmente da família Mascarenhas, ainda hoje florescente.

2.5: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO E COLGIO DIOCESANO

Após a epidemia e a morte de Mons. João Soares em 1900, durante um lustro a paróquia esteve sob a direção dos Padres Agostinianos que residiam no prédio onde está o Instituto Santa Escolástica. Eram espanhóis e deixou saudades, principalmente frei Cândido de São José. Abriram o externato ou Colégio "Nossa Senhora da Consolação", pouco mais que primário.

Nessa mesma casa funcionara apenas um ano escolar incompleto (1896-1897) por causa da primeira epidemia, o Colégio Diocesano, dirigido por Mons. João Soares do Amaral, tendo como professores o padre Luiz Sicluna, o Prof. Amaro de Egídio e Oliveira, sanroquense e diretor do Grupo Escolar, o doutor João Tavares de Almeida e outros. Nas férias de 1897 aí esteve o Seminário de São Paulo, sendo alunos o Cardeal Leme e o Bispo Dom Aguirre.

2.6: CEL. ERNESTO L. BRASIL. GINÁSIO OU SEJA INSTITUTO SANTA ESCOLÁSTICA. MELÂNIA WOLMER

Foi também notável o Externato do Cel. Ernesto Leão Brasil, que se declinou ao ensino em idade avançada. A ordem cronológica, o prédio e os alunos dos dois sexos levaram-nos a colocar aqui o Colégio Santa Escolástica, esse colosso da instrução sorocabana. As beneditinas chegaram em fins de 1905, abriram aulas ainda modestas numa casa perto de São Bento em 1906, e, em 1907, mudaram-se para o casarão atual onde em 1908 se expandiu de todo o colégio, fundação da madre e do abade, de São Paulo, Dom Miguel Kruze.

3: ESCOLAS SECUNDÁRIAS

3.1: GINÁSIO DE SÃO BENTO

Esse mesmo ilustre abade, a pedido do jornal "Cruzeiro do Sul", abriu aulas secundárias no convento de São Bento, o qual, porém, já estava fechado em 1924 tendo durado pouco menos que um lustro.

Inaugurando-se a Diocese em 1925, muitos esperavam um Colégio Diocesano, apesar do pequeno patrimônio arranjado, creio que 100 contos, incluindo a residência episcopal. Houve projetos, mais de interes-

sados do que do Exmo. Sr. Dom Aguirre, que viu logo a impossibilidade material de arranjar, não tanto a casa de alunos quanto os professores padres, que tencionava reservar para o seu Seminário. S. Excia. entregou o problema aos Salesianos, já então. Estes não puderam, mas guardaram o pedido. Agora podem, mas exigem, como é justo, para dar princípio a algo grandioso que falta em Sorocaba, pelo menos um terreno. O prefeito Gualberto Moreira solucionou o problema, com a unanimidade da Câmara Municipal.

3.2: ENSINO COMERCIAL

Cirilo Freire é o fundador de uma Escola de Comércio, em sua segunda fase, tendo sido os seus iniciadores, em 1924, o diretor Luiz Smith e os professores Antônio Amábile, Trajano Pires, Manente, e outro à rua Barão do Rio Branco.

3.3: SEMINÁRIO MENOR

Ó Musas antiqüadas, que no tempo dos pagãos por certo habitáveis também as margens do poético Sorocaba, por que não cortastes das florescentes ribas umas flautas sonoras, para acompanhardes o meu desafinado canto? Não vedes que tenho de falar prosaicamente do nosso grandioso Seminário?

3.4: SÃO CARLOS BORROMEU

Em 1929 o casal Francisco Speers-Dona Rosália Oetterer Speers doam à Diocese, representada por Dom José Carlos de Aguirre, o terreno ao lado do que já existia em 1852, patrimônio do Bom Jesus, e que da Mitra de São Paulo passou a de Sorocaba.

Vieram depois duas grandes revoluções, as agitações comunistas e o Estado Novo. Houve outras construções mais urgentes. Enfim, em 1940, inaugurou-se o primeiro lanço do Seminário, somente completada em toda a sua magnificência em 1954, e entregue, já nesse ano, à direção de seus jovens ex-alunos.

O Seminário deve quase toda a sua construção e toda a manutenção dos alunos à Obra Pontifícia das Sacerdotais, fundada pelo Cônego André Pieroni Sobrinho que administrou a construção do primeiro lanço e desenvolvida no segundo ano de sua existência (1941) até hoje por Mons. José Ribeiro Viana. Seus cursos correspondem aos ciclos ginásial e

colegial e recebe alunos de todo o Estado, além dos da Diocese de Sorocaba. À parte a formação eclesial, à cultura de Sorocaba em geral, o Seminário contribui com a música e o teatro. Ordenaram-se dez sacerdotes, que completaram o curso em São Paulo e Roma.

CAPÍTULO III

Estabelecimentos Oficiais do Município

1.1: O LICEU MUNICIPAL

Em 1887/1891 funcionou à rua de S. Bento n.º 12 o Liceu Municipal, com um só diretor e professor pago pela Câmara. Chamava-se Artur Gomes, fôra estudante de Direito, bom gramático.

Ensinava também latim e francês. Depois de 1890, também matemática. Tem-se a impressão que aos sorocabanos desse tempo não interessava o diploma em si mas o saber. Um ex-aluno: o deputado João Ferreira da Silva.

Em 1909 e 1911, e contando até quartanista, funcionou o Ginásio Municipal, à rua Alvaro Soares, sob a direção e ensino de César Lacerda de Vergueiro, Antônio Covelo e outros. Então o Estado mantinha a política civilista e a República, a hermista. Os professores eram civilistas. Hermista e fiscal federal o estimado poeta e romancista sorocabano Antônio da Silva Oliveira. E tudo piorou com a lei Rivadávia Correia, que dificultava a equiparação ao Colégio Pedro II. Fechou-se o ginásio. Um ex-aluno: Diógenes de Almeida Marins.

2. ESTABELECIMENTOS OFICIAIS DO ESTADO (DA PROVÍNCIA E DO ESTADO)

2.1: AULA DE LATIM

Segundo curiosa pedagogia da época, visto que os estudos superiores: clero, direito e medicina (São Paulo e Rio) exigiam o latim e não havia no Brasil senão um só colégio oficial, o "Pedro II", e além disso, os candidatos às Academias estudavam nas Capitais à espera dos exames vestibulares, prevaleceu a idéia de preparar esses moços já no interior, em alguns cidades. Sorocaba foi uma delas. Sob o nome de latim compreendia-se a famosa Retórica, que incluía o português. Prevalencia o espírito clássico contra o científico, que, todavia, já aparece no colégio modelo, o "Pedro II".

Foram professores de latim, pelo Governo Provincial, de 1812 a 1842, os padres Joaquim Gonçalves de Godói e José Norberto de Oliveira. Este ensinava pelas apostilas do Mestrinho (Azevedo Marques), aliás resumo do célebre português Soares Barbosa, a rançosa Retórica.

Preparavam também alunos de filosofia, uma coisa resumida, lógica e alguma metafísica, os quais iam a São Paulo fazer Teologia e ordenar-se.

2.2.: LATIM E FRANCÊS

Em 1847 a cadeira de latim, como em toda Província chamava-se de latim e francês. Tomou posse nesse ano o professor Francisco Xavier de Toledo, o professor Toledo, homem de preparo e de belo caráter, que entre seus alunos contou com José Rubino de Oliveira, menino prodígio, filho de um celeiro, e que tornou-se famoso jurisconsulto.

Aposentando-se, a cadeira que esteve vaga, e de novo preenchida por Luiz de Vasconcelos, filho de mestre Jacinto, foi surpresa, com as de toda a Província, cerca de 1870.

GINÁSIO E ESCOLA NORMAL

Muitos anos decorreram. Os poderes públicos não se interessavam por Sorocaba, que perdeu duas escolas normais, as que foram para Itapetininga e Botucatu. Depois de 1911 as dificuldades eram maiores: ou o Ginásio despendia grande soma com bancas de exames, ou mandava seus alunos a São Paulo, fazer os exames no Ginásio do Estado. Logo que a regulamentação favoreceu Ginásios não estaduais (que eram só 3), a Câmara Municipal fundou seu Ginásio, juntamente com a sua escola Normal, 1928, tudo precedido pelo ato da mais pura justiça do Presidente Júlio Prestes, criando a Escola Profissional. Foi um surto repentino de euforia pela cultura. Chefiavam o Município, entre outros, João Machado de Araújo, João Padilha de Camargo, Isaac Pacheco, Renato Mascarenhas.

O entusiasmo não diminuiu quando, após a Revolução de 32, o povo construiu um edifício para o Ginásio, sendo Prefeito Eugênio Salerno. Enfim, o Governo de São Paulo, se lembrou de Sorocaba (Armando Sales de Oliveira). O mesmo prédio serviu para o ginásio e o colégio, segundo a nova reforma.

CAPÍTULO IV

1: Ensino Superior

Paulo maiora canamus!

Naturalmente que o pouco caso dos governos por Sorocaba não autorizava ninguém a esperar de sua boa vontade, o que fez, p. ex., para Ribelrão Preto e São Carlos. Então os sorocabanos agiram.

Numa festa do "Sorocaba Clube", do ano de 1949, estavam conversando o Prefeito Moreira, o industrial José Ermínio de Moraes e o Cônego André Pieroni Sobrinho. Veio à baila o assunto do ensino superior.

Seria possível uma Faculdade de Medicina e outra de Filosofia? Cônego Pieroni achava que se ambos ajudassem, um em nome do poder municipal e outro em nome da indústria local, abrindo caminho para uma Fundação, ele iria ter com S. Eminência o Cardeal Mota. Deram-lhe poderes para tanto. A Faculdade nasceu dos entendimentos promovidos pelo Cônego Pieroni entre os poderes municipais e espirituais, isto é de um lado o Prefeito Municipal Gualberto Moreira, e, do outro, o industrial José Ermírio de Moraes, e de outro, o Eminentíssimo Cardeal Mota e Dom José Carlos de Aguirre. A esses nomes devem-se juntar os dos primeiros diretores, Linneu de Matos Silveira, que tanto trabalhou para conservar a Faculdade ainda sob os auspícios da Universidade Católica de São Paulo, e dr. João Batista da Costa Oliveira Júnior que, desde a sua anexação aquela Universidade (1955), a dirige.

O processo da fundação e dos requerimentos e complicados entendimentos com o Ministério da Educação e Presidência da República ficou a cargo do cônego Pieroni.

1.1: FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. 1954

O mesmo entusiasta sacerdote, paralelamente, desenvolveu imenso trabalho para a Faculdade de Filosofia, encarregando-se do processo ante o Governo Federal, por incumbência do prefeito Gualberto. Este, de acordo com a maioria política da Câmara Municipal, promoveu a compra

da chácara Trujillo e o início da construção do prédio. Sua política foi continuada durante o ano de governo de Armínio Vasconcelos Leite, que promulgou a lei de autoria do vereador Joaquim Lúcio Alves.

No período de governo do ilustre sorocabano Emerenciano Prestes de Barros, as obras da futura Faculdade estavam paradas, à falta de verba. Às vésperas de sua substituição, em 1952, a Câmara que obedecia a orientação política de Gualberto Moreira, temendo que a sucessora não levasse avante o projeto, legislou sobre a Faculdade, criando-a sob a administração da Cúria Diocesana, porém, com a manutenção financeira do Município, calculada em 500 mil cruzeiros por ano.

Todavia, em 1952, findava o prazo para o início das aulas, segundo o processo Pieroni. E como as obras estivessem paradas por falta de verba, o impasse teria de resolver-se pelo bem de Sorocaba, com isenção de espírito. O cônego André Pieroni Sobrinho, então, desenvolveu-se intensa propaganda entre a classe estudantil, que realizou manifestações na Câmara e na Prefeitura. O prefeito Emerenciano aceitou e aprovou a nomeação, pela Cúria, do primeiro diretor na pessoa de Mons. Antônio Pedro Misiara. Este assume a liderança de todo o movimento. Consegue do Prefeito a sessão provisória do prédio do Ginásio Municipal (novo ginásio independente do estadual). E no tempo certo, como parte do programa do III Centenário da Cidade.

1.2: MONS. ANTÔNIO MISIARA E A FAMÍLIA SCARPA

Percebendo, porém, o novo Diretor, a sua precária situação em prédio emprestado, a dificuldade para a construção do prédio próprio e a pequenez da verba municipal de 500 mil cruzeiros anuais (de todas as Escolas superiores e de Filosofia é quase a mais cara), foi a São Paulo solicitar o patrimônio da família Scarpa, com o auxílio do Sr. Comendador Heitor Antunes.

Perante uma luzida comissão, mais tarde, na presença de Dom José Carlos de Aguirre e do Sr. Emerenciano Prestes de Barros, dona Joaquina de Cunto Scarpa e os filhos, Comendadores Francisco e Nicolau Scarpa, assumiram o compromisso de apadrinharem a nova Faculdade. Surgiu a Fundação Scarpa, em documento público. Na construção do prédio, pelo arquiteto Amábilis e sob a direção de Mons. Misiara, foram gastos 3 milhões de cruzeiros. Inaugurou-se festivamente em 1954 e a família Scarpa continua a suprir o que falta para a manutenção.

Oxalá o faça muitos e muitos anos!

Por sua vez, a Câmara de vereadores, a pedido do Dr. Emerenciano, passou à Fundação a posse da Chácara Trujillo.

São fundadores da Faculdade de Filosofia: prefeito Gualberto Moreira e Câmara Municipal, cônego André Pieroni Sobrinho. Mons. Antônio Pedro Misiara, Dom José Carlos de Aguirre, prefeito Emerenciano Prestes de Barros e a família Scarpa.

CAPÍTULO V

1. Resenha Pedagógica

1.1: ENSINO PRIMÁRIO

- 1660 — Aulas de Latim e Música no Mosteiro de S. Bento.
- 1808 — Solicita-se a nova Escola a D. João VI.
- 1812 — Novo pedido da Câmara ao Príncipe Regente D. João.
- 1814 — Foi nomeado o 1.º mestre Henrique Mena de Carvalho
- 1817 — Foi nomeado mestre-Régio Gaspar Rodrigues de Macedo.
- 1835 — Aparece o mestre Jacinto Heleodoro de Vasconcelos
- 1841 — Primeira escola feminina regida por dona Vicentina Adelaide de Vasconcelos.
- 1880 — Escola oficial de primeiras letras, regida pelo padre Antônio Augusto Lessa.
- 1886 — Primeira Escola rural em Aparecida e Cerrado
Diplomou-se a primeira professora normalista sorocabana, dona Escolástica de Almeida.
- 1887 — Diplomou-se o primeiro professor normalista sorocabano, o sr Joaquim Isidoro Marins.
- 1896 -- Criou-se o primeiro Grupo Escolar "Antônio Padilha".
- 1910 — Inaugurou-se o prédio próprio do G.E. "Antônio Padilha".
- 1914 — Criou-se o 2.º Grupo Escolar "Visconde de Porto Seguro"
- 1919 — Criou-se o 3.º Grupo Escolar "Senador Vergueiro"
- 1925 — Criou-se o 4.º Grupo Escolar "Com. Pereira Inácio" Votorantim
- 1925 -- Criou-se o 5.º Grupo Escolar "Santa Rosália" — Sta. Rosália
- 1932 -- Criou-se o 6.º Grupo Escolar "Baltazar Fernandes" — Cemitério
- 1936 -- Criou-se o 7.º Grupo Escolar "Mons. João Soares" — Cerrado
- 1936 -- Criou-se o 8.º Grupo Escolar "Brigadeiro Tobias" — Brig. Tobias
- 1938 -- Criou-se o 9.º Grupo Escolar "Árvore Grande" — Arv. Grande
- 1941 -- Criou-se o 10.º Grupo Escolar "Afonso Vergueiro" — Salto de Pirapora
- 1949 -- Criou-se o 11.º Grupo Escolar "Vila Angélica" — Vila Angélica.
- 1950 -- Criou-se o 12.º Grupo Escolar "Vila Barcelona" — Vila Barcelona.

Note-se que este resumo não está ainda completo. P. ex., em 1890, o professor Alberto de Melo, sorocabano, é incumbido duma missão no vizinho Estado do Mato Grosso. E assim outros casos mais, como o do Prof. Rizzo, que também andou reformando a instrução naquele Estado. 1950 a 1956: criam-se mais 9 grupos escolares estaduais e 2 municipais.

1.2: ENSINO SECUNDÁRIO (DE NÍVEL MÉDIO)

- 1812 — **Mestres de Latim: padres José Gonçalves de Godói e José Norberto de Oliveira.**
- 1847 — **Prof. Toledo — Francisco de Paula Xavier de Toledo (ensinava Latim e Francês).
Fundou-se o Colégio do Lageado, município de Campo Largo, hoje Araçoiaba da Serra.**
- 1875 — **Surgiram vários "Colégios", onde se ensinava tudo o que se podia. Colégio Montbê foi um dos melhores.**
- 1896 — **Fundou-se o Ginásio Diocesano, dirigido por Mons. João Soares do Amaral.**
- 1901 — **Colégio "Nossa Senhora da Consolação".**
- 1908 — **Fundou-se o Colégio "Santa Escolástica", precedido de aulas menores desde 1905.**
- 1909 — **Ginásio Sorocabano, da Câmara, diretor Dr. César Vergueiro de Lacerda. Funcionou até o 3.º ano, fechando-se pela lei Rivadávia.**
- 1915 — **Surge um projeto de Escola Normal Municipal do vereador Elias Lopes Monteiro.**
- 1920 — **Fundou-se o Ginásio S. Bento, dos padres beneditinos, onde funciona hoje o Colégio e Escola Normal "Ciências e Letras".**
- 1924 — **Funda-se a Escola de Comércio.**
- 1928 — **Funda-se o Ginásio Municipal e Escola Normal Livre.**
- 1929 — **Funda-se a Escola Profissional, hoje Industrial.**
- 1934 — **Torna-se Estadual o Ginásio e a Escola Normal Municipal.**
- 1940 — **Funda-se o Seminário Diocesano "São Carlos Borromeu".**
- 1943 — **Funda-se o Ginásio "Ciências e Letras", hoje Colégio e Escola Normal Livre.**
- 1947 — **Funda-se o Ginásio Acadêmico Anchieta.
Fundou-se o Ginásio Educacional de Sorocaba.**
- 1949 — **Funda-se o Ginásio Municipal.**

1.3: ENSINO SUPERIOR

- 1949 — **Funda-se e é autorizada a funcionar a Faculdade de Ciências Econômicas.**

- 1950 — É autorizado o funcionamento da Faculdade de Medicina fundada no ano anterior.
- 1951 — Primeiro ano letivo da Faculdade de Medicina.
- 1954 — 7/3 — Inauguração da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba.
- 1956 — 16/4 — Lei Municipal fundando a Faculdade de Direito de Sorocaba.

CAPÍTULO VI

1: Os Estabelecimentos Atuais, seus Professores, seus Alunos, Resenha Histórica

1.1: ENSINO PRIMÁRIO MUNICIPAL

Grupos Escolares — 2 (dois)	Classes	Alunos
Grupo Escolar Presidente Roosevelt (Rua Souza Pereira n.º 188) — Grupo com funcionamento no período noturno.	7	207
Escolas Isoladas Municipais. (sediadas nas zonas: Urbana. Urb. Distrital e Rurais	7	282
Escolas Isoladas Municipais (sediadas nas zonas: (sediadas nas zonas: Urbana. Urb. Distrital e Rurais do Município)	44	1180
	58	1669

OBS: O Ensino Primário é equiparado ao Ensino Oficial do Estado que se encarrega da Fiscalização do funcionamento das Escolas por meio da Delegacia Regional de Ensino.

1.2: ENSINO PRIMÁRIO ESTADUAL

Dados baseados em 31 de Março de 1956

N.º DE ORDEM	ESTABELECEMENTOS	ENDEREÇOS	Estágio	ZONA	N.º ALUNOS	
					MASC.	FEM.
01	GE. "Antônio Padilha"	R. Cesário Mota, 286	2.º	Urb.	745	583
02	GE. "Baltazar Fernandes"	R. Baltazar Fernandes, 40	2.º	Urb.	401	369
03	GE. "Brigadeiro Tobias"	R. São Paulo, 85	2.º	Dist.	94	76
04	GE. "Co. Pereira Inácio"	R. Melo Oliveira, s/n.º	2.º	Dist.	440	437
05	GE. "João Clímaco Camargo Pires	R. Paes Linhares, s/n.º	2.º	Urb.	87	108
06	GE. "João Ferreira da Silva"	Bairro Sta. Helena	2.º	Rur.	163	163
07	GE. "Mons. João Sores"	Av. Gal. Carneiro, 914	2.º	Urb.	257	243
08	GE. "Prof.ª Escolástica Rosa de Almeida	R. Pedro José Senger	2.º	Urb.	73	86
09	GE. "Prof. Aggeo Pereira do Amaral	R. Padre Lessa, 68	2.º	Urb.	237	236
10	GE. "Prof. Genésio Machado"	R. D. José Gaspar, 83	2.º	Urb.	188	136
11	GE. "Prof. Joaquim Isidoro Marins	Largo Monte Castelo	2.º	Urb.	154	149
12	GE. "Prof. José Odin de Arruda	R. Voluntários de Sorocaba, 260	2.º	Urb.	97	57
13	GE. "Santa Rosália"	Av. Pereira da Silva, 1464	2.º	Urb.	260	217
14	GE. "Sen. Luiz N. Martins"		2.º	Urb.	—	—
15	GE. "Senador Vergueiro"	R. Fernão Sales, 33	2.º	Urb.	722	745
16	GE. "Vila Barcelona"	Vila Barcelona	2.º	Urb.	238	230
17	GE. "De Vila Hortência"	R. Teodoro Kaisel, s/n.º	2.º	Urb.	213	179
18	GE. "De Vila Progresso"	R. Pascoal L. Paes	2.º	Urb.	105	129
19	GE. "Visc. Porto Seguro"	R. Souza Pereira. 188	2.º	Urb.	581	452

01	Esc. Mista Água Vermelha	1.º	Rural	21	13
02	Esc. Mista Granja da Saudade	1.º	Rural	20	11
03	Esc. Mista Fazenda Elisa Amélia	1.º	Rural	19	21
04	Esc. Mista Barcelona de Baixo	1.º	Rural	26	14
05	Esc. Mista Bairro dos Carvalhos	1.º	Rural	22	16
06	Esc. Mista Bairro do Cagüaçú	1.º	Rural	16	16
07	Esc. Mista Bairro "25"	1.º	Rural	19	21
08	Esc. Mista Bairro Parada Vial	1.º	Rural	14	26
09	Esc. Mista Bairro Ipanema das Pedras	1.º	Rural	12	10
10	Esc. Mista Bairro dos Pobres	1.º	Rural	18	16
11	Esc. Mista Vila Nova	1.º	Rural	21	17
12	Esc. Mista Vila Olímpia	1.º	Rural	22	16
13	1.ª Esc. Mista Lar Escola Monteiro Lobato	1.º	Rural	26	7
14	2.ª Esc. Mista Lar Escola Monteiro Lobato	1.º	Rural	27	4
15	1.ª Esc. Mista Terra Vermelha	1.º	Rural	21	19
16	2.ª Esc. Mista Terra Vermelha	1.º	Rural	29	9
17	Esc. Mista Boa Vista	2.º	Rural	16	14
18	Esc. Mista Estação George Oetterer	2.º	Rural	14	6
19	Esc. Mista Bairro Piragibu	2.º	Rural	16	23
20	Esc. Mista de Cajuru	2.º	Rural	26	14
21	2.ª Esc. Mista de Cajuru	2.º	Rural	24	16
22	Esc. Mista de Votorantim	2.º	Dist.	21	19
23	1.ª Esc. Mista de Vila Barão	2.º	Urb.	19	18
24	2.ª Esc. Mista de Vila Barão	2.º	Urb.	17	17
25	Esc. Mista de Vila Rodrigues	2.º	Urb.	18	22
26	Esc. Mista Tip. Rural Bairro Aparecida	1.º	Rural	16	20
27	Esc. Industrial Fábrica Votocei	2.º	Dist.	28	12
28	1.º Curso Alfabetização da 7.ª B. C. Força Pública	2.º	Urb.	30	10

2: ENSINO SECUNDÁRIO

2.1: COLÉGIO ESTADUAL E ESCOLA NORMAL "DR. JÚLIO PRESTES DE ALBUQUERQUE"

FUNDADO:

Em 13 de Janeiro de 1928 — Ginásio de Sorocaba.

Em 16 de Janeiro de 1929 — passou para o Ginásio Municipal de Sorocaba (Lei Municipal n.º 209).

Em 16 de Abril de 1936 — Ginásio Estadual de Sorocaba (Dec. 6691 de 21/09/34).

Em 1946 — foi autorizado o funcionamento o Curso Normal anexo. No corrente ano passou a funcionar também no período noturno.

FUNDADORES:

Entre outros: Dr. João Machado de Araújo, seu primeiro diretor, Antônio Funes, Antônio Miguel Pereira, Gustavo Scherepel, Renato Sêneca de Sá Fleury, José Reginato, Abdiel Monteiro.

CURSOS:

Primário, Ginásial, Colegial e Normal.

N.º DE ALUNOS EM 1955:

Ginásial	467	
Colegial	161	
Normal	317	
Primário 233		TOTAL 1178

ATUAL CORPO DOCENTE:

Português: João Tortello

Latim: Nivaldo Ary Nogueira

Francês: Vítor Augusto Stroka.

Inglês: Dulce Pupo Oliveira Pinheiro

Matemática: Nelson Guedes e Júlio Bierrenbach Lima.
Química: Albertino Manente • **Física:** Juarez Correa Marinho
Ciências: Sérgio Cunha Castro • **História Natural:** Bernardo Beiguelman
História: Artur Fonseca e Isabel Garcia Gomes.
Geografia: Egas Monis de Balsemão • **Filosofia:** Ruy A. Barros Nunes
Sociologia: Abimael Campos Vieira • **Música:** João Mentone
Desenho: Maria Lourdes Machado • **Biologia:** Maria A. Barros Mattos
Educação: Antônio Cordeiro e Laila Miguel Saker.
Trabalhos: Horácio M. Camargo e Maria Alves Mendes.
Diretores: 1.º João Machado de Araújo
 Antônio Funes
 Antônio de Almeida
 Achiles Miguel Pereira Júnior
 Roberto Paschoalick
 Roque Ayres de Oliveira

2.2: ESCOLA INDUSTRIAL "FERNANDO PRESTES"

Fundada em 07-06-1929.

Administra Instrução Profissional.

Matrícula de 1955:

CURSO DE MESTRIA

Fundição	5 alunos
Mecânica de Máquina	13 alunos
Marcenaria	4 alunos
Corte e Costura	17 alunos
TOTAL	39 alunos

CURSO INDUSTRIAL

Adaptação	105 alunos
Fundição	4 alunos
Mecânica de Máquinas	53 alunos
Marcenaria	17 alunos
Corte e Costura	90 alunos
Pintura	4 alunos
TOTAL	283 alunos

Cursos Extraordinários	165 alunos
Curso de Divulgação de conhecimentos sobre	
Alimentação	178 alunos
Curso avulso de Bordados	110 alunos
Curso avulso de Costura	120 alunos

Total de Matrícula da Escola no Ano de 1955 **885 alunos**

Professores de Português: Osvaldo Elles Casali e Zilah Dias de Mello Scherepel.

Professores de Matemática: Jurema Leão Sonetti e Odilla Caldini.

Professores de Geografia e História do Brasil: Célia Cangro Marques Mendes e Jovina Francisca Pinto.

Professores de Ciências Físicas e Naturais: Izabel Crespo Wey e Lázaro do Carmo Prestes Miramontes.

Professores de Desenho: Ignês Fraletti Saker, José Alberto Deluno e Marília de Dirceu Ferreira da Silva.

Professor de Organização do Trabalho e Cont. Ind.: Mario Augusto Conceição Pereira.

Professor de Mecânica Eletrotécnica Apl. e Ens. De Lab.: Dr. Eraldo Couto Campelo.

Professor de Higiene Indus.: Dr. Paulo Amaral Rogick.

Professor de Educação Doméstica: Maria de Lourdes Mendes Alvarenga Freire e Odette Cruzollini.

Professores de Educação Física: Jacyra Santos Villela e Luiz de Almeida Marins.

Professor de Canto Orfeônico: Maria Inês Galvão.

Dietista: Maria da Conceição Flores Arruda.

Orientador Educacional: Flávio de Souza Nogueira.

Mestre de Entalhação: Estevam Arduino.

Mestres de Ferraria: Antônio Bisso e Pedro Armelino.

Mestre de Fundição: Luiz Pinto e Mario Pedroso da Trindade.

Mestres de Marcenaria: Antônio Laffrata e Eurípedes Sbrana.

Mestres da Mecânica de Máquina: Alcides Arruda, José Ribeiro de Paiva, Nelson Lopes Cardoso, Wilson Bertrami.

Mestre de Pintura: Dirceu Bianchi.

Mestre de Tornearia: Wilson Basso.

Mestres de Corte e Costura: Cynira Dias Bastos, Clotilde Machado de Almeida Ribeiro, Dina Morena Lombardi, Augusta Reis Buzo, Haydée Stevaux Santos, Luzia Joana Negro, Maria Amália Mascarenhas, Yone Taminato, Yoshio Toyama.

Diretores Atuais: Wilfredo Pinheiro - Diretor

Cícero Seiffer — Técnico de Educação respondendo pela vice-diretoria.

Diretores que passaram pela Escola:

Oswaldo L. de Oliveira: 1929.

Basilides de Godoy: 1930/1934.

Ferrúcio Corazza: 1934/1937.

Antônio Luiz Pandolfi: 1937/1938.

Ferrucio Corazza: 1938/1939.

Diógenes de Almeida Marins: 1940/1950

Germano Barreto Melchert: 1950/1951
Diógenes de Almeida Marins: 1952/1956.

2.3: 1929

A política sorocabana estava nas mãos do P.R.P. com novos membros no diretório: Cel. João Padilha, Capitão João Ferreira da Silva, deputado, Dr. João Machado de Araújo, prefeito, Srs. João Cândio Pereira, Luiz da Silva Oliveira, Simpliciano de Almeida, Issac Pacheco, Januário Salerno, Renato Mascarenhas, Gustavo Schrepel e Oswaldo Sampaio.

O grande estadista dr. Júlio Prestes de Albuquerque como Governador. Sorocaba em fase de recuperação. Ginásio Municipal, Escola Normal, e, em 7 de Junho, inauguração da Escola Profissional Mista "Cel. Fernando Prestes".

O professor Horácio Augusto Silveira, diretor da Escola Profissional de Amparo, recebeu ordens para instalar um estabelecimento de ensino, entregando-a ao professor Osmar Lindholm de Oliveira, que aqui esteve até 31 de Janeiro de 1930. Período de organização, fase trabalhosa. Vem da Escola Profissional de Ribeirão Preto o professor Basilides Godoy, com aquele espírito vivaz construtivo, desbravador. Surge o primeiro Curso de Ferroviário, em 1930, a célula mater do atual Senai. O professor Basilides Godoy e o Dr. Roberto Mange se completam, lutam e vencem. Agora, vemos a concretização dos esforços, do ideal daqueles educadores. Basilides Godoy inicia a solução de outro problema: a construção do prédio. Com o Dr. Eugênio Salerno e o Prof. Diógenes de Almeida Marins estuda os diversos terrenos; projetam-no, desenham os primeiros planos. O terreno oferecido, 500 m², pelo senhor João Cândio Pereira, no bairro do Lageado, foi o preferido. A Revolução atrasa os planos. Em 1933 começam a trabalhar nesse assunto. Em 27 de julho de 1934, o prof. Basilides Godoy vai como assistente geral do Departamento de Ensino Profissional, ao lado de Horácio Augusto da Silveira. Lá também está o professor Vicente de Paula Bella. Mais trabalhadores ao lado da escola. Aqui na direção está o prof. Ferrúcio Corazza. Nesse tempo, Sorocaba recebe a visita do grande paulista Dr. Armando de Sales Oliveira que, após ouvir as brilhantes palavras da professora Edy da Cunha Pereira, autoriza a construção das oficinas não mais nos 5000 m², mas nos 10000 m², oferecidos pelo senhor João Cândio Pereira. Em 1935, estando na Prefeitura o Senhor Porfírio Loureiro, começam as obras. A grande exposição da Água Branca marca um triunfo para a escola de Sorocaba que lá se apresentou magnificamente com 180 contos de artefatos.

As obras continuam. A escola crescendo. Os cursos se desdobrando.

Ferrúcio Corazza não pára. Em 22 de Novembro de 1939 deixa a direção — passando-a ao vice-diretor, professor Diógenes de Almeida Marins. Este conclui as obras das oficinas e, em 1940 (de 23-11-1939), manda as oficinas masculinas para o bairro do Lageado. A sua Inauguração em 1942 pelo senhor Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar Afonseca. Novas

lutas, novas campanhas. A continuação das obras. A imprensa e Associações de classe, Rotary Clube, Associação Comercial, políticos, prefeitos... todos unidos. A campanha começa suavemente e com o passar do tempo vai se avolumando, vai crescendo num ritmo acelerado, envolvendo todos. O prefeito Dr. José Fernal, o seu substituto sr. João Wagner Wey, apertam o cerco. O exmo sr. Dr. Fernando Costa, o exmo. sr. Macedo Soares, não deixam o problema de lado. O sr. Álvaro Nuno Pereira substituiu o então prefeito Dr. Mário Inglês de Souza e concorre com o seu esforço e entusiasmo. As obras continuam. É eleito e empossado novo governador do Estado o Sr. Ademar de Barros que, imediatamente, chama em palácio o prof. Diógenes e lhe pergunta: "Como vai a escola? Você ainda está por lá?" Após ouvir um relato minucioso, determina o prosseguimento. O prof. Arnaldo Laurindo recebe ordens para apressar.

Finalmente, em 15 de Agosto de 1948, começa a mudança. O velho prédio da rua Barão do Rio Branco começa a ser desocupado. Rojões espoucam dando início a esse trabalho.

Em 12 de Setembro de 1948 a inauguração festiva pelo senhor Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros. Ainda está viva a lembrança desse grande dia para a Escola Industrial "Fernando Prestes", hoje Escola Técnica "Cel. Fernando Prestes".

Passaram pela escola até 1953, 17.000 alunos.

Até esse ano a produção foi de Cr\$ 2.261.770,70, sendo a renda obtida com a venda de artefatos: Cr\$ 665.807,00.

O Ensino Industrial já passou por 3 fases:

1.ª) Até 1935: Escolas autônomas, com programas regionais e sob a exclusiva responsabilidade da direção. Encerrou esta fase a grande exposição da Água Branca.

2.ª) Até 1942: Mais pedagogia, mais técnica, mais educadora, sob a orientação da Superintendência do Ensino Profissional, sob a orientação do prof. Horácio Augusto da Silveira, com assistência do prof. Basíliades Godoy.

3.ª) Até hoje, sob o regime federal, baseada na lei Orgânica Federal abrangendo vasta rede de escolas no Brasil, sob a fiscalização do Departamento do Ensino Profissional. Fase propriamente técnica, pedagógica educacional, com fiscalização do Estado.

A Escola Técnica "Cel. Fernando Prestes" é um exemplo vivo dessas três fases. Diversos foram esses certames e o público que as visitou, poderia comparar essas fases, tão importantes e tão nitidamente destacadas.

Além das exposições locais, a escola esteve representada nas exposições de São Paulo, São Salvador, Farroupilha, e na exposição geral de todas as escolas do Brasil, no Rio de Janeiro.

2.4: HISTÓRICO DO ENSINO SECUNDÁRIO MUNICIPAL EM SOROCABA

O ensino secundário em nossa urbe também tem a sua história. Algumas escolas secundárias surgiram em épocas remotas, com duração efêmera e as que existem, apareceram nesta fase em que Sorocaba se transforma da cidade do trabalho para a cidade das escolas.

Já em 1887, na época imperial, houve o Liceu Sorocabano, onde jovens do sul de São Paulo se integraram, para mais tarde, em 1909 a 1911, surgir novo ginásio, denominado Ginásio Sorocabano, sob a direção do dr. César Lacerda de Vergueiro, com ilustres professores e alunos que hoje ocupam posição de destaque, formados em escolas superiores, sendo que este último cessou suas atividades por não conseguir equiparação ao "Pedro II", pela Lei Rivadávia.

O Mosteiro de São Bento, no ano de 1921 a 1923 houve por bem instituir um ginásio, funcionando ao lado do Mosteiro. Não pode continuar talvez por falta de alunos.

A 1928, quando uma plêiade de bons políticos de Sorocaba, pela Lei 209, criou-se o Ginásio Municipal de Sorocaba bem como fundara-se a Escola Normal Municipal de Sorocaba, tendo o Ginásio passado para o Governo do Estado em 1936, a Escola Normal continuou e existe até nossos dias, tendo ultrapassado a 1000 os diplomados da antiga Escola Normal Livre, hoje "Dr. Getúlio Vargas".

Eis que em 1949 o então e atual prefeito, Dr. Gualberto Moreira, sancionou a Lei 119, fundando um Ginásio Municipal, ao mesmo tempo em que estendeu ao Ginásio Noturno de Além Ponte, hoje Ginásio Municipal "Dr. Aquiles de Almeida".

O ensino secundário municipal, em função supletiva, continua na liderança dos demais municípios paulistas. Não parando aí, para o próximo ano o bairro de Vila Santana também terá o seu ginásio, pela Lei n.º 426.

Quase 10 centenas de jovens freqüentam o ensino secundário municipal nos seus diversos estabelecimentos, representando uma esperança para o futuro, e ao mesmo tempo fornecendo elementos para as escolas superiores já existentes e para outras que hão de vir.

Assim, a cidade das chaminés fumegantes, a "Manchester Paulista", pelo interesse de seus filhos, ávidos por um "status" melhor, hoje se denomina "A cidade do Trabalho e das Escolas".

Foram seus diretores: o prof. Antônio Funes, Dr. Aquiles de Almeida, Prof. Antônio Miguel Pereira Júnior, Dr. Bento Mascarenhas, Prof. Mário de Almeida, Daniel Pereira Nascimento, Diógenes de Almeida Marins, Osvaldo Elles Casali, Vicente Caputti Sobrinho, Otto Wey Netto e Antônio Cordelro, da Escola Normal, e Carlos de Oliveira e Prof. Milton Marinho Martins, dos Ginásios respectivamente diurno e noturno.

Uma equipe de ilustres professores emprestaram sempre os seus esforços desde a data de sua fundação, sendo que atualmente o ensino municipal conta com a colaboração dos seguintes professores: Ana Maria Augusto Rosa, Jurandyr Favoretto, Paulo de Miranda Costivelli, Abimael Campos Vieira, Ester B. de Camargo, Zulmira de Barros Vieira, Isilda Silva Pinto, Guilomar R. Novaes, José Carlos de Almeida, Maria Isabel Leonardo Gazi, Neide Carriel, Ana Leão Nery, Teodolinda Del Santoro, José Matrigani, Maria das Graças Arruda Pereira Nardi, Maria Dora Darienzo, Aparecida Leopoldo Silva, Nelson Guedes, Norberto Soares Ramos, Dulce Guimarães, Pedro Nunes de Almeida, Fernando Rios, Júlio da Silva Rosa Filho, Zenita Amaral, Sergio da Cunha Castro, Adelaide Sant'Ana Kerberg, Izabel Garcia Del Cistia, Camilo Júlio Filho, Milton Rosa Vial, Lucila Nunes Moraes, Milza Silveira Leite, Uedenei Junqueira do Amaral, Antônio José Bazzo, Leonette Georges Kayal, Adauto Marques Silva, Araldo A. Souza, Sidney Sulpisio Corrá, Seme Stefano, Sérgio P. Chagas, Ana Furigo, Eduardo Soares Fernandes, Ilda Del Santoro e Arnaldo Marinho Martins.

Durante o ano de 1955, o Ginásio Municipal "Dr. Getúlio Vargas" manteve 88 alunos nas 1.^a séries, 71 nas "2.^{as} séries, 64 nas 3.^{as} séries, e 46 na 4.^a série, num total de 269 alunos. Foi secretário nesse ano do Ginásio o Prof. Ademar Adade, sendo que Dona Jacintha Palombo respondia anteriormente pelas secretarias do Ginásio e da Escola Normal. Houve depois o desmembramento das secretarias.

A Escola Normal matriculou em 1955, 118 alunos no Pré Normal, 90 no 1.^o ano e 84 no 2.^o ano, num total de 292 normalistas.

O Ginásio Municipal "Dr. Aquiles de Almeida", apresentou a seguinte matrícula: 137 alunos na 1.^a série, 124 na 2.^a, 121 na 3.^a e 77 na 4.^a série num total de 459 alunos.

2.5: ORGANIZAÇÃO SOROCABANA DE ENSINO

A Escola Técnica de Comércio de Sorocaba, inicialmente Escola de Comércio de Sorocaba, fundada em 1924, funcionava em prédio adaptado no começo da rua Barão do Rio Branco, dado o crescente número de alunos, o então diretor Dr. Arthur Cyrillo Freire, de saudosa memória, transferiu a escola para dois prédios também adaptados na rua Dr. Álvaro Soares, onde funcionou até 1943, quando passou a funcionar em prédio próprio à rua Cel. Benedito Pires, esquina com a rua da Penha, para melhor atender as necessidades de seus alunos. Em 1947, com o funcionamento também do curso ginasial, passou a denominar-se Organização Sorocabana de Ensino, compreendendo a Escola Técnica de Comércio de Sorocaba e o Ginásio Educacional de Sorocaba. Conta o esta-

belecimento, dirigido pelo Dr. Arthur Fonseca, atualmente com 700 alunos. É secretário o Prof. Jorge Madureira. Professores: Zilah Dias de Mello Schrepel, Paulo Assis, Marcílio de Campos Pereira, Tuffi Aidar Sobrinho, David Aidar, Dr. Jorge Moysés Betti Filho, Hermino de Oliveira, Dinival Contreras, Dino de Agular Cintra, Ermelinda de Campos Buldrin, Neves Vieira, Daniel Perelra do Nascimento, Nivaldo Ary Nogueira, Nilza Xavier Leite, Ângelo Angeloti, Júlio Silva Rosa Filho, Ester Martins Siquelra, Juarez Correa Marinho, Nestor Grillo, Izabel Garcia Del Cistia, Lauro Sanches, Maria Aparecida Bismara, Arnaldo Marinho Martins, Maria Aparecida Athayde Fonseca, José Alberto Deluno, Izabel Leonardo Gazzí, Maria Dora Witter, Rubens Ruiz.

2.6: GINÁSIO ACADÊMICO "ANCHIETA"

O Ginásio Acadêmico "Anchieta" foi fundado em 1947 por João Capuzzo Gallo, e administra instrução de grau secundário. Em 1955 tinha 237 alunos nas 1.ªs séries, 131 nas 2.ªs, 96 nas 3.ªs, e 99 nas 4.ªs séries, perfazendo um total de 563 alunos.

São seus diretores: João Doretto, Laila Miguel Marcondes e Norberto Soares Ramos. Professores: Júlio da Silva Rosa Filho, Leonette Kayal, Maria Dora Darienzo, Milton Rosa Vial, Therezinha Boz, Maria Isabel Leonardo, Adélia Miguel Oetterer de Almeida, Nestor Grillo, Orzila Bertrami, Jacyra Santos Villela, Júlio do Amaral Carvalho Filho, Josette Pereira, Neves Vieira, Esdras de Moraes, Antônio José Bazzo, Donato Parisotto, Basílio da Costa Daemon, Tharcilla B. Marques Nardi, David Aidar, Aida Negrão, Alípio Cunha, Maria Aparecida Zogaib, Dario Doretto, Vera Fernandes Camargo, Maria Aparecida Montelro Strobel, Nilza Teixeira Bolina.

Desde a fundação até julho de 1948 esteve sob a direção do Prof. João Capuzzo Gallo, lente de Francês, por concurso do Colégio Estadual de Sorocaba. No segundo semestre de 1948, adquirido por uma sociedade passou à direção do Prof. Hélio Italo Serafino, na época vice-diretor do Colégio Estadual.

Durante o ano de 1949 dirigiu o estabelecimento o Prof. Norberto Soares Ramos, licenciado em Filosofia e Prof. de História, por concurso do Colégio Estadual.

Em 1950 a 1954 o estabelecimento esteve sob a direção exclusiva do Prof. João Doretto, lente de Francês, por concurso, do Colégio Estadual, já aposentado.

Em 1955, os três turnos ficaram respectivamente sob a direção de João Doretto, Laila Miguel Marcondes e Norberto Soares Ramos, para em 1956 voltar novamente sob a direção exclusiva de João Doretto.

2.º COLÉGIO E ESCOLA NORMAL “CIÊNCIAS E LETRAS”

1) Fundado em 1943, por Albertino Manente, Luiz Almeida Marins, Genny Kalil, Cid Chagas, José Eduardo Nunes e Flavio Gagliardi.

2) Administra instrução de grau primário, secundário, colegial e normal.

3) Número de alunos nos diversos graus.

Primário	93
Secundário	833
Normal.....	270
Colegial.....	65
TOTAL	1261 alunos

4) Professores do primário: Guiomar Candioto (1.º e 2.º), Sarah Mendes Miramontes (3.º), Denise Fabri Ottati (4.º).

PROFESSORES DO GINÁSIO

Maria José Marclano
José Eduardo Nunes
Fernando Rios
Aureliano César Nascimento
Nestor Grillo
Jurema Andrade Santos
Beatriz Moraes Leite Fogaça
Hélio Gagliardi
Olinda Afonso
Acácia Wey Popini
Therezinha Graça Moraes Nascimento
Maria Aparecida Zogaib
Camilo Júlio Filho
Ester Martins Siqueira

PROFESSORES DO GINÁSIO

Sidney Sulpisio Corrá
Manoel Dias Martins
Benedito de Moraes Praxedes
Maria Helena de Lara Crelier
Frank Campbell Worthington

PROFESSORES DO COLÉGIO (CIENTÍFICO)

Manuel Dias Martins
Therezinha de Graça Moraes Nascimento
Ruth Vera Cruz Worthington
Aureliano César Nascimento
Albertino Manente
Antonio Jordão de Barros
Valério Gozzano
Camilo Júlio Filho
Maria Helena de Lara Crelier
José Alberto de Luno

PROFESSORES DA NORMAL

Hipólito Gomes Neves Filho
Josette Pereira
Beatriz Moraes Leite Fogaça
Maria Helena Lara Crelier
Therezinha da Graça Moraes Nascimento
Nestor Grillo
Hélio Gagliardi
Maria das Graças Arruda Pereira Nardy
Olinda Afonso
Leocádia Montelro Gomes
Acácia Wey Popini

DIRETORES DO ESTABELECIMENTO

Luz Almeida Marins
Genny Kalil Millego
José Eduardo Nunes
Flávio Gagliardi

DATA DE EQUIPARAÇÃO DA ESCOLA NORMAL: DEC. n.º 22.707, de 03-09-1953.

2.8: INSTITUTO EDUCACIONAL “SANTA ESCOLÁSTICA”

Foi fundado em 28 de setembro de 1905 pela Congregação de São Bento das Irmãs Missionárias. Administra Instrução de grau primário, se-

cundário e profissional. Em 1955, matriculou no curso primário, 544 alunos; na Escola de aplicação, 122; no secundário, 317, e no profissional, 91.

O ensino nos diversos graus na maior parte é ministrado por professoras religiosas, motivo pelo qual deixamos de citar nomes. São diretoras do Primário: Madre Judith Basini, O.S.B.; Escola de Aplicação: Madre Virgínia da Cunha Pereira, OSB; Secundário: Madre Mechtildis Dengg. OSB; Profissional: Madre Theolinda Alves Mendes, OSB.

3: ENSINO SUPERIOR

3.1: FACULDADE DE FILOSOFIA

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, foi criada pela Lei Municipal n.º 233, de 23-08-1951. Autorizada a funcionar pelo Dec. Federal 32.028 de 30-12-1952.

Em 1955, matriculou no curso de Filosofia, 5 alunos Curso de Pedagogia, 21; Letras Neo-Latinas, 21; Geografia e História, 17.

São seus professores: Cônego Francisco Lyrio de Almeida, Dr. Júlio Garcia Morejon, Dr.^a Francesca Cavalli, José Gomes Caetano, Antônio Gaspar Ruas, Dr. Georges Raeders, Dr. Joseph Jacobus, Van Den Besselear, João Tortello, Ruy Afonso da Costa Nunes, Dr. Walter Roubaud Dias, Pe. João Dias Ramalho, Ruth Corrêa Leite Cardoso, Valério Gozzano, D. Beda Kruse, OSB, Décio Matos Nogueira, Anna Lia Amaral de Almeida Prado, Enid Castelo Martins Roubaud Dias, João Soukup, Aziz Nacib Ab'Saber, Antônio Rocha Penteado, Mons. Antônio Pedro Mislara, Beatriz Berini, Carlos Rolim Afonso, Sérgio Buarque de Hollanda, Dr. Arthur Fonseca, Maria Conceição Vicente de Carvalho, Côn. Lúcio Floro Graziosi. Diretor: Mons. Antônio Pedro Mislara, Vice-Diretor: Côn. Francisco Lyrio de Almeida, Secretário: Prof. Geraldo Madureira. Conselho Técnico Administrativo (C.T.A.): D. Beda Kruse, OSB, Dr. Júlio Garcia Morejon, José Gomes Caetano, Dr. Joseph Jacobus Van Den Besselear, Côn. Francisco Lyrio de Almeida.

3.2: FACULDADE DE MEDICINA DE SOROCABA

3.2.1: IDÉIA INICIAL

Em fins de 1949 e primeiros meses de 1950, quando prefeito de Sorocaba, o Dr. Gualberto Moreira, teve SS, a Idéia de fundar na cidade uma Faculdade de Medicina. Transplantando do terreno das Idéias para o terreno prático da iniciativa, contou desde logo com a colaboração do Prof. Linneu Mattos Silveira, Padre André Pieroni, Dr. José Ermírio de Moraes,

Sua Eminência o Cardeal de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, sua excia. Revma. Dr. José Carlos de Aguirre, DD. Bispo Diocesano de Sorocaba e a Câmara Municipal de Sorocaba.

Dados os primeiros passos para concretização da idéia, foram encontrados os primeiros e grandes obstáculos, aliás naturais em empreendimentos dessa natureza. E a manutenção da Faculdade? A sua instalação? Como seria criada, se havia a dificuldade de seu patrocínio por uma Universidade?

3.2.2: A INSTALAÇÃO — BENFEITORES E BENEMÉRITOS

O dr. Gualberto Moreira, contando com a eficiente cooperação do padre André Pieroni, não desanimou ante esses obstáculos iniciais e, dada a magnitude do previsto e a sua conseqüência extraordinária no seio da sociedade sorocabana e mesmo na cultura e ciência locais, aqueles primeiros soldados da grande causa se deixaram apossar do espírito certo de combatividade, alinhando-se entre eles, também desde as primeiras providências, o Mons. Dr. Emílio José Salim e sua Excia. Revma. D. Paulo de Tarso, Bispo de Campinas e Reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E, de acordo com as dificuldades, foram os problemas atacados. Primeiramente, conseguiu-se, graças à boa-vontade e clarividência de sua Eminência o Cardeal Mota, o sr. Bispo de Campinas, D. José Carlos de Aguirre, e interferência direta de Monsenhor Salim, colocar sob os auspícios da Pontifícia Universidade Católica, a Faculdade de Medicina de Sorocaba, em perspectiva. As instalações ficaram sob a responsabilidade do Dr. José Ermírio de Moraes e Dr. Gualberto Moreira. Enquanto aquele providenciava, às suas expensas, as modificações necessárias no prédio da Maternidade Santa Lucinda, já então transformada em Hospital Santa Lucinda e a modificação da Fundação Votorantim, mantenedora daquela maternidade, para Fundação Sorocaba, que passaria a ser a entidade mantenedora do novo hospital-escola, o prefeito de Sorocaba providenciava o equipamento para as salas onde funcionariam as aulas da primeira série e cuidava-se do processo relativo à autorização para funcionamento. Na Câmara, o então vereador Jurandyr Baddini Rocha apresentava projeto, depois transformado na lei n.º 126, de 12 de julho de 1949, destinando à Faculdade de Medicina 10% de todos os impostos arrecadados pelo município, prevendo a manutenção e instalação do estabelecimento. Paralelamente a esses esforços em tão variados setores, selecionavam-se os elementos do corpo docente da Faculdade, estudavam-se os currículos apresentados, formava-se o Conselho Técnico Administrativo da Escola, elaborava-se o seu Regimento Interno e não se desprezava qualquer pormenor de ordem técnica ou burocrática. Por essa época era designado e

nomeado por sua Eminência o Cardeal Mota, o primeiro Diretor da Faculdade de Medicina de Sorocaba, recaindo a escolha no Prof. Linneu Mattos Silveira.

Constituída a equipe de benfeitores da instituição, recebendo cada qual a sua parcela de trabalho e de sacrifícios, todas as tarefas foram decididamente atacadas, encaminhando-se o processo de autorização de funcionamento da maneira mais auspiciosa possível, manifestando-se o governo federal pelo Decreto n.º 28.003 de 13 de Abril de 1950, favorável ao funcionamento do Curso Médico da Faculdade de Medicina de Sorocaba, decreto esse assinado pelo então presidente da República, o General Eurico Gaspar Dutra.

3.2.3: INÍCIO DE FUNCIONAMENTO

Com o Prof. Odorico Machado de Souza, catedrático de Anatomia Descritiva, funcionando regularmente desde logo, no preparo de peças anatômicas para ensino e estudo, teve início efetivo o funcionamento da Faculdade de Medicina de Sorocaba.

Os organizadores da Escola, ansiosos por assistirem a inauguração oficial do Curso Médico, passaram a se empenhar com o Dr. Jurandyr Lodi, diretor do ensino, superior, conseguindo autorização para a Faculdade de Medicina de Sorocaba iniciar o seu funcionamento legal em 1950, realizando concurso vestibular fora de época, condicionando tal fato ao prolongamento do período letivo pelo período de férias de julho.

A equipe responsável pelo magno empreendimento, depois de pesados os prós e os contras, decidiu novo empenho junto aos poderes dirigentes do ensino superior no país, pleiteando a diminuição do número de vagas na 1.ª série (de 80 para 50) a fim de garantir mais eficiência ao ensino, possibilitando ao estudante uma prática mais intensa, efetiva e produtiva e decidindo a realização do primeiro concurso de habilitação em 1951.

Nessa época a Faculdade de Medicina de Sorocaba deixara de ser apenas uma idéia, para se transformar numa realidade esplendente.

O interesse dos futuros candidatos à matrícula já se manifestava, apresentando-se um apreciável número deles para os exames vestibulares marcados para 1951. Muitos professores, o suficiente para a constituição da congregação da Escola, já haviam sido designados: Odorico Machado de Souza, Humberto Cerruti, Névio Pimenta, José Maria de Freitas, Demóstenes Orsini, Dom Policarpo, Carlos da Silva Lacaz, Antônio Dácio Franco do Amaral, José Ramos de Oliveira Júnior, Constantino Mignoni, Charles Edward Corbett, Eduardo de Souza Cotrim, Lineu Matos Silveira, João Batista de Oliveira e Costa Júnior, Eugênio Luiz Mauro, Carlos Prado; constituindo-se o Conselho Técnico Administrativo pelos professores Linneu

Mattos Silveira, João Batista de Oliveira Costa Júnior, Mons. Dr. Emílio José Salim, José Maria de Freitas, Carlos Prado, Odorico Machado de Souza e Constantino Mignoni. Como secretário geral da Fundação Sorocaba e da Faculdade de Medicina de Sorocaba, o Dr. João Câncio Azevedo Sampaio.

3.2.4: 1.º CONCURSO DE HABILITAÇÃO

De 2 a 20 de Janeiro de 1951 estiveram abertas as inscrições para o 1.º concurso de habilitação da Faculdade de Medicina de Sorocaba. Inscreveram-se 131 candidatos, sendo o número 1 ocupado pela senhorita Diana Tannos, de Sorocaba. Realizado a concurso foram aprovados 40 candidatos, justificando-se assim a realização de uma segunda chamada, quando foram aprovados mais 11 candidatos, havendo 1 excedente (Roque Aparecida Ribeiro Lopes) autorizado a freqüentar o curso com expressa autorização do Dr. Jurandyr Lodi, Diretor do Ensino Superior.

Feitas as matrículas, para início das aulas, a matrícula n.º 1 foi a senhorita Kleber Tavares Rocha, também de Sorocaba.

3.2.5: PROSSEGUIMENTO DE ATIVIDADES: AUSTERIDADE EM TODAS AS AÇÕES

A Faculdade de Medicina de Sorocaba, com o rigor impresso às provas do Concurso de Habilitação, conseguiu uma turma de 51 magníficos alunos, mais ou menos apreciável nível de dedicação e capacidade.

Foi nessa época realizada uma série de testes para conhecer o nível de alunos e a vocação de cada um, iniciativa adotada pela primeira vez no Brasil, numa escola médica, pela Faculdade de Medicina de Sorocaba.

As aulas, iniciadas auspiciosamente, tiveram desenrolar consciencioso e eficiente, realizando-se todas as provas em ambiente de respeito e cordialidade, com o despertar seguro do espírito universitário da cidade.

Fundava-se, por esse tempo, o Centro Acadêmico "Vital Brasil", representativo do corpo discente da Escola, desde logo perfeitamente adaptado às suas funções sociais, culturais, esportivas, filantrópicas, etc.

3.2.6: CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO PRÓPRIO DA FACULDADE

Com a instalação de novas séries, imposição do desenvolvimento do curso, passou a ser insuficiente a parte do Hospital Santa Lucinda adaptada para a Faculdade, para as suas aulas teóricas e práticas. Acres-

cente-se a instalação, já então efetiva da Escola de Enfermagem e Auxiliar de Enfermagem "CORAÇÃO DE MARIA", em franco funcionamento nas mesmas instalações. Foi quando se tratou da construção do prédio da Faculdade. Foi quando, mais uma vez, se evidenciou o espírito generoso do Dr. Ermírio de Moraes, que se decidiu levar avante tal empreitada, por sua própria conta. Ao mesmo tempo apreciava-se o desprendimento do Sr. João Cândio Pereira, cujos terrenos deveriam ser desapropriados para dar lugar à nova construção. E, desapropriada vasta área de terreno, teve início a obra, projetando cinco andares. As obras logo após a conclusão de cálculos, projetos, etc., foram atacadas, passando a ser usadas várias salas, mesmo desprovidas de acabamento final e em estado rústico, para a comodidade dos alunos e eficiência do ensino.

As contribuições da Prefeitura; provenientes da Lei 126 de 1949, pagas normalmente, mostravam-se como a base financeira mais sólida da Escola, sempre a braços com compromissos imensos, decorrentes de seus compromissos inadiáveis. E viu-se, no empreendimento, o valor da obra realizada pelo Prof. Linneu Mattos Silveira, que desenvolveu administração criteriosa econômica, das mais honestas, tendo sempre em mira a eficiência do ensino, sem maiores preocupações em ostentações infrutíferas. Ciente de tais compromissos, e solicitado pela direção da Escola, o Deputado Castilho Cabral apresentava à Câmara Federal dos Deputados um projeto de lei, concedendo à Faculdade de Medicina de Sorocaba um auxílio de 5 milhões de cruzeiros.

Encaminhado ao plenário, tal projeto conheceu dificuldades imensas, só não sendo arquivado ou "engavetado" pelo devotamento, que precisa ser reconhecido, do Deputado Castilho Cabral.

Só em 1955 (Dezembro) foi autorizado o pagamento de tal importância, depois de uma longuíssima tramitação do processo.

3.2.7: HOSPITAL REGIONAL: INSTALAÇÃO DE AMBULATÓRIO — ASSISTÊNCIA AOS INDIGENTES

Com o desenvolvimento do curso médico, e com a instalação das diversas clínicas, passou a Faculdade de Medicina de Sorocaba a desenvolver uma função social e assistencial das mais valiosas na cidade. Recebendo em seus ambulatórios os doentes, examinando-os, fornecendo-lhes medicamentos, internando-os, propiciando-se intervenções cirúrgicas, tudo gratuitamente, tornou-se notável a presença da Faculdade de Medicina de Sorocaba na vida social e médico-profissional de Sorocaba.

A presença dos universitários, o comparecimento repetido de médicos de renome nacional e mesmo internacional, tudo passou a ser um fator de

projeção da cidade nos meios cultos do país. Desenvolvendo-se enormemente a procura do Hospital Santa Lucinda pelas legiões de necessitados, e apreciando-se a necessidades de novas instalações para a prática das novas clínicas instaladas, tratou-se de se conseguir do Governo Estadual a construção de um hospital de clínicas, que passaria a servir a 9.^a Região de Estado, integrada por mais de 3 dezenas de municípios, com uma população de aproximadamente 1 milhão de indivíduos. Governando o Estado o Prof. Lucas Nogueira Garcez, depois de todos os empenhos foi solenemente lançada a pedra fundamental do novo hospital, cuja construção deixou de se processar até a época de funcionamento do 6.^o ano da Escola (1956), por motivos vários, e quando já governara o Estado o Dr. Jânio Quadros, que renovou promessas formais de construção de tal hospital. Diante desse fato, foi o Hospital Santa Lucinda inteiramente transformado em hospital para indigentes, não havendo sequer um leito para doente pagante. Aí estão os estudantes fazendo a sua prática, sob as vistas de seus mestres e dignos assistentes.

3.2.8: HOSPITAL INFANTIL "SÃO LUIZ"

Devido aos esforços pessoais do Prof. Carlos Prado, titular de cadeira de Clínica Pediátrica e, na época, Diretor do Departamento Estadual da Criança, foi iniciada a construção do Hospital Infantil "São Luiz", anexo ao Hospital Santa Lucinda. Não houve solenidade. Os professores Carlos Prado e Linneu Mattos Silveira, o presidente do Centro Acadêmico e alguns assistentes, de posse de picaretas, pás, enxadas e outros instrumentos iniciaram as obras... E, contando como apoio financeiro da Legião Brasileira de Assistência, Campanha Pró-Monumento a Monteiro Lobato, alguns particulares e do Lions Clube de Sorocaba (que fiscalizou as obras e as compras), tal hospital elevou-se com rapidez, estando prestes a servir às suas finalidades (1956).

3.2.9: OUTROS BENFEITORES

Devem ser citados, para quando se elaborar a história da Faculdade de Medicina de Sorocaba, os nomes de certas personalidades que se fizeram verdadeiros beneméritos da instituição. Além dos já apontados, evidenciou-se pela generosidade dos donativos a família Scarpa, representada pela Exma. Sra. Dona Carmelina Scarpa e seus filhos Comendadores Francisco Scarpa e Nicolau Scarpa Filho, que doaram ao laboratório de Anatomia Patológica 25 magníficos microscópios Zeiss, diretamente importados da Alemanha; família Barbero, família Archilla, família José Miguel, Comendador Heitor Antunes e outros que escapam à rapidez destes primeiros dados.

3.2.10: MUDANÇA DE DIREÇÃO

Após cumprir dois períodos administrativos (6 anos) deixou a diretoria da Faculdade de Medicina de Sorocaba, em agosto de 1955, o Prof. Linneu Mattos Silveira, substituído pelo Prof. João Batista de Oliveira e Costa Júnior, nomeado por sua Eminência o Cardeal Mota, Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O Prof. Costa Júnior, membro do 1.º C.T.A. da Faculdade acompanhante da Escola em todos os seus êxitos e dificuldades, conhecedor, assim, de toda a escala de dificuldades administrativas de uma instituição órfã de cuidados oficiais, prosseguiu com a mesma norma judiciosa de orientação do seu antecessor, imprimindo à Faculdade ritmo de perfeito andamento de seus negócios, em seus vários setores.

3.2.11: OFICALIZAÇÃO DA FACULDADE

Pelo Decreto 35.291 de 30 de Março de 1954 foi concedido reconhecimento ao Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Sorocaba, estando tal decreto assinado pelo Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, e Prof. Antonio Baldino, Ministro da Educação.

3.2.12: AGREGAÇÃO À PONTIFÍCIA

Após o reconhecimento de seu curso médico, foi a Faculdade de Medicina de Sorocaba, agregada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, preenchendo-se, destarte, todas as formalidades legais.

3.2.13: 1.ª TURMA DE MÉDICOS SOROCABANOS

Com as transferências concedidas e recebidas e com as reprovações verificadas, a turma que iniciou o curso em 1951 está diminuída para 39, que são os candidatos a constituírem a primeira turma de médicos sorocabanos.

3.2.14: RELAÇÃO DOS 39 FORMANDOS EM 1956 — 1.ª TURMA DA FACULDADE DE MEDICINA DE SOROCABA

- 01 — Adhemar Rodrigues Valle Junior
- 02 — Alfredo Hélio Ribeiro Cadovan
- 03 — Américo de Araújo Neves da Silva

- 04 — Amyris Taveira Teixeira Guimarães
- 05 — Antônio Carlos Ribeiro Marques
- 06 — Antônio Jordão de Barros
- 07 — Aristheu Possidônio de Oliveira
- 08 — Augustc Bitelli Júnior
- 09 — Constantino José Fernandes
- 10 — Daise Hannickel Becher
- 11 — Daysi Lupi Favero
- 12 — Diana Tanno
- 13 — Dirceu Giachetti
- 14 — Edgard Steffen
- 15 — Ernest Werner Mac Emanuel Kahn
- 16 — Francisco de Assis Machado
- 17 — Gricha Vorobow
- 18 — Hely Felisberto Carneiro
- 19 — João de Campos Aguiar Filho
- 20 — João Moacyr de Almeida Prado
- 21 — José Leal de Queiroz
- 22 — Joaquim Miguel da Fonseca Rosas Netto
- 23 — José Mussi
- 24 — José Roberto Gimenez Pereira
- 25 — Kleber Tavares Rocha
- 26 — Luiz Antônio Francisco Monssalli
- 27 — Luiz Ferraz de Sampaio Júnior
- 28 — Luiz Sebastião Prigenzi
- 29 — Maria Aparecida Bonifácio Silva Simon
- 30 — Maria de Lorges Milled Haspa Maciel
- 31 — Manoel Gomes Troia
- 32 — Mário José Sasia
- 33 — Nelson Olavo de Mello
- 34 — Newton de Oliveira
- 35 — Paulo de Assis
- 36 — Rodolfo Magnani Filho
- 37 — Roque Aparecido Ribeiro Lopes
- 38 — Sérgio Belmiro Arquesta
- 39 — Vera de Jesus Sampaio

CAPÍTULO VII

Alguns Documentos sobre a Faculdade de Filosofia (Síntese)

A "Folha Popular", em sua edição do dia 21 de Abril de 1951, publicou o seguinte: "FACULDADE DE FILOSOFIA. ADQUIRIDA PELA PREFEITURA MUNICIPAL A ANTIGA CASA GRANDE DA TRADICIONAL CHÁCARA SPEERS, HOJE CHÁCARA TRUJILO". Muito se tem falado e muito se tem escrito sobre a Faculdade de Filosofia de Sorocaba. Hoje vamos abordar o assunto, sem partidanismos, apenas esclarecendo nossos leitores sôbre o que há de concreto e de possível no caso. Quando da criação da Faculdade de Medicina, foi feito pelos estudantes de Sorocaba um movimento tendente a criar uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, considerando que nossa cidade com suas quatro Escolas Normais, teria ambiente e candidatos para um estabelecimento de ensino dessa envergadura. Chefiavam esse movimento os grandes batalhadores da questão do ensino entre nós: Padre Pieroni e Carlos de Oliveira. O então prefeito municipal Gualberto Moreira, tratou do assunto com o sr. Jurandir Lodi e Monsenhor Salim, respectivamente Diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação e Reitor em Exercício da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e as duas maiores autoridades em matéria de ensino superior no Brasil. Suas Excias. convenceram nosso prefeito, que naquele momento não seria conveniente tratar da criação de 2 escolas desse quilate, dado o custo da obra, como as dificuldades na organização, assim como o problema da manutenção.

Ficou o assunto em suspenso, quando o Deputado Pinheiro Júnior em conversa com os sorocabanos, soube do nosso desejo em criarmos uma Faculdade de Filosofia. Elaborou e deu entrada na Assembléia Legislativa do Estado, com um projeto assim redigido: artigo 1.º — Fica criada na cidade de Sorocaba, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras subordinada à Universidade de São Paulo. Artigo 2.º — As despesas decorrentes da instalação da referida escola correm por conta das verbas próprias do orçamento. Artigo 3.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Sala das sessões, julho de 1950. Deputado Pinheiro Júnior. O projeto acima, ainda está tramitando

pelas várias etapas burocráticas de nossa legislação, estando no entanto para entrar em discussão brevemente, dado o interesse dos deputados Pinheiro Júnior (autor do Projeto) e Gualberto Moreira (representante sorocabano na Assembléia). Como o Estado ainda não instalou nenhuma de suas Faculdades criadas por forças da Lei 161 de 1948, e só providenciará a instalação de escolas nos municípios em que houver colaboração da Prefeitura ou de particulares com doação do prédio ou instalações, movimenta-se as várias cidades do Interior interessadas na criação de Escolas numa corrida lógica e louvável, para oferecerem ao Estado os meios para instalação o mais rápido possível de seus Institutos Universitários. Ouvindo vários vereadores, soubemos que esse foi o espírito que os norteou para o apressamento da questão. Entretanto o que não concordam muitos e talvez estribado em ponderações que julgam fundamentadas, é na localização da Escola. Poderia ser escolhido outro local, e foi aventada a hipótese de instalarmos a futura Faculdade de Filosofia, anexa à Faculdade de Medicina. Não pensaram assim os senhores edis sorocabanos, e já foi aprovado o projeto de compra da Chácara Trujilo e sancionado pelo sr. Prefeito Municipal, que efetuou a transação a seguir.

O jornal sorocabano "Cruzeiro do Sul", em sua edição do dia 19-06-1951, publicou o que se segue: "OPORTUNA INDICAÇÃO DO VEREADOR JURANDYR BADDINI ROCHA" — Na sessão de hoje da nossa Câmara Municipal, o vereador Jurandyr Baddini Rocha apresentará a seguinte e oportuna indicação. Indico à Vossa Excelência, senhor presidente, a conveniência e a oportunidade de entendimentos a serem realizados entre a Câmara Municipal de Sorocaba e a Prefeitura Municipal da cidade, para a constituição de uma Comissão de ação permanente, com o fim único e específico de estudar as possibilidades de instalação de Escolas Superiores, em nossa terra, delineando planos, entabulando negociações, auscultando os nossos interesses e as nossas possibilidades e adotando as providências cabíveis no momento, e aconselhadas pela experiência. A oportunidade desta Indicação baseia-se no conhecimento de que a instalação, autorização de funcionamento e medidas complementares demandam tempo, preenchimento de inúmeras formalidades, satisfação de incontáveis exigências legais, prédios apropriados, etc... Se desejamos possuir outras Escolas Superiores, é justo que sejamos previdentes iniciando desde já os entendimentos prévios para que seus frutos sejam colhidos em tempo justo e satisfatório.

A Folha Popular, em 31 de Dezembro de 1952, abria manchete em primeira página: "AUTORIZADO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA O FUNCIONAMENTO DA FACULDADE DE FILOSOFIA", e transcrevia o telegrama vindo do Rio: Rio, 30 (Asapress) — Pelo Telefone — O presidente da República assinou hoje decreto concedendo autorização para o funcionamento da Faculdade de Filosofia, da cidade de Sorocaba, do Estado de São Paulo.

O "Cruzeiro do Sul", em 03 de Março de 1953, estampava a seguinte notícia: "Funcionamento de cursos na Faculdade de Filosofia de Sorocaba. O presidente da República assinou decreto, na Pasta da Educação, que concede autorização para o funcionamento de curso de Filosofia, Geografia e História e de Letras Néo-Latinas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de Sorocaba, no Estado de São Paulo.

A "Folha Popular", em 5 de Maio de 1953 publicou: "Faculdade de Filosofia" — "A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, cujo decreto de funcionamento n.º 32.038 foi assinado pelo sr. Presidente da República, no dia 30 de Dezembro de 1952, e publicado no Diário Oficial da União no dia 24 de Fevereiro de 1953, iniciará as suas atividades em janeiro de 1954. Já está funcionando um curso preparatório aos exames vestibulares, na diretoria do Grupo Escolar Visconde de Porto Seguro, na praça Cel. Fernando Prestes, das 17,30 às 19,30 horas."

No dia 4 de Novembro de 1954, os diários matutinos de Sorocaba, "Folha Popular" e "Cruzeiro do Sul", publicavam o seguinte: "Folha Popular": "Ontem foi um dia de festa para a "Manchester Paullista", principalmente para a classe estudantil, pois todos os anseios dos sorocabanos, que visavam o funcionamento da Faculdade de Filosofia de Sorocaba, viram-se coroados de pleno êxito, com a aprovação unânime por parte de nossos vereadores, da emenda apresentada ao Orçamento de 1954, concedendo uma verba de quinhentos mil cruzeiros para que possa entrar em atividade mais aquela escola superior em nossa terra. A reunião de ontem na Câmara Municipal caracterizou-se por uma movimentação impar em sua história, com as suas dependências completamente lotadas pelo povo e pelos estudantes que, com as suas presenças foram levar o seu voto de confiança em nossos legisladores, para que a emenda fosse, como foi, aprovada. Antes do início da sessão, comissões de estudantes percorreram todos os colégios de Sorocaba, solicitando de seus diretores a dispensa dos alunos das aulas, para que os mesmos tomassem parte nas manifestações, ao mesmo tempo que rojões espoucavam no ar, dando um ar festivo ao movimento, e carros percorriam as várias ruas da cidade tocando músicas patriotas e irradiando textos em que era pedida a presença do povo e estudantes no recinto da nossa edificação. Foi um espetáculo empolgante e de vibração, quando mais uma vez, ficou patente o esforço, e a dedicação de nossos estudantes no empenho de mais uma conquista para a classe. A "Folha Popular" que se rejubila pelo brilhantismo desse feito rende aqui as suas homenagens a todos os estudantes de Sorocaba, e ao povo em geral, não podendo deixar como manda a justiça de ressaltar o nome desse baluarte incontestado pelo funcionamento de nossa Faculdade de Filosofia, e que é a figura dinâmica e simpática do padre André Pieroni". O "Cruzeiro do Sul": "Finalmente, ontem tivemos na Câmara Municipal de Sorocaba o início das discussões do orçamento para 1954, onde figuravam na pauta dos trabalhos, várias emendas para

serem discutidas e votadas. Já no início da sessão, era bastante numerosa a assistência presente no edifício da Câmara, formada principalmente por estudantes das nossas escolas normais e colégios, os maiores interessados pelo funcionamento a futura Faculdade. Isso, de uma forma ou de outra aumentou a tensão e a expectativa sobre os debates que vinham sendo ansiosamente esperados. O primeiro orador a falar foi o autor da emenda que a justificou com exuberância de elementos e agradeceu a colaboração de seus colegas de comissão. A seguir, falaram os vereadores Jorge Moisés Betti, Manoel Ruiz e outros, todos favoráveis à proposição, sendo que o edil Juvenal de Campos fez algumas objeções sobre o assunto, para finalmente dizer que iria votar favoravelmente à matéria.

Posta em votação, foi a emenda aprovada por unanimidade, tendo um dos edís solicitado que o número da votação por unanimidade fosse constado da ata dos trabalhos da noite. Após o resultado da votação da matéria houve intensa manifestação de júbilo por parte dos estudantes presentes, que organizaram uma passeata com alto-falante e rojões, promovendo um verdadeiro comício de alegria em frente ao prédio da Câmara Municipal”.

CAPÍTULO VIII

1: Música e Musicistas

1.1: NOS TEMPOS COLONIAIS

Não resta dúvida: os beneditinos ensinaram canto cantochão aos moços sorocabanos, e isso até o tempo de Dom João VI. Não se encontram documentos acerca do instrumentos do coro do mestre de capela da Matriz. Num inventário de 1803 li a palavra "fagote", à qual, todavia, pode não ser instrumento musical. Nos primeiros tempos, devia de ser como em Itu: em vez de órgão, harpa. Resta saber se esta harpa seria como a atual. Em todo caso, se bem entendo os autores, era um instrumento "acompanhante". Não podia faltar o violino, então chamado a rabeça.

1.2: MESTRES DE CAPELA

A orquestra para as funções de igreja, missas de festas e de defuntos, sempre existiu em Sorocaba. O documento mais antigo é a conta de uma festa de Nossa Senhora da Ponte, no inventário do padre Pedro de Godói, falecido em 1692. O festeiro, bandeirante Tomé Moreira Cabral devia-lhe a cera e o dinheiro que pagará aos músicos.

1.3: REVERENDO ANTÔNIO DO ROSÁRIO E O PRIMEIRO ÓRGÃO (1780)

Todavia o primeiro mestre de capela de que fala o livro Tombo é o reverendo Antônio do Rosário (clérigo ou subdiácono), na mesma época em que dona Mariana Bueno de Camargo já viúva de João Dias Vieira, falecido em 1777, vendia no vigário, por 200 mil réis, o órgão de sua casa.

Nos assentamentos de óbitos fala-se muito na música do mestre de capela, por ex., de Miguel Sutil de Oliveira (1755) e os testamentos pedem sempre três momentos com a tal música na rua, durante o enterro.

1.4: 1804

Na fundação da Santa Casa, o princípio apenas com a Irmandade da Misericórdia, na igreja de Santo Antônio, em 1804, os sorocabanos que comparecem à reunião, presidida pelo fundador, capitão mor, Francisco José de Sousa, ofereceram dinheiro, gêneros e serviços para a construção do hospital. Ofereceram-se sacerdotes para as suas funções "alegres e tristes". Ofereceram "a sua música", Manoel Libório Lorenzo Pereira de Camargo, Tomé Antonio Pereira, licenciado Joaquim Antônio dos Reis.

O Manoel Libório ordenou-se. Em 1825 adquiriu o "órguinho" da Matriz o Manoel Joaquim Pereira ou Joaquim Músico, daquela família. Moravam abaixo de Santo Antônio e Tomé foi ourives.

2: BRASIL REINO

2.1: 1811 — ÓRGÃO EM SANTA CLARA — IRMÃ ANA DE STO. ANTÔNIO

O órgão do novo convento de Santa Clara, veio de Itu, com a sua dona e organista, filha de Inácio Dias Ferraz. Ainda existe, mas não em uso. A dona Maria do Monte Aires, rica viúva que se fez freira, pertencia um belo cravo, hoje no Museu da Cúria de São Paulo.

Nunca faltou organista em Santa Clara sendo a mais afamada a irmã Ana de Santo Antônio, filha de Domingos Inácio de Araújo e Delfina Maurícia de Sá, nascida em Sorocaba pouco antes de seu pai fundar Guarapuaça.

3: BRASIL IMPÉRIO

3.1: (1852)

A capela particular de Elias Aires do Amaral, dedicada ao Senhor Bom Jesus junto ao seu sobradão da rua das Flores, tinha um órgão. Por essa época principiam a vir os harmônios, uns Debain de que ainda se vêem exemplares nas capelas de Santa Cruz e da Aparecida.

3.2: NOS MEADOS DO SÉC XIX (1857)

Acabam-se os mestres de capela e surge o primeiro mestre de orquestra completa, com muitos instrumentos, por nome Pedro Rodrigues de Melo.

A banda "7 de Setembro", a que ele pertencia foi fundada pelo bacharelado ou estudante Américo Brasiliense de Almeida Melo em 1857, a 7 de Setembro (carta do Frei Paulo). O primeiro mestre era João Leme de Oliveira, sucedendo-lhe Fernando Luiz Grohman. Os músicos tocaram na banda e na orquestra, quanto aos instrumentos de sopro.

3.3: A PRIMEIRA BANDA DE MÚSICA

Entretanto, em 1866, frei Baraúna, o doutor João Feliciano da Costa Ferreira, e Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury fundaram uma sociedade para manter essa banda que brilhou sob a batuta, mais tarde, de Luiz Fernando Grohman, após uma nova reorganização em que trabalhou muito o padre-mestre Lessa que era um bom instrumentista e melhor cantor. Após a Morte de Pedro Rodrigues de Melo, Luiz Fernando esteve à frente da banda e ao mesmo tempo da orquestra, dando a esta o nome de Filo Euterpe ou Filotécnica, segundo alguns escreviam, pois na realidade era a orquestra de Nhonhô.

Mas em 1840 já havia uma banda de música. Era liberal e os conservadores que estavam à testa do município, não puderam festejar com ela a coroação de Pedro II, tendo de trazer uma de Itu.

3.4: NO IPANEMA. OS SANTANAS E MARINS. PADRE JOSÉ ZANOLA

Em 1846 já havia no Ipanema uma grande banda de música uniformizada.

As bandas de música e orquestras foram numerosas. Conjuntos faziam-se e desfaziam-se. Aos músicos profissionais juntavam-se os amadores, como o dr. Álvaro Soares, o dr. Luiz Vergueiro instrumentista e o padre Luiz Sicluma, cantor. **Em três gerações foram famosos violinistas,** Salustiano Zeferino de Santana, Vicente Zeferino de Santana e prof. Joaquim Izidoro de Marins, avô, pai e neto.

O último também regia e o segundo compunha e regia, apreciando as músicas do padre José Maurício e do maestro Vicente Procópio.

4: BRASIL REPÚBLICA

4.1: YAYÁ SOARES, AS KNIPEL DURSKI, FERREIRA ETC.

Cerca de 1920 as filhas de Maria começaram a executar músicas sacras modernas, segundo o motu-próprio de São Pio X com Yayá Soares e

outras muitas. Somente em 1927 o padre José Zanola fundou sua orquestra e coro misto, executando missas e responsórios de Perosi e colocando completamente a música sacra no mais alto ponto durante 20 anos.

4.2: CORO DO SEMINÁRIO MENOR

De 1945 em diante tomou o maior relevo o coro do Seminário Menor "São Carlos Borromeu", ultimamente dirigido pelo padre Adolfo Festa. O coro de meninos agrada mais do que o coro misto e tem realizado concertos de música sacra.

4.3: ORQUESTRA SINFÔNICA

Aí por 1949, Benedito de Camargo, parente de Pedro Rodrigues de Melo, teve êxito reunindo todas as orquestras.

4.4: BANDAS

Muitas bandas existiram. Resistem às dificuldades a banda "Dimas de Melo", antiga "Santa Cecília", e a "Carlos Gomes" principiada em 1930 pelo maestro Negrão, com elementos ferroviários.

5: ENSINO MUSICAL

5.1: PROFESSORES DE PIANO

Outrora foram inúmeros os professores de piano, dos dois sexos. Um dos primeiros foi Joaquim da Costa e Silva, chegado de Porto em 1848. Em 1869 chegou de Itu Manoel Alvares Lobo, irmão de Elias, e que organizou com suas alunas concertos de salão. Compunha missas e outras missas sacras. Organizava conjuntos ocasionais por ex. para o mês de Maria, o mês do Rosário. Sua aluna foi a filha do capitão José Dias, esposa de Francisco de Sousa Pereira. Era dotada de um ouvido extraordinário. A família é de músicos e junto dela cresceu o prof. João Mentone, competentíssimo professor.

5.2: NORBERTO BASTOS

Com o advento do rádio, 1930, muito se salientou Norberto Bastos, que é o mais famoso pianista da atualidade, sempre apreciado em seus concertos.

5.3: OS COSTA

Da família de músicos Costa Dias, deve salientar o saudoso Aníbal que tocava o fagote ainda em orquestras modernas. Não temos a intenção de comentar todos os músicos, mas não terminaremos sem lembrar ao menos uma professora de piano, Eutínia de Vasconcelos e as religiosas beneditinas, desde 1905.

5.4: ORQUESTRA DE LUIZ FERNANDO

Notável foi a orquestra do maestro Grohmann, por nome Filotécnica ou Filo-Euterpe, dos fins do século passado até 1925.

Relação das figuras que, na Filotécnica Sorocabana, foram, por assim dizer, as principais, quer pelo seu valor artístico, quer pelo grande período de tempo em que nela colaboraram:

5.4.1.: VOZES

Ana Rosa de Aquino, contrato e **Francisca de Paula Aquino** das quais já se fez menção, esta última, tiple.

Maurício Garcia, tenor, ex-professor de Nhonhô, diretor e mestre que foi da excelente Corporação Musical "Euterpe Artística Sorocabana", compositor de músicas sacras e profanas, verdadeiro virtuose do piston.

João Batista Itagiba, tio materno de Nhô Lico, já mencionado.

Manoel Álvares Lobo, tenor, irmão do grande maestro **Elias Álvares Lobo**, como este, também compositor e que aqui exerceu funções tabelioas.

Maestro Patrocínio, que de Piedade onde residia e dirigia com proficiência uma banda de música, vinha a miúdo prestar seu concurso à Filotécnica, cantando tenor. Exímio executor de requinta. Foi um grande amigo de Nhô Lico e, reciprocamente, muito se consideravam.

5.4.2: INSTRUMENTISTAS

Salustiano Zeferino de Sant'Ana e seu filho **Vicente Zeferino de Sant'Ana**, violinistas. Este último, ótimo violinista que foi, até avançada idade, ensinou música, violino e outros instrumentos a inúmeras gerações de moços sorocabanos.

Conhecia a fundo qualquer instrumento musical. Foi também, exímio pistonista e mui habilidoso mestre de banda.

Ao tempo de Fábrica de Ferro São João de Ipanema, ali formou uma banda de música composta de negros escravos, gente de todo analfabeta que mourejava na fábrica e na lavoura. Para conseguir que aquela gente bronca compreendesse divisão musical, fazia-lhes a comparação da semi-breve a um alqueire; a mínima era meio alqueire; vinham, depois, os sinais correspondentes a uma quarta, um selamim etc.

Quando da inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana, apresentou em coreto levantado no local que é hoje a Praça da Bandeira, essa corporação musical, em um concerto que assombrou a quantos o assistiram pela perfeição com que executou um difícil e variado programa.

Joaquim Izidoro Martins, o saudoso professor público, mestre de várias gerações de sorocabanos e que, posteriormente, também organizou por sua vez, um conjunto musical para coro de Igreja.

Augusto Grohman, filho de Nhonhô, **Vicente Riccl**, **Terêncio da Costa Dias** e **Nicolau Belo**, violinistas.

Arlindo Baddini, flautista exímio, que também, posteriormente dirigiu um conjunto musical para coro de Igreja, sob o patrocínio das filhas de Maria de Sorocaba.

José Grohman, trombonista, sobrinho de Nhonhô e seu antigo músico de Lira.

Adolfo Lippel, pistonista e também ex-componente da Lira.

Antonio Bellotti, contrabaixo de cordas, pai do saudoso sacerdote sorocabano, Con. José Pedro Bellotti.

José de Mello, contrabaixo de cordas, filho do maestro Pedro de Mello, fundador e diretor da afamada "7 de Setembro".

André Sabará, contrabaixo de cordas.

Pedro Bevenuto Pacheco, trompa.

Joaquim dos Santos, cantava baixo.

O REPERTÓRIO DA FILOTÉCNICA era constituído de grande número de composições, avultando entre elas as de Elias Álvares Lobo, Fernando Luiz Grohman, Manoel dos Passos, Pe. Maurício, Manoel Alvares Lobo, Maurício Garcia e outros.

5.5: MÚSICO E EDUCADOR — FREI VICENTE

Em 1803, depois de três anos de resistência em Sorocaba, o presidente frei Vicente do Rosário Ferreira estava ameaçado de transferência. Respeitáveis cidadãos dirigiram-se à Câmara Municipal, pedindo-lhe que intercedesse por eles ao Governador. Juntaram-se os mais belos atestados em pública forma, da Câmara, do capitão mor e da maior patente militar, o tenente coronel, provaram que aquele beneditino fez mais construções na

igreja e mosteiro em 3 anos, que os antecessores em 30, porque empregava nas obras as espórtulas de suas missas e pregações. Que era um orador sacro muito procurado, elevando a fama do "país" (no sentido de região). Que atendia aos enfermos, passando noites inteiras junto aos moribundos. Que embelezava as festas do claustro (queria dizer a própria igreja), por bem ensinar aos "meninos" (palavra textual) o Latim e o cantochão. "Os que amam a religião, as letras e o bem devem interessar-se na subsistência vitalícia do mesmo" (Te. Cel. Antônio Francisco de Aguiar). "Resplandecer aquele mosteiro com singulares reedificações sobre as ruínas que o ameaçava... Vida exemplar, circunstâncias com que tem afervorizado a devoção dos povos. Aulas que se podem chamar colegiada... aproveitamento dos estudantes no Latim e Cantochão... educação da mocidade, crescendo que o Rev. P.^a Presidente presta estes benefícios gratuitamente" (Do abaixo assinado). "Nós, juiz presidente e oficiais da Câmara desta vila aceitamos etc... que no exercício do ensino da lingua latina não leva estipêndio nem mostra outro desejo que o de felicitar este país... No púlpito tem mostrado a sua erudição com muita satisfação de seus ouvintes. (Da Câmara).

Jahyra Boucault Arruda — Alma de Um Povo

Jahyra Boucault Arruda é paulistana, mas reside de longa data em Piracicaba, onde se destaca como jornalista e poetisa. É ainda professora, insigne oradora do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, cidadã prestante, palestrista e excelente quituteira, extravazando em tudo o que faz, a sua generosa e afável personalidade. Além de excelente cronista, atuante na página dois do Jornal de Piracicaba, é a autora inspirada do livro “Falando com Fernanda”.

Agora estréia na poesia histórica, trilha partilhada por pouquíssimos na literatura brasileira. E o faz magnificamente com o seu estudo em poesia sobre as origens piracicabanas nos séculos XVIII e XIX. Tenho orgulho de ser a madrinha deste poema belíssimo intitulado “Alma de um Povo”. Nunca será demais repetir que Jahyra o concebeu no próprio cenário histórico.

Em julho de 1988, descemos às margens históricas do rio Piracicaba; à direita, onde surgiu a primitiva povoação, e, à esquerda, para onde foi transplantada a Freguesia em 1784. Falamos sobre as coisas passadas, sobre as figuras de antanho, sobre os velhos sonhos fanados, sobre as lutas e as derrotas de um povo piracicabano plantado à boca do sertão. Conte-ihe sobre Mariana Dias.

Jahyra mergulhou no tempo e apreendeu o espírito da época. Na sessão comemorativa do 221.º aniversário de Piracicaba ela nos ofereceu este monumento de beleza, que só poderia ser batizado por “Alma de um Povo”.

Marly Therezinha Germano Percin

Alma de um Povo

Jahyra Boucault Arruda

I. Parte: A Natureza

Piracicaba... Século Dezesete
Sertão bruto
Raio de lua
Brincando sobre densas frondes.
Lágrima de orvalho cristalina
Clarão de luar
Iluminando
O vasto manto de floresta.
Interior de selva
Onde se alteiam
O jequitibá frondoso e a colossal peroba
O guarantã, o ximbó
O cedro e a caviúna
A figueira bravia e o pau ferro.
Retilíneas e esplêndidas palmeiras
E o majestoso ipê
Derrubando cores pela mata a dentro.
É preciso voltar
É preciso entrar — no âmago da História.
Para enaltecer essa rica e infinita flora.
Templo de divindade
Altar da natureza
Em cujo seio vibra
A emoção primeira
De um Deus que a criou.
Piracicaba...
Selvática, balsâmica, grandiosa e bela.
Piracicaba... longínqua...
Perdida
Na infância nebulosa

Da terra, adolescente.
Mundo verde, primitivo
Envolto
Em misterioso véu de neblina.
 Beirando o Rio Piracicaba...
 Árvores e arbustos
 Profusão de verde
Em todas as gamas desta cor
Debruçam n'água
Seus cabelos de ouro e prata.
A luz das primeiras estrelas
O rio é mais lindo
Do que o próprio sonho.
Águas que gemem
Queixosas e vagas.
 Lá em cima...
 Rumores confusos e incertos de mil ecos
 Ressonantes, turbulentos
 Como feras enjauladas.
 Despencando prateadas
 Ao impacto das pedras
 Gritando
 Bramindo
 Espumando pérolas.
 Lá em baixo...
 Adormecendo plácidas
 Serenas
 Doces, como celeste e divinal harpejo.
Águas do Rio Piracicaba!
 Caprichando nados
 Mandís, corumbatás
 Piracanjucas
 Casquados e dourados
 Travessos lambaris
 E colossais pintados
 Tantos peixes mais
Piracicaba — onde o peixe pára

Indizível cenário
Árvores
Debruçando n'água
Penteando ao vento
Os seus cabelos verdes.
O espaço inteiro

**Azul, rosa e lilás
Céu Piracicabano
Segreda aos ventos
Misteriosas frases.
Aves. Coloridas aves
Gritos selvagens de mil pássaros
Em melodiosos hinos
Erguem concertos
No silêncio
Estático dos ermos
Nos ermos, no espaço, nas colinas...
No espaço azul
Onde as nuvens se enovelam
Em formas fantásticas
Na aurora, no horizonte e na amplitude.
Lá em cima — colorido, poético é o céu.
Cá em baixo
O rio
A contemplar abstraído
O infinito
Azul marinho e prata
Do inigualável
Céu crepuscular.**

II. Parte: O Homem e a Guerra

Piracicaba... século dezoito

**Tempo de violência
Comando militar.
Gente guerreira
Rudes homens
Corajosos, destemidos
Desbravadores
Gigantes — sem igual.
Piracicaba
Da margem direita.
Piracicaba
De LUIZ PEDROSO DE BARROS
Braço de paulista
Sertanista e explorador
Sangue de Bandeirante
Intrépido batalhador
Que rasgou o picadão.**

Era uma fenda
Aberta na floresta
No virgem sertão
Da peregrina terra
A primeira picada
Da primeira rota
De São Paulo à Cuiabá.

Piracicaba

Portentosa paragem
Descanso de guerreiros
Defensores brasileiros
Do Forte de Iguatemi.

Piracicaba

Paradisíaca paragem
Da primeira rota terrestre — de São Paulo à Cuiabá.
Ontem...

Picadão de Mato Grosso

Depois...

Rua do Sem Fim

Hoje, Moraes Barros.

Embriagadas de orvalho
Escoradas no frio
Das manhãs-cedinho
Tropas de mulas cargueiras
Equilibrando
Enfileiradas/em longa procissão.
Deixando
Rastros profundos
No infinito picadão.

III. Parte: — A Gente Urbana

Século Dezenove:
"Casa do Povoador"
Relíquia de uma época
Vigia do Vai-e-Vem.
Um marco de louvor
A MANUEL DIAS RIBEIRO
O Mestre Carpinteiro
O construtor da ponte
A famosa ponte
Do lendário Vai-e-Vem.
Ontem...
Rua da Ponte

Hoje...
Prudente de Moraes.
Nem o silêncio dos anos
Nem o pó das gerações passadas
Jamais esquecerão
O grande CORRÊA BARBOSA
Sertanista fundador
Mais tarde
Diretor e Capitão da Povoação.

Casa grande
Venda
Pátio ao lado.
Causa branca
Sentada na calçada
Por isca ou por tocaia
— De quem chega e passa...
Na soleira da porta
Na casa branca
Do pátio ao lado
Um vulto de mulher
MARIANA DIAS
Orgulho de uma raça.
Raça de heróis
De alta envergadura
Rastreando páginas
De indômita coragem:
Garrucha na cintura
Soletrando passos
Altivos, voluntariosos
De mulher paulista.
Merecidas loas
Todo canto é pouco
Para consagrar um nome:
MARIANA DIAS
Que marcou uma história
Que viveu seus dias
No coração do povo
Quando Piracicaba
Ainda/era Freguezia
Terra encantada
Piracicaba
Que viveu o carisma
de MARIANA DIAS!

A casa da Alfândega
Na Rua da Praia.
Casa da Alfândega
Re- recontando cangalhas.
Negociando
Pechinchando e fazendo preço
No balcão e embira e couro
Dos balaio e jacás do tempo
Casa da Alfândega
Onde as sacas eram empilhadas
E desempilhadas
Ao sabor dos ventos/e doces esperanças.

Sons de cincerros
Rudes tropeiros
Vindos de longe
Da cacunda do Sertão.

Ontem...
Rua da Praia
Centro da Comunidade Piracicabana.
O comércio, a vida, a beleza
Agitando
Essas ruas descalças
E ruas de calçadas.
Rua da Praia
Coração palpitante
De Piracicaba antiga

Ontem...
Rua da Praia
Hoje...
Rua do Porto.
Rua do Porto...
Armada
Como um marco
A desafiar o tempo.

Piracicaba de Ontem
Piracicaba antiga.
O silêncio da mata
Quebrado
Pelo som dos cincerros.

O grito plangente
Agudo
Das aves selvagens

Despertadas
Ao rumor do Rio.
Piracicaba:
Paragem
Pálida luz
Contornos desiguais de estrada.
Nas quebradas dos outeiros
Verde, muito verde
Solene
Grandioso
Capão de mata virgem.
 Piracicaba longínqua...
 Que sublime mundo
 Que portentosa terra!
 Cercada
 De verdura tenra.
 Grinaldas de parasitas
 Suspensas, silenciosas, coloridas
 Entrançando
 Longos colares de cipó.
 Densa, verde, incrível
 Vegetação...
 Formando românticas colunas
 Soberbos pórticos
 Profundos e misteriosos santuários
 De grandes templos no Sertão.
 Impenetrável de luz e trevas
 Vergôntes e flores
 Colorindo e perfumando
 O espaço azul, rosa, lilás.
 Piracicaba
 Ouvindo um rumor eterno
 Vago, indefinido
 Mas real.
 Formulando notas fugidias
 Na linguagem profunda
 De terra palpitante...
 Gemer de folhagens
 Gritos de aves
 ... E o murmurar do Rio...
Piracicaba antiga
Rua da Praia
Ecoar de passos

De MARIANA DIAS

A ponte

A Freguezia

... E o desmembrar da Vila.

Piracicaba de ontem...

Rua da Praia

Vago sonho etéreo

Rua

Que a imaginação

A alma e o coração de um povo

Jamais olvidarão.

Rua da Praia

Acariciada pelo Rio

Que serpenteia/Em busca do sertão.

Piracicaba de hoje...

Eu/perpetuo em rima:

Crepúsculo. Saudade

A natureza espreita

Os derradeiros tons

Da tarde que agoniza.

Em rosa e ouro

O sol, calmo se deita

E da noite o langor

Lentamente desliza.

Um sonho malgrado

Uma ilusão desfeita

Um céu crepuscular

Recorda e simboliza.

E a alma

Que ama e sofre

Indiferente aceita

O pranto da saudade

A dor que martiriza.

Sombra crepuscular

Piracicaba

Como és doce...

Embalando a minh'alma

Assim como se fosse

A boneca querida

Dos tempos de menina.

Adoro-te

Cidade — hospitaleira e bela

De manhãs de sol e flores

Envoltas na neblina.
De tardes nacaradas
E noites de opalina.
Meus versos, eu te dou
Cantando os teus primores...
No teu áureo crepúsculo
Noiva da colina.

— o —

Piracicaba
Das serenatas românticas
Das alegres clarinadas,
Das lutas...
Pela liberdade
Pela Constituição
Pela Democracia.

O Rio existe
A História existe
Piracicaba está aí
Magnífica
Clorofilada
Majestática
Augusta
Noiva da Colina!

Jair Toledo Veiga — Tragédia no Sítio da Serra

Jair Toledo Veiga, natural de Itaberá (S.P.) é serventuário de Justiça aposentado, professor, jornalista, genealogista e pesquisador emérito, revelando-se autor de verdadeiras preciosidades sobre a memória histórica piracicabana. É sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e a ele devemos vinte e dois anos de dedicação, trabalho e sábio aconselhamento.

O presente estudo, "Tragédia no Sítio da Serra", resgata aspectos da experiência dos confederados sulistas, no momento em que, sob o impacto da guerra da secessão, imigraram com as suas famílias para o Brasil, buscando de preferência Santa Bárbara, então Freguesia do Termo de Piracicaba.

A pesquisa desenvolveu-se com documentos levantados nos cartórios piracicabanos do 1.º Ofício Cível e 1.º Ofício Criminal, bem como no Arquivo do Estado. Revela, sobremaneira, aspectos de uma sociedade escravista onde a violência fazia parte do cotidiano, mas, a Justiça não pode ser inteiramente acusada de parcialidade aos latifundiários. A absolvição do escravo Lourenço e dos co-autores do assassinato do Cel. Asa Thompson Oliver em 1873, não isenta a sociedade sulista do revanchismo propalado e que chegou ao presente envolto em mistério. Trata-se, portanto, de uma contribuição valiosa aos Estudos Regionais Paulistas.

Marly Therezinha Germano Percin

Tragédia no Sítio da Serra

Jair Toledo Velga

Ainda sob a harmonia da canção sulina DIXIE nos ouvidos, muitos integrantes do Exército Confederado dos Estados Unidos da América do Norte, num desejo incontido de reconstruir seus lares, segurando o coração sangrando na luta fratricida gerada, o nobre povo norte-americano, representado por aqueles heróis, escolheram estes o Brasil para reiniciar as suas vidas.

Talvez, se generalizada fosse a causa da escravidão, por todos do país irmão, as contendas tivessem menores conseqüências. A conquista dos Yankees não ficou apenas no território. Não só as propriedades da Igreja local, senão também as dos próprios sulistas sofreram expropriações violentas e o capital confederado saiu do domínio de cada um, sugado pelos Yankees, esvaziando e raspando, estes, tudo o que podiam. Inconformados com a derrota e ainda com maior pesar, viam os irmãos do Norte esquecidos da Doutrina Cristã sobre tolerância, não modificando de forma alguma o seu comportamento.

Sob essa pressão incompreendida, por todo o ano de 1867, muitas famílias sulistas enfrentaram o mar bravio para a aventura nas terras escolhidas. Experimentaram sérios revezes, sofrendo a luta rude da travessia. Tiveram ao depois, é verdade, já em terras do Brasil, a assistência do médico patricio Dr. William Conrado Jones, particularmente lembrado pela dedicação aos companheiros, orientando-os nos usos e costumes da terra: o sonhado rincão da Província de São Paulo.

Dentre esses intrépidos sulistas estava o vulto proeminente e impressionante de um notável confederado — o Coronel Asa Thompson Oliver, do Alabama. Era um varão de bíblicas barbas alouradas, envolvendo um rosto lívido, riscado por delgadas rugas, desejoso de aplicar o que restava de suas economias, oriundas da venda de seus haveres na pátria distante.

Trazia em sua companhia a consagrada esposa Elizabeth Beatrice, nascida na Georgia a 8-8-1827 com os três filhos: Ingliana, nascida em 25-10-1851, Mildred, nascida em 19-1-1855 e Shelton Zimery, nascido por último.

Chegando a Santa Bárbara, nas proximidades de Piracicaba, adquiriu o bravo militar, desde logo, uma propriedade agrícola denominada "SÍTIO DA SERRA", nela introduzindo benfeitorias, inclusive senzalas para os escravos que adquirira, reformando a casa da sede, longe, porém, de contar com o conforto da sua mansão no torrão natal.

A família sentia a diferença da condição da habitabilidade, não só do clima, mas a falta do aquecimento da casa para amenizar a umidade do inverno rigoroso, apesar do mobiliário confortável e a prataria trazida com a bagagem, inclusive a máquina de costura, instrumento esse raro por estas bandas.

Trabalhador, organizado, o Coronel Oliver em pouco tempo transformou a herdade numa típica fazenda produtiva, contendo um manso e azulado lago, notando-se a extensa lavoura de algodão, cultura que o bravo militar conhecia de sobra e, paralelamente, as culturas de milho, feijão, arroz, batatas e melancia. Não esquecera da formação de um bem cuidado pomar e de excelente horta.

Contava a propriedade com bom número de escravos, gado e animais de coteio de toda espécie, figurando nomes como estes "Jack" — "Kit" — "Pink" (apesar de ser de cor preta esta vaquinha).

Tudo corria a bom termo. Os vizinhos, da mesma origem norte-americana, irmãos de armas na luta inglória levada a cabo, espraiando-se como as ondas, rodeando as terras férteis de Santa Barbara, que foi o ninho das Águias Americanas, por eles representadas, cujo vôo soberbo foi a magna expansão da indômita estirpe associada com o conforto gregário dos confederados, agora numa vanguarda de paz e de amor, desejosa de uma nova vida impulsionada pelo trabalho tranqüilo desempenhado com maior bravura.

O Coronel Oliver, agora encanecido, enraizado nas terras da sua Fazenda da Serra, parecia mais alto ainda nas suas calças claras de algodão-zinho riscado, sem nenhum ar agressivo, mas empunhando um inseparável chicote. Tilintando as rosetas de suas esporas de prata, percorria cavalgando a besta ruana marchadeira, as extensas áreas da atividade agrícola.

O seu perfil másculo, robustecido na fé e na crença Batista, herdada geneticamente de seus antepassados, desbravadores do Oeste Americano, evidenciava-o na concretização do dinamismo desse soberbo espírito de iniciativa tão comuns aos seus coevos. Esse o retrato que nele enxergavam aqueles que privavam de sua casa.

Dentro dessa doce conjuntura, já escorada numa prodigiosa e palpável realidade, estava reservada ao Coronel Oliver a primeira das provações por que devia passar.

A dedicada esposa Elizabeth e as jovens filhas estavam contaminadas pelo bacilo de Koch, agente causador da tuberculose humana e, portanto, com os dias contados.

A parca inexorável viria, trazendo seu alfanje, como anjo inconfundível de extermínio, dia mais, dia menos.

O desvelo do Coronel Oliver para com os seus amados doentes, não fora suficiente e, dona Beatrice Elizabeth foi a primeira a passar para a mansão dos Justos, numa fria manhã de 13 de Julho de 1868, contando apenas 41 anos.

Foi um golpe duro para o coronel Oliver, aumentado com a recusa do Ministro da Religião dominante não permitindo o enterramento da "landlady" querida no cemitério da povoação.

Esse vigário morava na própria igreja da localidade e era useiro e vezeiro, após a missa, atacar as autoridades constituídas com xingamentos e epítetos que não vale a pena transcrever. Tanta era a sua violência, que mais tarde, a 20 de Janeiro de 1871, ao cair da tarde, chamou à nave do Templo Divino uma miserável mulher, Vicência Ferreira, e, ali mesmo, após a missa e, diante dos olhares atônitos dos fiéis, chicoteou a infeliz. Este fato consta de documentação no Arquivo Público do Estado, à Rua Antônia de Queiroz, em São Paulo, em relatórios de Santa Bárbara, no ano citado. Consta também, que o tonsurado chegava a impedir José Benedito de Castro, um espírito religioso, que tocasse o harmônio durante o ofício. Fechava o coro e não permitia a entrada de ninguém.

Impossível, dest'arte, um diálogo mais amplo com tão impassível homem que se dizia Ministro de Deus, mas ele não voltou atrás.

Diante de tão insensata recusa, o Coronel Oliver, choroso, sepultava a esposa querida, no seu Sítio da Serra, num outeiro próximo à vivenda, cercando o local como derradeira homenagem à dedicada companheira de quatro lustros, comparte de tantas alegrias e tristezas.

O Sol no ocaso morria devagarinho, provocando nos animais domésticos, murmúrios nuns e latidos lamentosos noutros, como que percebendo a ausência da ilustre dama. Os serviçais, embora cativos e sem direitos, quiseram a seu modo homenagear a bondosa Sinhá, e, num queixume triste, entoavam cânticos plangentes, aprendidos na distante pátria africana.

Com a morte de Dona Elizabeth ficaram sem o carinho materno as jovens filhas, condenadas pela terrível moléstia e destinadas a encontrarem-se com a genitora noutra dimensão, como era da sua crença, como na verdade aconteceu, e seguiram para a eterna morada. Ingliana, a 19 de Abril, e Mildred, a 17 de Dezembro de 1869. Pelo mesmo motivo foram sepultadas ao lado da campa da mãe que tanto queriam.

Surgiu daí o "CEMITÉRIO DÓ CAMPO" numa auto-doação de uma área de 50x100 mts. reservada pelo Coronel Oliver, destinada a agasalhar todos os confederados e familiares, chamados a compor a Corte Celeste. As três campas com as 3 brancas lousas existentes, até hoje, naquele campo santo, recordam a virtuosa esposa e as duas filhas diletas do Coronel,

onde tudo é paz, corroborando o silêncio, a solidão, a singela e pequena camada de musgo; o vento morno beijando aquelas lousas evocativas, presentindo o tumulto de dor, a inconformidade, a incurável chaga aberta no coração amoroso do pai das mortas. Lembrava o Coronel que o Meigo Nazareno não teve uma inscrição tumular expresso, tendo-a porém gravada no espírito da humanidade. Deram-lhe, sim, em plena agonia, um epíteto, tornado o símbolo de sua origem humana: "Jesus Nazareno Rex Iudeorum" que traduz o estoicismo de uma raça e a generosidade de um povo. Era nisso que acreditava o Coronel Oliver, eis porque perdoara o irreverente cura da Freguezia barbarensense.

Consumado o que estava escrito, o Coronel Oliver, isolado na sua venda, solitário e triste, fez dela o seu mundo. O único filho varão estava no Colégio Internacional em Campinas. Os diretores deste, eram da mesma crença e saberiam cuidar o pequeno Shelton Zimery, tão cedo afastado do carinho materno.

O indomável confederado estava abatido. Entretinha-se com as visitas dos vizinhos, velhos companheiros de armas, e com as idas e vindas aos ofícios religiosos na Capela da Esperança.

A prematura morte da esposa, contando exatamente 41 anos, e das filhas no verdor da juventude, arrebatadas tão precocemente, fora na verdade um golpe rude, mas não se deixou abater. Precisava reagir, meditando, com os olhos rasos de lágrimas, evocando com saudade aquelas que haviam ido aos páramos celestes. As imagens delas não lhe saíam do pensamento, ficando-lhe uma tênue e amarga recordação do clérigo que lhes negara o sepultamento dos entes queridos, embora o houvesse perdoado.

Mas, pensava: não convém que um homem viva só, aprendera o Coronel Oliver na sua Bíblia, desde a escola dominical, quando, menino ainda comparecia à sua Igreja na pátria distante. A energia herdada de seus antepassados, levemente influenciando no seu psíquico, dava-lhe um espantoso poder de recuperação e o "landlord" do "Sítio da Serra", resolveu congregar novas núpcias. Drusilla Daniel foi a escolhida. Filha do Rev. James Daniel, Ministro Batista do Alabama, cuja irmã Lydia Eugênia estava casada com Wille Barr.

Realizado o enlace, a sra. Drusilla e o Coronel Oliver procuraram restabelecer as primícias do "Sítio da Serra", inda há pouco a morada da dor e da saudade.

Miss Drusilla conhecera a primeira esposa do Coronel e sabia compreender os lances da desdita que sobre ele recaíra desejava ardentemente contribuir para remover a constante lembrança das filhas e da recordação da altivez de Beatrice Elisabeth, cuja falta, com amor, procurava suprir.

Contudo, estava também reservada à dona Drusilla e ao Coronel Oliver uma terrível surpresa.

Confiava o Coronel Oliver à jovem consorte, no recesso do seu "oásis", cercado agora de uma placidez e calma, rodeado de altaneiras e elegantes árvores frutíferas, o segredo dos negócios necessários à exploração da terra dadivosa, auxiliado pelos conterrâneos Orville Whitaker e Joseph Jackson Cherry, desempenhando cada um as funções de capataz e feitor, num arremedo dos usos da longínqua pátria.

O casal decidiu acrescentar mais obreiros para a lida agro-pastoral, de sorte que em Campinas, na casa do Capitão Joaquim Quirino dos Santos, adquiriram de Rafael Áscoli, por quatro contos de reis, dois escravos pretos, crioulos, Lourenço, solteiro, natural de Campos, Província do Rio de Janeiro e João, solteiro, natural da Bahia.

Obtiveram a escritura com o tabelião José Manoel e Cerqueira César, em nome de Da. Drusilla, em 9 de Maio de 1870, representada ela por procuração que outorgou ao Coronel Oliver em 28 de Janeiro de 1870, em Santa Bárbara.

Jamais poderiam supor que comprado o escravo Lourenço, estavam preparando um futuro negro, uma dolorosa tragédia.

Lourenço, ficou sabendo depois o casal adquirente, era um crioulo muito perigoso, recalcado com a sua condição de escravo, evidentemente cerceando a sua liberdade, resultando disso u'a mentalidade revoltada, conjugada a um complexo de inferioridade ou uma herança mórbida, um desequilíbrio neurótico.

Na fazenda, entre os demais cativos, falava-se furtivamente que Lourenço planejava eliminar criminosamente o seu senhor; revoltado, porque solteiro, costumava retirar-se da senzala, a deshoras, em completa desobediência às ordens do Coronel Oliver. Observado por este várias vezes, fez ouvidos moucos, culminando a sua desobediência ao receber o usual castigo de ser posto a ferros. O negro ficou revoltado com a penalidade e andou prometendo assassinar o Coronel Oliver, bem como o seu capataz Orville Whitaker. Este aconselhou muitas vezes àquele para não perder de vista o crioulo, mesmo porque o encontrara distante da casa à meia noite e, observou-o de que não devia agir em contrário às ordens do seu senhor. O Coronel Oliver sabendo do fato convidou Orville para ajudá-lo a castigar Lourenço, ao que o mesmo não se prestou.

Dentre os negros estava a de nome Rita, de 25 anos, nascida na Mata Pequena, no Norte do Império, ou mais precisamente na Bahia, a quem foi confiada a cozinha da casa.

Não gostava Rita do crioulo Lourenço, com ele teve diversas rixas, e por isso, foram as suas informações tomadas com certa prudência.

O escravo Lourenço, embora analfabeto, não era nenhum tolo, eis que pelas andanças pelas províncias brasileiras, sabia muito bem que esboçava um cáldo ambiente de simpatia pelo negro, diziam-lhe dos poéticos rasgos de Joaquim Nabuco, na Câmara dos Deputados, dos incandescentes e disputados comícios de José do Patrocínio, indicando impetuosa-

mente aspectos negativos dos senhores de escravos, além das melancólicas composições de Castro Alves, demoradamente divulgados pela imensidão do Brasil Império, afastado apenas da era da revelação como maior potência sul-americana.

O negro Lourenço custava diluir no sangue a revolta de sua condição social. Tinha a mentalidade do escravo, sonhando com a liberdade, fosse a que preço fosse. Mera ilusão, porém. Não lhe passava pela mente que, deixando um "Sinhô", pertenceria logo a outro e, quem sabe, mais violento, mais rigoroso?

No domingo, 27 de Julho de 1873, levantara-se o Coronel Oliver pelas nove horas, alegre, bem disposto, saindo dos hábitos de madrugador, desconhecendo que sua sorte estava selada.

Mandou ensilhar a égua baia, marchadeira e saiu para o ofício religioso numa casa do Major Meriwether, seu vizinho, transformada em casa de Cultos, pelo Missionário pioneiro o Reverendo Newman, credenciado pela Igreja Metodista do Campo.

Antes, dirigiu-se ao manso lago da fazenda, dando de beber à sua montaria, retornando por entre a cultura de batatas, quando ao passar na última leira, subitamente, encontra-se o negro Lourenço arrancando aqueles tubérculos; repreendendo-o severamente.

De inopino, o troncado negro sacou de uma faca reluzente, cabo de osso, num salto felino, arrancou do animal o Coronel Oliver e num brusco, violento e infame movimento, cravou a faca infecta no sangrador (altura da nuca) lado esquerdo, golpeando desvairadamente, ocasionando quatro perfurações mortais nas costas, no peito e nas virilhas, além de outros não mortais nas diversas partes do corpo.

O Coronel lutara bravamente com o agressor, tanto que o seu cadáver foi encontrado distante cinco braças do local onde estavam duas enxadas, um porrete e o chicote que ele sempre portava.

A escrava Rita afirmava que, ao ser apanhado no arrancamento indevido das batatas, Lourenço estava abaixado, levantando-se foi em cima do seu senhor, ligou-se com ele e, vendo que não podia sozinho, chamou o escravo Luiz em seu socorro e ambos o mataram; e isto afirmava não só porque assim devia ter-se passado o fato, como porque José e Miguel que eram camaradas lhe contaram que Lourenço confessara o fato com essas circunstâncias perante a Justiça de Santa Bárbara.

O filho do Major Meriwether e o feitor Joseph, à noite daquele domingo, vasculharam a senzala, encontrando uma peça pequena tinta de sangue e que tinha estado com Lourenço.

O local esteve visitado por muita gente, amigos do Coronel, e muitos curiosos, brancos e pretos, de sorte que provocaram o amassamento da vegetação, pisoteada por animais, fazendo desaparecer vestígios de luta e mesmo sinais de sangue; porém, ainda assim encontraram-se algumas folhas secas respingadas de sangue.

O corpo do Coronel, já em rigidez, foi encontrado por volta das 14 horas pelo menino Modesto, filho de Malachias Leme da Silva, que teve o senso de levar o fato ao conhecimento do Inspetor do Quarteirão do Campo, Manoel Jacinto Ribeiro. Indo imediatamente ao local, este constatou o homicídio, comunicou-o ao Subdelegado de Polícia, apressando-se a fazer a notificação das pessoas do seu quarteirão, pondo em segurança sete escravos do Coronel.

O Subdelegado Manoel Ferraz de Souza Campos mandou, incontinenti, proceder ao exame cadavérico nomeando peritos, o Dr. John Hancock Crisp e Green Fergusson; este, na falta de profissional, determinando fossem juramentados no local do delito às seis horas.

Compareceu o Subdelegado José Bernardes Rangel com o escrivão José Vicente da Silveira Penna e as testemunhas Félix Domingos de Oliveira e Elizeo Vaz Pinto e, na hora marcada, foi procedido o auto de corpo de delito, tendo os peritos prestado o juramento na sua seita religiosa. Findo o exame, responderam os peritos aos quesitos formulados, concluindo que a morte foi ocasionada pelas cinco facadas mortais que especificaram.

Foram presos e remetidos para Piracicaba, o escravo Lourenço e os seus companheiros Adão, Vicente mulato, Rufino, Leão, Manoel, Luiz e Vicente preto, todos escravos do Coronel e o de nome Ângelo pertencente ao Major Meriwether. A 20 de Agosto, com exceção deste último, a pedido do próprio Major e de Lourenço, requereu o Dr. Promotor Público o relaxamento da prisão dos demais.

Foi iniciado o inquérito policial, ouvindo-se as testemunhas e levadas a efeito outras providências, denunciando o Dr. Brasília Augusto Machado de Oliveira, Promotor Público, a 2-8-1873, a Lourenço e Ângelo, como autores do bárbaro assassinato, sobre os quais, pelas informações suscintas tomadas, recaiam as mais veementes suspeitas. Como consta do inquérito e como consequência, estavam incursos Lourenço no art. 1.º da Lei de 10-06-1835 e Angelo nas do art. 192 pelo concurso.

Diante dessa denúncia, o crioulo Lourenço respondia pelo homicídio estando sujeito ao que estabelecia a Lei n.º 4 de 10-6-835 — art. 1.º: seria punido com a pena de morte. Se a ofensa física fosse leve a pena seria de açoites à proporção das circunstâncias mais ou menos agravantes.

O Juiz Municipal suplente, Jeremias Ferraz de Andrade recebeu a denúncia na mesma data, marcando os dias 5-6-7 às dez horas para o início da prova de acusação, nomeando o Dr. Manoel de Moraes Barros e o advogado Bento Barreto do Amaral Gurgel para Curadores dos réus.

O Promotor Público, em suas razões, disse que as provas encaminhavam todas elas a acusar o Lourenço como o único autor do crime, enquanto que mudos em relação a Ângelo, por quanto pelo fato único de

ser ele visto com Lourenço na Porteira Velha, imediações do lugar do crime, não se pode inferir a culpabilidade do mesmo, pedindo a despro-núncia deste.

O Juiz suplente Alferes Innocêncio de Paula Eduardo pronunciou Lourenço por sentença de 26 de agosto de 1873, dela recorrendo ex-officio ao M. Juiz de Direito Dr. Antônio José Lopes Rodrigues que negou provimento.

Oferecido o libelo crime acusatório pelo Promotor Público, foi o mesmo recebido, enviada cópia ao réu, por intermédio de seu curador o Dr. Manuel Moraes Barros em 7-8-73, designando o Juiz Municipal o dia 12 de setembro para o julgamento de Lourenço, pelo Tribunal do Juri.

Prestou Lourenço amplas informações ao Juri, negando peremptoria-mente a autoria do crime, respondendo negativamente a todas as pergun-tas incriminadoras que se lhe faziam.

Foram sorteados os doze Juizes de Fato: Felisberto José Cardoso Jr., Luiz Gonzaga da Silveira, Augusto César de Oliveira, Antônio Alves Feo, Honorato Rodrigues de Barros, Salvador da Silveira Correa, Francisco de Paula Silveira, José de Moraes Penteado, José de Almeida Leite, José da Rocha Campos, José Ferraz de Camargo e José Bueno da Silva Rachel. Cada qual, depois de aprovados pela acusação e defesa, tomaram os seus lugares separados do público, prestando o solene juramento.

Na consciência desses homens estava o destino do crioulo Lourenço. Deles dependia o remate do drama: levar um inocente ao cárcere ou pendurá-lo numa forca ou soltar um homem perigoso que escondia até o último momento a verdade.

Feitas a acusação e defesa, passaram os jurados à sala secreta, a fim de discutirem os quesitos formulados:

1.º

O réu Lourenço, no domingo, 27 de Julho do corrente ano, em o Sítio da Serra, distrito de Santa Bárbara, assassinou ao Coronel Asa Thompson Oliver, fazendo-lhe os ferimentos constantes do auto de corpo de delito de fls. 6 e 7?

2.º

O réu quando cometeu o crime era escravo do assassinado?

3.º

Se não sendo escravo do assassinado era contudo da mulher deste?

Os jurados, presididos por Augusto César de Oliveira responderam NÃO por unanimidade de votos ao 1.º quesito, ficando prejudicados os demais.

Em vista desse veredictum o Dr. Antônio José Lopes Rodrigues, Juiz de Direito, absolveu o réu Lourenço da acusação que lhe foi feita, man-dando expedir o alvará de soltura, entregando-o, porém, às pessoas inte-ressadas na herança do Cel. Oliver. Era exatamente o dia 13 de Setembro de 1873. Esteve o Tribunal reunido na Casa da Câmara Municipal de Pira-

cicaba, desde as dez horas da manhã de 12 de Setembro. Vê-se que permaneceram todo esse dia, a noite a dentro, encerrando-se somente na tarde do dia treze, proferindo o Conselho de Sentença o seu decreto absolutório.

Se não foi Lourenço o assassino do Coronel Oliver, quem foi, então?

Até hoje, permanece o mistério absoluto que envolveu a figura desse brilhante militar, violentamente trucidado naquela manhã fria de 27-7-1873.

Fica, dessa forma, também em dúvida, a lenda de que alguns jovens da Colônia Americana do Bom Retiro e do Campo tivessem feito justiça com as próprias mãos, enfocando o escravo assassino, porque este, depois de absolvido pelo Juri foi vendido por 700\$000 pela viúva Drusilla Daniel Oliver, salvo se os exaltados jovens fizessem ao escravo Ângelo.

Começava contudo um novo rosário de provações para da. Drusilla, agora já atemorizada com o crescer das responsabilidades. Precisava cuidar da herdade em estado de improdutividade, hermeticamente paralisada, com a súbita tragédia que fizera desaparecer do mundo dos vivos o bravo Coronel Oliver, a quem incumbia a direção do trato da terra, habituado ao mando, qual o esporão de uma bravia nau de guerra singrando o mar encapelado.

Estava a "land-lady" profundamente magoada com o duro golpe desferido contra a pequena família. Precisava medir as conveniências de suas decisões.

A 12 de Agosto de 1873, na Justiça de Piracicaba, abria-se o inventário dos bens do Coronel Oliver, assumindo a inventariança a viúva dona Drusilla, através de seu advogado Dr. Manoel de Moraes Barros.

Fazia apenas dezesseis dias da morte do Coronel Oliver, mas, a urgência do levantamento de como se encontrava o acervo era providência inadiável, especialmente porque existiam muitas contas a pagar. Assim, a inventariante ajudada pelo seu cunhado William Barr e pelo capataz Joseph tratou de relacionar tudo:

15 escravos	16:350\$000
8 bois de carro	335\$000
7 boizinhos.....	82\$000
7 vacas — 4 c/cria	432\$000
10 animais (bestas, burros etc.)	690\$000
6 arados, foles, bigorna e torno.....	220\$000
1 carro e 1 carroça	96\$000
1 relógio de ouro.....	150\$000
1 relógio de prata.....	50\$000
1 relógio de parede.....	20\$000
1 espingada e 1 revólver	30\$000
1 par de pistolas.....	10\$000

Trastes da casa.....	220\$000
1 máquina de costura Singer.....	50\$000
354 oitavas (Rs.\$ 240).....	72\$162
750 arrobas de algodão 5\$500	4:125\$000
1 sítio avaliado por	4:000\$000
	27:132\$162

Deve

ao Major Meriwether.....	5:450\$000
Martinho Prado & Wright	9:326\$238
Gustavo Bernard.....	80\$240
Joseph Cherry.....	3:642\$704
José Rodrigues Caldeira.....	4:000\$000
	22:499\$162
	4:632\$000

Péssima a situação, mas, mesmo assim, a inventariante enfrentou-a.

A dívida absorvia boa parte do patrimônio. A preocupação crescia a cada momento sobre o seu futuro, dos filhos e do enteado, pensava dona Drusilla. Como decidir? Convinha abandonar tudo e voltar para a pátria distante, onde talvez conseguisse uma vida calma e confortável. Esses e outros pensamentos assaltavam nas noites longas de vigília, o espírito indômito de dona Drusilla.

Não entendia dona Drusilla das Leis Brasileiras. Sabia que o seu marido não havia dado a inventário os bens do primeiro casamento. Agora, a Justiça haveria de querer acertar tudo. Falecidas as duas filhas do casal, após a mãe, ao enteado Shelton caberia a metade de toda a herança e, ainda porque, o pai, ao convolar segundas núpcias sem o inventário, incorreria em disposição legal a tal respeito. Face a isso o valor do acervo deveria retroceder ao tempo da morte de Dona Elizabeth, isto é, o valor do sítio, dos escravos Adão, André, Eva e Margarida, assim também os animais, prataria e os trastes da casa, dos quais se abateria dois contos de réis que então se devia, pagos posteriormente com o esforço comum do segundo casal.

Dizia a viúva ao seu advogado: Não quero dar prejuízo a ninguém. De-sejo que o inventário prossiga, concluindo-se-o para tudo ficar devidamente esclarecido. Tenho em vista só a verdade e nunca espero favorecer-me ou aos meus filhos, em prejuízo do meu enteado", disse dizendo Da. Drusilla ao Dr. Moraes Barros, num português arrevesado, porque nem ela ou seu parente Barr sabiam corretamente a língua de sua pátria adotiva.

Julgava Da. Drusilla que a Justiça devia autorizar somente a venda de imóveis e por isso, ignorante das leis, dispôs de alguns bens sem ordem judicial. Vendeu os escravos Leão e Luiz (este um indigitado assassino), os bois de carro, os garrotes, a besta marchadeira e o cavalo, assim também o algodão enfardado, pagando as dívidas que pode, inclusive o débito de salário do capataz Joseph Jackson Cherry.

Isto tudo gerou uma confusão danada. O Curador de Órfãos exigia prestação de contas. O advogado Moraes Barros a atormentava com a administração despótica que fazia, alertando-a das conseqüências impostas pela Lei. O enteado estava em débito de dez meses de estudos no Colégio Internacional de Campinas, onde era aluno interno. O débito para com Martinho Prado & Wright importadores e exportadores de Santos não chegou a ser coberto com o algodão enviado. Tudo estava enleado. Dinheiro escasso. Não havia outro recurso senão vender a escravaria, trastes e o prazeamento do agora lendário "Sítio da Serra". Isso mesmo autorizou a Justiça em relação às terras: no dia 24 de Outubro de 1875, Mr. James Williamson Miller arrematava por 4:000\$000 o Sítio da Serra, cuja importância fora recebida por Da. Drusilla.

Naquela aprazível tarde, dona Drusilla sentou-se na velha cadeira de balanço e pôs-se a pensar: agora tudo está desfeito, nesta situação que não escolhi, mas imposta pelas circunstâncias. Ainda que me custe um terrível sofrimento, só tenho um caminho a seguir: abandonar tudo. Levarei meus filhos e o enteado para minha terra utilizando o dinheiro em meu poder e o que aqui restar será rateado entre todos os credores. Se assim quiserem. Afinal de contas, eu não tenho culpa de tudo o que aconteceu.

Tudo isto cismava, com as crianças agarradas à sua saia e lágrimas nos olhos; e ela alisando os longos cabelos alourados, que lhe caíam no rosto lívido, pelo sofrimento, denotando-se o começo prematuro dos primeiros fios cor de prata.

Levantou resoluta, essa alma profundamente emotiva e toda unvida de tenra sensibilidade, passeava forçadamente pelo alpendre da morada da sua felicidade, avistando as leiras de hortaliças, o pomar, a lavoura agora abandonada, aguçando a doce lembrança dos dias alegres ali desfrutados em companhia do valente e indomável Cel. Oliver. Foi assim, numa inopinada e emotiva certeza, açotando a sensível alma que encontrou a solução em benefícios dos submissos e inocentes filhos e do enteado, agora sob os seus cuidados.

Nessa noite de insônia, sempre agitada ante cada rajada do vendaval do infortúnio que a ameaçava a cada instante, sentindo-se como uma frágil embarcação abandonada e solitária numa noite procelosa, a rugir sobre um mar bravo como aquele que cruzara, quando deixara a pátria no outro extremo do continente, surge ao fim a madrugada daquele começo de verão do ano de 1875. Agora, parecendo mais tranqüila, dona Drusilla estava decidida. Arrumou as malas, convocou o seu parente Barr, vestiu o casaquinho nas crianças, portou em Campinas, e, no Colégio Morton chamou o enteado Shelton e ausentaram-se todos para os Estados Unidos, levando tudo, mesmo o dinheiro que devia ser partilhado no inventário.

Quando o Dr. Moraes Barros, sabedor de todo o acontecido, dirigiu-se ao M. Juiz de Direito de Piracicaba, deu-lhe conhecimento do inqualificá-

vel procedimento da viúva dona Drusilla que, não só envolvia desrespeito às Leis do País, ao Juízo e a falta de lealdade para com ele advogado. O Dr. Brasília Machado, Curador de Órfãos, limitou-se a dizer que não era desarrazoado levar o fato ao conhecimento do Presidente da Província, a fim de que, por intermédio do Ministério de Estrangeiros, se tomasse alguma providência para salvaguarda dos interesses dos órfãos.

A sugestão do Curador Geral teria sido ou não acolhida? Ou talvez ficasse o feito, é dizer, o inventário, aguardando um possível despacho do magistrado em correição, nestes termos: archive-se "siet in quantum".

A ação criminal ficou arquivada, "em perpétuo silêncio" e não se sabe se os jovens, descendentes dos confederados levaram a efeito, o desejo que tiveram de fazer a justiça pelas próprias mãos, como em Santa Bárbara, no século passado, era voz corrente: de supliciar na forca, o acusado escravo assassino.

— Os fatos aqui relatados, são extraídos dos autos da ação penal e dos autos do inventário do Cel. Asa Thompson Oliver, este arquivado no 1.º Ofício Cível e aquele arquivado no 1.º Ofício Criminal, ambos desta comarca de Piracicaba.

Nélio Ferraz de Arruda — O Chimango Melchior de Mello Castanho

Nélio Ferraz de Arruda, natural de Piracicaba é professor aposentado, advogado, jornalista, poeta, radialista e ex-Prefeito do período 1968-1969. Já deu a sua contribuição cultural a todas as instituições de Piracicaba; já foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico em três profícuas gestões, e, atualmente, preside a Sociedade Amigos do Museu Prudente de Moraes. É cidadão acendrado, nascido na fazenda Milhã e tem profundas raízes no Vale Médio do Tietê.

Grande memorialista, oferece-nos a seu estudo sobre "O chimango Melchior de Mello Castanho", trabalho já apresentado em sessão plenária do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba em 05/03/1989. A propósito, lembramos que a saga paulista, vivenciada no ano distante de 1842, traz à baila o conflito político entre os "corcundas", seus aliados "pés de chumbo" e os liberais da velha cepa, alinhados ideologicamente em torno da figura do Pe. Diogo Antônio Feijó.

Este conflito teve lances decisivos na batalha de Venda Grande em Campinas (07/06/1842), repercutindo intensamente na evolução histórica dos paulistas. Basta lembrar que os filhos e netos dos liberais, que ali combateram, participaram da Convenção Republicana de Itu (1873) e da derrubada da Monarquia (1889).

O chimango Melchior de Mello Castanho, vereador liberal da Câmara Municipal de Piracicaba em 1842, aderiu ao governo "rebelde" de Rafael Tobias de Aguiar e comandou um grupo de voluntários piracicabanos ao lado do Bova Gordo (Antônio José da Silva Gordo). Quem esteve em Campinas sentiu o impacto da fuzilaria e a carga mortífera das bionetas do exército de Caxias; quem escapou com vida, sofreu dois anos de feroz perseguição dos conservadores, até a anistia em 1844.

Marly Therezinha Germano Perécin

O Chimango Melchior de Mello Castanho

Nélio Ferraz de Arruda

É praxe do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, a indicação pelos associados, de um patrono, levando-se em conta o destaque do seu exemplo e, na vivência, o seu especial apreço. Justifica-se a escolha desse epônimo, o incentivo sadio ao civismo e ao labor desta e das pretéritas gerações.

Dentre os nomes que a história piracicabana nos oferece, escolhemos, pelos seus feitos, o do Major Melchior de Mello Castanho, nosso bisavô, pelo lado materno, genitor do Capitão Vicente do Amaral Mello, de tantas e preciosas atividades políticas em Piracicaba, São Pedro e Rio das Pedras.

Nasceu Melchior de Mello Castanho na Vila de Itu, no descerrar de cortinas do século XIX. Foram seus pais: Balduino de Mello Castanho e Antônia de Pádua Amaral, descendentes, segundo a Genealogia Paulistana, de fidalgos portugueses, da Casa Real de D. Fernando. Consorciou-se em sua terra natal, a presepial Itu, com Maria Eufrosina da Rocha, filha do Sargento-Mor José da Rocha de Camargo e de Dona Anna Maria da Cunha.

Transferindo-se para Piracicaba, aqui se estabeleceu adquirindo enorme fazenda, pontificando-se na produção de açúcar, além de café, chá e cereais. Devido aos seu dinamismo e honradez, os políticos foram buscá-lo em sua propriedade agrícola a fim de solicitar, pelo seu espírito empreendedor, uma colaboração mais chegada ao desenvolvimento da Vila Nova da Constituição (antigo nome de Piracicaba). Nessa época, pertencendo à 4.^a Comarca de Itu, contava Constituição com 10.291 habitantes, entre livres e cativos; 1.499 fogos e se compunha dos distritos de paz Norte e Sul, além das Freguesias de São João Batista de Rio Claro; de Nossa Senhora das Dores de Tatuí de Limeira; das Capelas Curadas de Santa Bárbara e do Senhor Bom Jesus de Pirassununga.

O Major Melchior de Mello Castanho pertenceu à facção Liberal e desempenhou vários cargos eletivos com assento na Câmara, como vigoroso

edil nos mandatos de 1837/40; 1841/44; 1845/48 e de 1857/60. Indiscutivelmente, sua maior atuação se deu no mandato de 1841/44, por ocasião da "Revolta de Sorocaba", comandada por Rafael Tobias. Nessa ocasião, aconteceram várias comoções internas no país: Revolução rio-grandense (1835 a 1845); Revolução paulista-mineira, de nosso especial destaque; e Revolução pernambucana (1848). Provas evidentes de que o povo não estava satisfeito com o governo e as leis em vigor. Como na Revolução Constitucionalista de 1932, ocasião em que Piracicaba dera um exemplo extraordinário da sua maturidade política, embora sem o esperado sucesso de imediato, a idéia virente ficou e não deixou de vingar, tempo depois.

Voltando à Revolução de 1842. Recebendo a Câmara a comunicação aderente de Capivari, no impedimento do Ten. Cel. Antônio Fiuza de Almeida, presidente da referida, e que permaneceu fiel ao governo, o vereador Melchior de Mello Castanho convocou os seus companheiros para uma reunião especial. Nela, foram tomadas várias providências visando o sucesso da revolução e o reconhecimento do Presidente interino da Província, na pessoa de Rafael Tobias.

Como se notava, o Brasil passava pelo Segundo Império, que teve seu início na maioria de D. Pedro II, em 1840. O final da Monarquia se deu com o advento da República, em 1889. Pela Constituição do Império de 1824, o sistema de governo do Brasil era igual ao inglês, isto é, o de Monarquia Parlamentar. Os partidos políticos eram apenas dois: o Liberal e o Conservador.

A "Revolta de Sorocaba" tinha seu embrião no Partido Liberal. Seus adeptos levavam a alcunha de "Chimangos" e os seus oponentes, os Conservadores, eram cognominados de "Saquaremas". Enquanto os liberais se reuniam no modesto edifício da Câmara, o povo, atraído pelo espoucar dos fogos de artifício e pelos dobrados vibrantes da Corporação Musical, aglomerava-se na praça central para se inteirar dos acontecimentos. A Guarda Nacional representada por duas companhias de Infantaria e uma de Cavalaria, as Companhias da Guarda Policial, todas devidamente uniformizadas, rebelando-se contra seu próprio chefe, o Tenente Coronel Fiuza de Almeida, protegiam os vereadores rebeldes nos seus trabalhos.

Procurando oferecer maior contribuição à causa em apreço, o Major Melchior de Mello Castanho, após várias sessões camarárias, resolveu também se alistar no Batalhão Piracicabano que marchou para a linha de frente sob o comando de Antônio José da Silva Gordo, deixando seu posto a 28 de maio daquele bélico 1842. Participa aguerridamente de grandes combates contra os legalistas, que tinham, na direção geral o Duque de Caxias.

Nos arredores de Campinas, sem reforços, os revoltosos foram, finalmente, encurralados no sítio denominado Venda Grande, onde resistiam sob o comando do bravo Capitão Boaventura do Amaral, os ataques go-

vernistas. Mas, a 7 de junho do referido ano, as armas se calaram. Malograra a Revolução Liberal. O Major Melchior de Mello Castanho ao receber a voz de prisão dos comandados pelo Ten. Cel. José Vicente de Amorim Bezerra, desvencilhando-se altaneiramente da espada que trazia, perfilando-se, faz menção de entregá-la ao oficial que o cercara. Este gesto altivo e a atitude briosa que assumira, valeram a simpatia e confiança do adversário que, respeitando a situação do vencido, e lamentando as vidas ceifadas disse: "A um militar como este não se tira a arma". Em seguida dera-lhe como menagem (prisão fora do cárcere), a cidade de Campinas, onde, em liberdade, ficou preso apenas sob palavra.

Melchior de Mello Castanho, como cidadão, foi extraordinário. Alta-neiro, nobre, suavemente severo, exemplar chefe de família, honrado, trabalhador, profundamente religioso, admirado e estimado até pelos adversários políticos, amigo dos seus serviçais, filantrôpo sincero, serviu ao próximo por persuasão íntima. Além dos bens doados em vida aos necessitados e às casas de caridade, legou em testamento, terrenos a instituições benemerentes, necrópoles, etc. Faleceu no dia 3 de novembro de 1871, deixando numerosa descendência. Seu sepultamento, realizado no Cemitério da Boa Morte, foi um dos maiores que o burgo, até então, presenciara. Autoridades civis, religiosas e militares prestaram-lhe significativas homenagens. O Povo da vila e da zona rural chorou na terreal despedida. Os sinos das Igrejas dobraram como em dia de finados. Sob a direção do maestro José Gabriel, a Corporação Musical acompanhou o féretro até o campo santo.

Vila Nova da Constituição, elevada a cidade pela Lei n.º 541 de 24 de abril de 1856, perdia uma das suas grandes figuras. Graças ao registro da nossa história feito pelos jornais e livros, e às informações dos descendentes do notável "Chimango", ainda podemos oferecer alguma coisa que justifique sua passagem por esta terra. Isto, porque até o seu túmulo, no terreno que doara, desapareceu, juntamente com seus ossos, sob os alicerces das construções que não respeitaram, sequer, seus restos mortais e de outros ilustres cidadãos que também, nessa necrópole, foram sepultados. "Ad argumentandum tantum" (Só para argumentar): Seria o preço do progresso?

Oswaldo Cambiaghi — A Presença Alemã no Brasil

Oswaldo Cambiaghi, natural de Leme (S.P.), é médico dermatólogo e leprólogo, músico, jornalista, poeta e pesquisador. Possui inúmeros trabalhos científicos publicanos e já foi professor ou palestrista de outros tantos cursos. Já foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, por duas vezes, e tem se revelado colaborador ativo em muitas jornadas culturais.

É autor de uma obra verdadeiramente notável, a "Medicina em Piracicaba (Contribuição a sua História)", editada em 1984, após cinco anos de pesquisa. As biografias que desenvolveu sobre os profissionais médicos refletem acurado levantamento e "faro" de historiador, contribuindo para uma avaliação política dos seus representantes no processo histórico piracicabano, particularmente no período republicano. Nenhum trabalho sobre a História de Piracicaba pode deixar de analisar o alto nível de politização dos médicos dentro da sociedade, seja no perripismo, seja no comando da Prefeitura Municipal, até 1955.

Neste estudo sobre A Presença Alemã no Brasil, o Dr. Oswaldo Cambiaghi faz uma resenha, a partir de 1500, sobre a participação dos representantes de fala alemã em nossa historiografia. Destaca com especial interesse o período 1808-1860, caracterizado pelo afluxo de eruditos germânicos como Varnhagen, Humboldt, Rugendas e os imigrantes das primeiras experiências coloniais no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Minas e Espírito Santo.

A experiência de Ibicaba (Limeira) e outras propriedades da empresa Vergueiro teve grande repercussão em todo o Vale Médio do Tietê, não apenas por se tratar da política de produção com o trabalho livre, mas pela grande contribuição étnica, social e cultural. Em Piracicaba ela deixou marcas profundas.

Marly Therezinha Germano Percin

Presença dos Alemães

Oswaldo Cambiaghi

A imigração alemã para o Brasil iniciou-se oficialmente no ano de 1824. Anteriormente a essa data, contudo, em diversas oportunidades, estiveram os alemães no Brasil.

Já no ano do Descobrimento, Pedro Alvares Cabral contava em sua frota com 35 alemães, artilheiros, arcabuzeiros, bombardeiros, além do bacharel Johannes o "Mestre Alemão", um dos seus peritos navais. Igualmente, Martim Afonso de Souza trouxera-os entre seus tripulantes, na expedição exploradora e colonizadora que fundaria, em 1532, São Vicente. Por volta de 1550, Hans Staden, arcabuzeiro da expedição do almirante Sanabria, cujo navio naufragou nas costas brasileiras, nas alturas de São Vicente, esteve prisioneiro dos índios tupinambás, durante nove meses. De suas observações pôde escrever, posteriormente, seu célebre livro onde relata as peripécias do seu cativo entre os selvagens, primeiro documento sobre a História do Brasil, depois da carta de Pero Vaz Caminha⁷. Ainda em meados do século dezesseis, homens da família Lins, emigrados do sul da Alemanha, através de Portugal, vieram ter a Pernambuco. Jesuitas alemães, em missão no Brasil, estabeleceram-se desde o século XVI, na região Amazônica, a oeste do meridiano de Tordesilhas, e às margens do rio Uruguai, em áreas fronteiras de terras da Espanha⁸. Maurício de Nassau — Johan Moritz von Nassau-Siegen —, que durante o século dezessete instalara no Nordeste o "Brasil Holandês", como seu comandante-em-chefe e governador, possuía um corpo de oficiais em sua maioria de nacionalidade alemã. Além disso, fizera-se acompanhar da elite dos artistas e cientistas germânicos, que revolucionaram a atrasada cultura do nordeste brasileiro. Entre eles, Markgraf, Piso, Schkoppe e outros. Também Manoel Beckmann, um dos mais ricos agricultores do Maranhão, um dos primeiros mártires da liberdade no Brasil, enforcado em 1685, era filho de pai alemão e de mãe portuguesa. Nascera em Lisboa. O Tenente-Coronel João Antonio Bohm, oficial prussiano que servira sob as ordens de Frederico II, o Grande, ocupou no Brasil o cargo de comandante de tropa, desde 1767; comandou as tropas do sul brasileiro contra os espa-

nhóis, assegurando-nos a posse dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. João Carlos Augusto de Oyenhausen Grevenberg, filho de oficial alemão a serviço de Portugal, chegou ao Brasil em 1803, ocupando o cargo de Governador do Ceará, de Mato Grosso e de São Paulo. Serviu com D. Pedro I depois da Independência, acompanhando-o à Europa, após sua abdicação.

Com a transladação da família real portuguesa, em 1808, para o Brasil, acompanhada de sua côrte, num total de, aproximadamente, quinze mil pessoas, dois grandes cientistas alemães foram trazidos pelo príncipe regente D. João: Friedrich Ludwig von Varnhagen e Wilhelm Ludwig von Eschwege, peritos em montanística e fundição de ferro. O primeiro, nomeado para a direção das obras destinadas à extração e fundição de ferro das minas de Sorocaba, SP, em 1814; no ano seguinte construiu o primeiro alto-forno brasileiro localizado em São João do Ipanema, e a 1.º de Novembro de 1818 inaugurava-se a "Real Fábrica de Ferro de São João do Ipanema", berço da siderurgia nacional". Em São João do Ipanema nasceu seu filho Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o visconde de Porto Seguro, historiador e diplomata brasileiro, autor de numerosas obras históricas, entre elas a monumental "História Geral do Brasil". Foi ele que descobriu no presbitério do Convento da Graça, em Santarém, o túmulo de Pedro Alvares Cabral, o qual, por três séculos, fôra ignorado⁸.

Em 1811, o barão Wilhem Ludwig von Eschwege recebeu o encargo de Supervisor Geral de Mineração e das Minas de Ouro de Minas Gerais. D. João VI encarregou-o de aperfeiçoar a exploração de ferro, ouro e chumbo. No município de Congonhas do Campo, implantou a fábrica de ferro "Patriota". Pela primeira vez no Brasil o ferro foi produzido em escala industrial. A produção de gusa começou em 1812 e funcionou até 1822. O termo "itabirita" foi usado por Eschwege pela primeira vez, para designar o minério de ferro. Instalou ele ainda em Abaeté, em 1812, a Real Fábrica de Chumbo, apesar da dificuldade de mão de obra. Procurou igualmente introduzir meios mais eficazes na mineração do ouro. Foi chamado o "Patriarca da Geologia Brasileira"^{7 8}.

A princesa Leopoldina da Áustria, que se casara com D. Pedro I em 1817, trouxe em seu séquito os melhores naturalistas do Império Austro-Húngaro e do Reinado da Bavária, entre eles Karl Philip von Martius, Johann Baptist von Spix, Alexandre von Humboldt, Georg Heinrich von Langsdorff, médico e pesquisador. Este último esteve no Brasil duas vezes: em 1803/1804 e em 1825. Neste ano veio ao Brasil como cônsul geral da Rússia (ele era natural da Alemanha), quando chefou uma expedição científica que desceu o rio Tietê, rumo a Cuiabá, na mesma rota dos bandeirantes, percorrendo a Amazônia até Santarém (1825 - 1829), de onde retornou à Rússia gravemente enfermo, com sintomas de alienação mental¹². Para essa expedição fôra contratado o desenhista João Mauricio Ru-

gendas que, entretanto, logo a abandonou, preferindo trabalhar por conta própria. Em seu lugar ficou o desenhista Amado Adriano Taunay que pereceu afogado tragicamente nas águas do rio Guaporé². Rugendas registrou em aquarelas e desenhos, 3.339 cenários do Rio de Janeiro e Pernambuco⁷.

Essa afluência de alemães, homens de ciência e artistas, comerciantes e operários, soldados e agricultores, deu origem às primeiras colônias, como a de Leopoldina, em 1818, e a de São Jorge de Ilhéus, sul da Baía, na mesma data⁸.

Oficialmente, os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil em Julho de 1824, destinados às colônias de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Também Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, recebeu imigrantes alemães, em Maio desse ano; entretanto, os documentos que poderiam comprovar tal prioridade, perderam-se em inundações, restando apenas a tradição oral⁷.

Em 2 de Julho de 1824, 43 pessoas procedentes de Hamburgo chegaram à Feitoria Velha do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Em Novembro seguinte mais 81 pessoas, lavradores, comerciantes, 2 médicos, um farmacêutico e um pastor protestante, fundaram a "Colônia Alemã de São Leopoldo". Glebas de 70 a 75 hectares foram distribuídas a mais de mil pessoas⁸. Um dos dois médicos, Johann Daniel Hillebrand, influiu decisivamente na colonização alemã nos estados sulinos. Participara, em 1815, da batalha de Waterloo. Colocou-se ao lado das autoridades imperiais, em 1835, por ocasião da revolta dos Farrapos e conseqüente proclamação da República de Piratini. Durante a epidemia de cólera-morbus, em 1855, demonstrou o Dr. Hillebrand grande abnegação e coragem. Pelos serviços prestados, mereceu o título de "Patriarca da Colônia de São Leopoldo". Durante a Guerra do Paraguai recrutou voluntários e organizou batalhões para lutar pelo Brasil. Foi amigo do Duque de Caxias que, certa vez, o presenteou com uma caixa de charutos. Destes, reservou o último "para o dia de sua morte": contando 80 anos de idade, pediu o "charuto de Caxias" e esperou tranqüilamente a morte⁷.

Os imigrantes alemães que vieram para o Brasil não eram todos nascidos em território da Alemanha, mas procediam também de outros países que integravam os Estados do Reich de 1871, como Alsácia-Lorena, Luxemburgo, Suíça, Áustria-Hungria, Romênia, Polônia e Rússia, com suas províncias bálticas. Definia-os sua unidade de idioma e cultura⁸.

Quando D. Pedro I se interessou pela vinda de imigrantes alemães, preocupava-se mais em conseguir soldados do que colonos; pois, "não confiava nos portugueses... nem nos arroubos libertários de alguns brasileiros; precisava garantir-se constituindo sua guarda; e a solução era aliciar mercenários europeus, na Alemanha e Suíça. Nem sempre era fácil recrutar "boa gente; ... vieram vagabundos e ociosos; 321 delinqüentes

foram deportados para o Brasil entre Junho de 1824 e Dezembro de 1826, sendo que a primeira leva de 163 pessoas, chegada no navio Georg Friedrich, saiu da casa de detenção de Gestrow. É a página negra da história do elemento germânico no Brasil, sentencia o pesquisador Carlos Hun-sche. A maioria desses elementos se integrou totalmente na vida da colônia e deu origem a famílias ilustres”.

Somente em 1827 chegaram a Santos, pela galera “Maria”, os primeiros imigrantes alemães destinados à lavoura paulista. A eles se juntaram outros 995 colonos vindos do Paraná, e destinados às colônias de Rio Negro, Cubatão, Itapicirica (12 famílias católicas) e Santo Amaro (17 famílias evangélicas)⁷. Azevedo Marques dá o número de 926 imigrantes procedentes da Alemanha meridional, os quais chegaram a São Paulo em 8 de novembro de 1827. Desses, 336 permaneceram na Capital, e os 550 restantes rumaram para o interior paulista. Os primeiros 336, instalaram-se perto de Santo Amaro, na estrada de Parelheiros. Seu sistema de trabalho de parceria não deu certo; e o núcleo Colônia extinguiu-se, sendo incorporado a Santo Amaro. Dele, hoje, restam a igreja, o cemitério e poucas casas, onde ainda vivem alguns descendentes chamados “alemães caipiras”, com sotaque de caipira do interior de São Paulo⁸.

Também Honório de Sylos faz referência à criação, no sertão do Rio Negro, hoje estado do Paraná, do primeiro núcleo colonial da província, por iniciativa do visconde de São Leopoldo, onde se localizaram alemães no início de 1827; logo depois, rumaram para Santo Amaro em número de 400. Entre 1827 e 1829, segundo o mesmo historiador, entraram em São Paulo 955 colonos alemães, sendo que, mais tarde, 80 famílias alemãs e suíças transportaram-se de Santos à fazenda Ibicaba, no município de Limeira, “a 36 léguas brasileiras de distância, por caminhos difíceis, cuja viagem durou 14 dias⁹. De acordo com o Suplemento Especial do jornal “O Estado de São Paulo”⁷, os primeiros imigrantes alemães destinados à cidade de Rio Negro, na província do Paraná, chegaram a 6 de fevereiro de 1829, para colonizar a estrada da Mata, entre Rio Negro e Mafra, na divisa com o estado de Santa Catarina.

Em 1828, alemães, quase todos artesãos, fundaram Guareí, próximo a Sorocaba. Fixaram-se nas cercanias da Real Fábrica de São João do Ipanema. Posteriormente, seguiram para Tatuí onde receberam títulos de posse, no bairro da Capela de São João de Guareí. Grande parte daquelas famílias provinha de Tréveris, célebre por conservar à relíquia do Santo Sudário. Hoje, Guareí, entre a rodovia Castelo Branco e a cidade de Itape-tinga, conta com 9.000 habitantes, dos quais 60% de descendência alemã⁷.

Segundo o médico José Maria Gomes, “A alta incidência de lepra nos municípios de Guareí, Tatuí e Angatuba, é devida aos colonos alemães vindos em 1824 que contraíram a lepra nos antigos focos de Limeira e

Piracicaba. Estes mesmos colonos fundaram em 1846 o povoado de Guareí para onde certamente levaram o mal"¹⁰. Tal afirmação, entretanto, sugere a seguinte consideração: os alemães que teriam contraído a moléstia, não podem ser os de 1824, porquanto estes rumaram para o Rio Grande do Sul. Somente em 1827 chegaram aqueles destinados à lavoura paulista. E a fundação de Guareí, segundo o Suplemento Especial do "O Estado de São Paulo"⁷, verificou-se no ano de 1828.

Entre 1824 e 1830, 10.000 alemães entraram no Brasil, sendo que 5.350 dirigiram-se ao Rio Grande do Sul; 1.500 a Friburgo; e pouco mais de 500 à Baía. Entre eles havia 2.500 oficiais e soldados, além de lavradores, artesãos, técnicos e industriais e comerciantes, professores, sacerdotes e médicos. Em 1830, imigrantes procedentes da Renânia instalaram-se em Curitiba. Em 1837, Friedrich Ludwig von Varnhagen e João Bloem, depois de formarem a Siderúrgica Ipanema, colocaram mais 277 alemães na estrada de Cubatão.

IBICABA

Segundo o historiador Reynaldo Kuntz Busch, a fazenda Ibicaba, localizada no município de Limeira, vizinho de Piracicaba, originou-se da sesmaria de Morro Azul, quando suas terras ("uma rata de 800 braças de testada de terras com sítio e cultivadas") foram adquiridas pelo senador Vergueiro e seu sócio Brigadeiro Luiz Antônio de Souza, constituindo-se a "célula mater de Limeira e o berço da colonização européia"¹¹.

Sobressaiu-se Ibicaba, não só pela presença de colonos europeus, predominantemente alemães, dos quais alguns certamente se deslocaram para Piracicaba, como ainda pela existência de um homem cuja atuação no cenário político brasileiro foi das mais relevantes, o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Português de nascimento, fixou residência em São Paulo, com escritório de advocacia. Desempenhou então vários cargos, entre outros os seguintes: representantes de São Paulo nas câortes portuguesas (1822); deputado constituinte (1823); deputado na primeira legislação brasileira (1826); senador (1828); regente do Império e Ministro; diretor da Faculdade de Direito de São Paulo. Adepto da Independência, destacou-se por sua ação liberal e oposicionista, o que lhe valeu, mais de uma vez, a prisão¹³. Foi um dos chefes do movimento liberal de São Paulo, ao lado de Feijó e Rafael Tobias de Aguiar.

Nicolau Vergueiro e outros requereram sesmarias às margens do rio Piracicaba, onde fundaram o Engenho Limoeiro e iniciaram a cultura canavieira (1807). Adquiriu a sesmaria Monjolinho (1814). Juntamente com o brigadeiro Luiz Antônio de Souza arremataram o sítio Taquaral e compraram a fazenda Monte Alegre⁵.

Em 1817 mudou-se para Piracicaba onde residiu durante oito anos, "na melhor casa, situada no largo da Matriz"¹¹.

Em 1825 transferiu-se para o Engenho Ibicaba. Foi então que, prevendo as dificuldades crescentes de contratar colonos nacionais, e dominado por sentimento profundamente humano que o tornava avesso ao trabalho servil, teve o mérito de iniciar o movimento imigratório, trazendo para suas fazendas, colonos europeus que, em trabalho pelo sistema de parceria, associavam-se ao patrão como meeiros, substituindo o braço escravo, "dando assim", segundo Afonso de E. Taunay, "o mais nobre exemplo de filantropia, aliás coerente com toda sua existência, norteados pelos mais nobres sentimentos dignificadores da condição humana"¹².

No ano de 1840, oitenta famílias portuguesas, procedentes da província do Minho, lavradores escolhidos, para a cultura de cafeeiros, foram trazidos por ele¹¹.

Azevedo Marques refere que, nesse ano, havia mais de mil colonos alemães em Ibicaba³.

Como foi referido, "entre 1827 e 1828 entraram em São Paulo 955 imigrantes alemães; depois, mais oitenta famílias alemãs e suíças, desembarcaram em Santos, rumando para Ibicaba"⁹, se bem que, de acordo com o trabalho de Moacyr Castro⁷, somente no ano de 1846 é que os alemães chegaram a Ibicaba, em número de 506⁷. Em 1847, von Tschudi assinalou a presença de renanos, bávaros, prussianos e hoelsterianos. Reynaldo Kuntz Busch escreveu que, nesse ano, Vergueiro e Cia. fundaram a "Colônia Vergueiro", engajando desde logo 423 colonos alemães¹¹. Fouquet, citado por Helio M. Krähenbühl¹, registrou 9.153 colonos alemães entrados no Brasil entre 1847 e 1855, a maior parte destinada a São Paulo, sendo que muitos deles com certeza se transferiram para Piracicaba.

Para Oliveira Ribeiro Neto,⁸ das 22 colônias do senador Vergueiro, muitos alemães se deslocaram para Campinas, Rio Claro, Monte Mor e Limeira.

Segundo ainda Moacyr Castro,⁷ havia, no fim dos anos quarenta, 8 mil alemães, em 22 colônias, trabalhando pelo sistema de parceria.

Em 1852, Artur Ramos, citado por Helio M. Krähenbühl¹, anotou a presença em Ibicaba, de "suíços de Unterwatz, nos Grisões, com mescla de suíços franceses".

Grande leva de suíços alemães chegara a Ibicaba em 1856, entre eles Thomaz Davatz, mestre-escola que os orientou contra irregularidades no cumprimento do contrato, motivando sua revolta no ano seguinte, obrigando a interferência do cônsul suíço, de autoridades governamentais e a presença de 30 soldados. Davatz apaziguou os ânimos, retirando-se em seguida para a Suíça onde escreveu suas "Memórias de um colono no Brasil", segundo as quais os colonos estavam com a razão.

Segundo Arlindo de Salvo, citado por Reynaldo Kuntz Busch, os colonos dessa fazenda distribuíam-se, no ano de 1858, da seguinte maneira: Colônia Vergueiro: alemães, 55 famílias e 227 indivíduos; suíços-alemães: 62 famílias e 267 indivíduos; suíços-franceses: 6 famílias e 41 indivíduos; portugueses: 55 famílias e 258 indivíduos; belgas: 3 famílias e 23 indivíduos. Esses números somados aos de outras colônias (São Jerônimo, Santa Bárbara, Morro Azul, Tatu, Capitão Diniz), totalizavam: alemães 576; suíços-alemães 314; suíços-franceses 41; belgas 23; portugueses 401; brasileiros 272; sem identificação 10. Total de europeus: 1.355.

"Eles propiciaram o braço técnico para a instalação de oficinas de ferreiro, carpinteiro, marceneiro, seleiro, etc. O carro de boi com roda presa ao eixo, foi logo substituído pelo carro de roda girando sobre o eixo, mais leve e mais rápido. O arado usado em 1847, foi o primeiro que sulcou a terra do Brasil, segundo afirmativa de André Rebouças. As oficinas de Ibi-caba forneceram a outras fazendas, instrumentos agrícolas, carruagens, etc. Até um descascador de café, inventado pelo senador Vergueiro, lá se fez e limpava mil arrobas por dia".

Os alemães, através dos tempos, exerceram importante atuação na comunidade brasileira.

Em 1840, dois mil imigrantes chegaram para fundar Juiz de Fora, a "Manchester Brasileira".

Em 1846, Hermann Bruno Blumenau desembarcou acompanhado de 17 imigrantes, na foz do ribeirão Garcia, onde hoje é a praça Hercílio Luz, na cidade de Blumenau, em Santa Catarina. Durante 10 anos a colônia Blumenau manteve-se como propriedade particular do seu fundador, até que o Governo Imperial decidiu encampá-la, mantendo Otto Blumenau na direção até sua elevação a município em 1880. Por ocasião da Guerra do Paraguai, ao apelo do Império, cem voluntários sob o comando de cinco ex-oficiais do exército alemão, incorporaram-se às forças brasileiras. Em 1884, Otto Blumenau retornou à Europa, "com justos ressentimentos pelas muitas ingratidões que sofrera, com as incompreensões e má vontade de algumas autoridades do Governo". Otto Blumenau era formado em Farmácia e Química, e em Filosofia⁸.

Também o Estado do Espírito Santo recebeu, em 1846, colonos procedentes de Hunsruck, destinados à colônia de Santa Isabel ou Campinho⁷.

Durante a guerra do Brasil contra Rosas e Oribe, em 1850, 1.800 alemães do melhor nível cultural e profissional vieram do condado de Schleswig-Hoelstein, para integrar a primeira linha do Exército. Desse contingente, a maioria terminou se radicando no Rio Grande do Sul. Com 200 fusís Dreyse, de agulha, de carregar pela culatra, nas mãos de 80 atiradores "brummer" — os resmungões — tiraram de combate os artilheiros de Rosas, na batalha de Monte Cáseros, abrindo uma brecha por onde penetraram as forças brasileiras. Desmobilizados, tomaram o rumo de São

Leopoldo e colônias vizinhas. Em 1855, São Leopoldo contava com 12.000 habitantes, e 899 fábricas e lojas, a maioria de propriedade dos "brummer". Nos 40 anos seguintes, 50 colônias foram implantadas, com a chegada de outros 15.500 imigrantes alemães. Joinville, SC, hoje centro manufatureiro, foi fundada em 1851, originando-se da Sociedade Hamburguesa de Colonização "D. Francisca", nome dado em homenagem à filha de D. Pedro I. Muitos imigrantes pertenciam às classes mais instruídas da Alemanha: burgueses, acadêmicos, oficiais e nobres⁷. Para Oliveira Ribeiro Neto, Joinville foi fundada em 1848, sendo que em 1850 chegou o primeiro grupo de alemães (duas famílias), e um ano depois, o segundo grupo, composto de 118 colonos⁸.

Frederico Sommer, citado por Helio M. Krähenbühl¹, refere que, em 1853, os alemães chegados a Piracicaba, procediam das colônias de Santo Amaro, Cubatão e Itapeçirica.

Teofilo Otoni, município de Minas Gerais, recebeu, em 1856, 43 famílias de alemães procedentes de Leipzig, e destinados à feitoria de Filadélfia. Posteriormente, novas levas aí se estabeleceram.

Em Campinas, no Estado de São Paulo, em 1858, contava-se com as presenças de Luiz Faber, o primeiro industrial da cidade; de Francisco Krug, fabricante de móveis e apetrechos agrícolas; de Jacob Boehmer, fabricante de cerveja. Em 1863 fundou-se a Escola Alemã, hoje Escola Rio Branco. O número de alemães em Campinas no ano de 1881, somava 3.000.

Em São Paulo, Capital, o farmacêutico Gustav Schaumann inaugurava a "Botica ao Veado D'Ouro Ltda.", em 1858, das mais reputadas.

Brusque, no Estado de Santa Catarina, foi fundada em 1860, pelo Governo Provincial, com 54 famílias alemãs.

A Siemens S.A. instalou-se no Brasil em 1872. É uma das mais antigas e importantes firmas, produzindo hidrogeradores de grande capacidade, presentes nas usinas de Furnas, Paranoá, Três Marias, Jaguará, Paulo Afonso III, Ilha Solteira, Passo Fundo e Volta Redonda; instalações telefônicas automáticas, equipamento de telecomunicação, relés ESK, além de aparelhos especiais contra surdez, equipamentos odontológicos e aparelhos radiológicos.

A última leva de alemães destinada à Fábrica de Ferro de Ipanema, em Sorocaba, foi trazida pelo major Joaquim de Souza Mursa, em 1873. Nesse mesmo ano chegaram os pomeranos à região serrana do Espírito Santo, precedidos por 160 suíços e 226 alemães e luxemburgueses, fundadores de Porto de Cachoeiro, depois Cachoeiro de Santa Leopoldina e, finalmente, Santa Leopoldina. (Pomerânia, território de influência polonesa, sueca e alemã, atualmente incorporada à Polônia). Ainda em 1873, alemães vindos da região dos Sudetos, fundaram a colônia de São Bento, em Santa Catarina. Em 1877, 4.000 teutos procedentes da Rússia, povoava-

ram o planalto paranaense, então completamente desabitado⁷. Entre 1877 e 1879, chegaram imigrantes do Volga, na Rússia, para Ponta Grossa, Palmeira e Lapa⁸.

Desde o início do fluxo imigratório de alemães para o Brasil, nos anos de 1824 até 1884, entraram quase 62.000 pessoas⁷.

O primeiro morador de nacionalidade alemã em Piracicaba, SP, cujo nome aparece em documentos, é o de Martinho Bernardino, caldeireiro, conforme consta do Recenseamento em 1835. Também José Stipp pode ser considerado como dos mais antigos moradores, vindo da colônia de Santo Amaro⁸.

Em 1854 residiam em Piracicaba dois médicos: Dr. Herrmann Kupfer e Dr. Hermann Melchert. Seus nomes constam do Inventário de Manoel Bento de Moraes¹. Dr. Melchert possuía uma Botica onde aviava suas receitas. Nela trabalhava o Sr. Cristiano Felipe Melchior, o Alemão Boticário² que não falava português. Ainda nesse ano, no livro de Atas da Câmara Municipal⁴ consta que 20 alemães "pedem dactas para pagarem em servisso".

Na colônia de São Lourenço, na fazenda de Luiz A. de Souza Barros, em Piracicaba, havia, em 1858, 28 famílias de alemães, com 145 pessoas, e 28 famílias de suíços-alemães, com 146 pessoas⁸.

Muitos alemães abandonaram a zona rural, em Piracicaba, vindo residir na cidade, dando origem ao "Bairro dos Alemães". Alguns trabalharam na construção da estrada para Campinas, sob as ordens do engenheiro Hermann Gunther; entre eles havia os que se embriagavam e se tornavam turbulentos. Outros adquiriram chácaras ou se estabeleceram com casas comerciais, marcenarias, carpintarias, selarias, etc. exercendo influência nos costumes locais. Aperfeiçoaram os carros de bois; empregaram pela primeira vez o arado; construíram veículos de quatro rodas; cultivaram hortaliças com que abasteciam Piracicaba, Rio Claro e Limeira, já em 1851⁶.

Em 1882, Conrado Engelberg inventou uma máquina de beneficiar café, obtendo privilégio para sua fabricação. O Mercado Municipal, em 1889, estava sob a administração de Hoffen-Baccher.

Daí por diante, aumentaram os nomes de origem germânica, sendo que seus portadores exerceram sempre relevante influência na sociedade piracicabana.

BIBLIOGRAFIA

1. "Almanaque de Piracicaba" — 1955 — Helio Morato Krähenbühl. Editora João Mendes da Fonseca.
2. "Viagem Pitoresca através do Brasil" — J.M. Rugendas — Biblioteca Histórica Brasileira — 5.ª Edição — 1954 — Livraria Martins Editora.
3. "Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo" — Manoel Eufrasio de Azevedo Marques — 1876.
4. "Viagem à América do Sul" — 1880 — Johan Jakob von Tschudi — Volume da Biblioteca Histórica Paulista — Livraria Martins — 1954.
5. "História de Piracicaba em Quadrinhos" — Leandro Guerrini — p 2 volumes — 1970 — Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba-SP.
6. "Aspectos da Evolução da Propriedade Rural em Piracicaba — No Tempo do Império" — 1975 — Maria Celestina Teideira Mendes Torres — Edição da Academia Piracicabana de Letras — Piracicaba, SP.
7. "500 Anos de Presença Alemã no Brasil" — Suplemento Especial de "O Estado de São Paulo" sobre a Alemanha. 26-XI-1978. Coordenação de Moacyr Castro.
8. "Sesquicentenário da Imigração Alemã" — Oliveira Ribeiro Neto — Revista da Academia Paulista de Letras — Ano XXXII — Dezembro de
9. "Em 1822, uma raça de boa saúde" — Aloisio de Toledo Cesar — "O Estado de São Paulo" — 29-8-1972.
10. "História da Lepra em São Paulo" — Flavio Maurano — 2 volumes — 1939 — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" — SP.
11. "História de Limeira" — Reynaldo Kuntz Busch — 1.º volume — 1967 — Edição da Prefeitura Municipal de Limeira — Limeira, SP.
12. "Enciclopédia Barsa" — 1972 — Volume VIII — Pág. 231.
13. "Enciclopédia Barsa" — 1972 — Volume XIV — Pág. 21.
14. "9.º Livro de Atas da Câmara Municipal de Piracicaba".

Índice

I — História da Instrução em Sorocaba (1660 — 1956)	09
Alúísio de Almeida	
II — Alma de Um Povo	77
Jahyra Boucault Arruda	
III — Tragédia no Sítio da Serra.....	89
Jaír Toledo Veiga	
IV — O Chimango Melchior de Mello Castanho	103
Néllo Ferraz de Arruda	
V — A Presença Alemã no Brasil.....	109
Oswaldo Cambiaghi	